LIVRARIA ACADÉMICA
J. GUEDES DA SILVA
8, R. Mártires da Liberdade, 12
PORTO — TELEFONE, 25988

RB 1968 50

VELUT ARBOR ÆVO

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

RIMAS
DE
JOÃO XAVIER
DE MATOS.

RAMAS
DE
JOÃO XAVIER
DE MATOS

RIMAS
DE
JOÃO XAVIER
DE MATOS
ENTRE OS PASTORES
DA ARCADIA PORTUENSE
ALBANO ERITHREO
DEDICADAS Á MEMORIA
DO GRANDE
LUIZ DE CAMÕES
PRINCIPE
DOS POETAS PORTUGUEZES
DADAS Á LUZ
POR
CAETANO DE LIMA E MELLO.
TOMO PRIMEIRO.
Quarta Impreſsão.

LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA. 1800.
Com licença da Meza do Deſembargo do Paço.

Vende-ſe na loja da Impreſsão Regia á Real Praça do Commercio.

Nem eu delicadezas vou cantando,
Co' goſto do louvor, mas explicando
Puras verdades já por mi paſſadas,
Oxalá forão fabulas ſonhadas.

CAMÕES. *Canç.* X.

PROLOGO

JUDICIOSO Leitor, as Poeſias de JOÃO XAVIER DE MATOS tão conhecidas, e eſtimadas dos noſſos Portuguezes, são as que offereço neſte pequeno volume á tua curioſidade: Elle poderia ſer maior, ſe fora vencivel o pouco apreço, que faz o A. das ſuas admiraveis compoſições, tanto em prejuizo dos que amão a bella ſimplicidade, e prézão mais os veſtidos proprios da natureza, do que os adornos empreſtados da Arte: Tu, que devo ſuppôr deſte número, não deſapprovarás o trabalho, que tomei, para darte a ler em hum ſó Livro os Teocritos, os Lobos, e os Bernardes.

Vale.

PROLOGO

SONETO

A FOITO córre o mar o navegante,
Por engroſſar nos lucros a fazenda:
Feche o ſoldado os olhos na contenda,
Por deixar do valor próva baſtante:

Palacios mil o cortezão levante,
Porque a cega liſonja mais o attenda:
O Rei grandes exercitos eſtenda,
Por conquiſtar a terra mais diſtante:

Trabalhe em fim por terra, e mar profundo
A louca, immoderada gente humana,
Que eu na minha pobreza he que me fundo:

Já huma alta ventura não me engana:
Seja a todos pequeno embora o Mundo,
Que eu caibo muito bem neſta choupana.

SO-

SONETO

MArino peſcador no Téjo andava,
Deitando a rede hum dia, e outro dia;
Mas por mais que a deitava, e recolhia,
Náo recolhia mais que o que deitava.

Outra vida buſcar determinava,
Vendo táo contra ſi a peſcaria:
Do lanço, e do batel ſe deſpedia,
E nas humidas praias o enealhava.

Na pobre vida de paſtor ſuccede;
Mas faltáo-lhe os cabritos na eſpeſſura,
Como algum dia os camaróes na rede;

Por quanto he natureza a deſventura,
Em váo he trabalhar; que náo procede
Da mudança do eſtado a da ventura.

SONETO

NEsta Aldea, onde estou, meu bom Filcno,
Graças a Deos, alegremente passo:
Pesco humas vezes, outras vezes caço:
O ar he são, he fertil o terreno.

Não bebo aqui de amor cruel veneno,
Nem ouço as vís escusas de hum escaço;
Não ando ás cortezias; e se as faço,
He a quem me não tem por mais pequeno.

Os homens são fieis; ha temperança
No vestir, e comer; paz, e alegria
Vivêrão sempre nesta vizinhança,

A idade de Ouro pouco mais sería;
Só me falta huma Bemaventurança,
Que era o ter-vos na minha companhia.

SONETO

LA' vem apparecendo a minha Aldea
Junto daquella ſerra deſabrida,
Que por entre arvoredos eſcondida
Confuſamente a viſta me recrea.

Mas a qual creatura ſerá fea
A habitação, aonde foi naſcida!
Por mais grandeza, em que ſe paſſe a vida,
Sempre em fim he madraſta a terra alhea:

Alli, fugindo ás mãos de quem me engana,
Soubera-me livrar das falſidades,
Que o Mundo tece á ſimples gente humana:

Quem de todo abraçára eſtas verdades;
E lá da minha ruſtica choupana
Diſſeſſe, para ſempre: A Deos Cidades!

SONETO

NAõ chóro como aquelle, que em perigo
Naufragou entre as ondas ſoçobrado:
Nem clamo, como o miſero ſoldado,
Que foi cahir nas lanças do inimigo:

Náo gemo como aquelle, que em caſtigo
Tocou duros grilhões encarcerado:
Nem paſmo como algum, que deſterrado
Perdeo da amada Patria o doce abrigo:

Sinto mais forte mal, pena mais dura;
Pois ſem nunca ſahir da minha Aldea,
Inda a vida anda em mim menos ſegura:

E ſe náo, vejáo ſe ha couſa mais fea,
Que vir a preciſar (triſte Ventura!)
Na propria terra de cabana alhea!

SONETO

VAõ os annos fugindo, e vai a idade
Correndo apôs dos meus: Vão as tardanças
Entre conſumidoras eſperanças
Gaſtando inutilmente a mocidade:

Huma vez deſengana-ſe a vontade
No contínuo exercicio das mudanças;
Outra vez já tentada das lembranças,
Se torna a confiar da variedade:

Aſſim ſe paſſa o tempo mal ſeguro,
Continuamente fabricando enganos,
Com que a todos promette hum bem futuro;

Mas eu, que eſtou exprimentando os danos
De tão incerta vida, que procuro?
Se não me aproveitar dos deſenganos?

SONETO

JÁ', Fortuna cruel, tenho aſſentado,
Por mais eſtaveis bens, que me offereças,
Que de balde no engano me intereſſas,
Pois já vivo incapaz de ſer tentado.

Se tenho ha tanto tempo exprimentado,
Que ſó para os roubar, he que os começas;
Agora guarda as tuas vans promeſſas,
Que eu te perdoo haveres-me enganado.

Dos teus dons apparentes deſconfio;
Sómente da razão não deſeſpero,
Com que a viver ſeguro principio:

Já nem me tardas, nem tambem te eſpero;
E ſe quanto me offreces renuncio,
Tudo me ſobra, porque nada quero.

SONETO

SAlve, Templo ſeguro, onde a vontade,
Os naufragios de Amor já não recea,
Beijando aquelle Altar, que ſe alumea
Da inextinguivel tocha da verdade:

Aqui deixo á razão, e á liberdade
Deſpedaçada a miſera cadea;
Agora iſenta a alma, e livre a idéa
Ouvirei cá de longe a tempeſtade:

Gemendo eſtão os miſeros humanos:
E a mim já não me altera aquelle eſtrondo,
Que inſurdeceo eſta alma tantos annos:

De lá me chama Amor, e eu não reſpondo:
Que para não me urdir novos enganos,
Nunca mais ſaberá, que aqui me eſcondo.

SONETO

SE acaso deito a vista da lembrança
Pelos longos desertos do passado,
Não encontra o solícito cuidado,
Mais que apenas os sitios da mudança:

Se a memoria outra vez, que não descança,
Se volta para o tempo não chegado,
Nas contingencias de hum futuro estado
Tropeça com mil riscos a esperança:

Em fim, se na presente adversidade
Recordo estas razões, basta hũ só dia,
Para fazer-me triste em toda a idade:

Pobre idéa, cançada fantezia!
Que não descobre em tanta variedade
O mais pequeno instante de alegria!

SONETO

Mil tempos reſiſti á força dura
Do fero Amor ; mas elle acautelado
Tinha a ultima induſtria eſcogitado
Em ſe valer da voſſa formoſura:

Aſſim o fez : Moſtrou-me a face pura ;
Quiz fugir-vos , não pude ; enamorado
Perdi o eſforço de que andava armado ,
Que de vós nenhuma alma eſtá ſegura:

De meu amor cruel executora ,
He toda voſſa a gloria da conquiſta ,
Recolhei os triunfos vencedora:

Quem no Mundo haverá q̃ vos reſiſta?
Se o meſmo Amor , para render-me agora ,
Foi pedir o ſoccorro á voſſa viſta?

SO-

SONETO

QUando nas mãos de Amor me vi ſujeito,
A razão em mil erros conſentindo,
Jurei de nunca mais, em lhe fugindo,
Sujeitar-me a ſeu barbaro preceito.

Ora pude eſcapar-lhe, e ver desfeito
O duro laço, que me andára urdindo,
Até que pouco a pouco fui ſentindo
De novas chammas inflammar-ſe o peito.

Olhando então por mim, achei quebrada
A ligeira promeſſa, a hum brando rogo,
Por minha propria mão ſacrificada;

Que juras contra Amor, por deſafogo,
São votos de tormenta já paſſada,
Que depois que ſerena eſquecem logo.

SONETO

VEm, ó Ninfa gentil, que não merece
O meu antigo amor, que aſſim te eſcondas:
Vem, doura as aguas deſſe mar, que ſondas,
Bem como o faz o Sol, quando amanhece.

Se a converſação minha te aborrece,
Já não digo, cruel, que me reſpondas;
Mas ſe quer, lá de longe ſobre as ondas,
A meus ſaudoſos olhos apparece.

Como ſe me figura, ó Ninfa amada,
Que já o cryſtallino corpo erguendo,
Vens ſobre as creſpas ondas levantada;

Mas ſó vem meu engano apparecendo;
Era huma onda, ergueo-ſe encapellada,
Lá ſe vai entre as outras deſfazendo.

SONETO

TRaz-me aos males de Amor tão eoſtumado
O meu forçoſo, o meu cruel Deſtino,
Que em ſer alegre já, não imagino,
Pois vivo de viver deſeſperado.

Deo-me a beber, por copo tão dourado,
O veneno de Amor deſde menino,
Que as meſmas qualidades de malino
Me tem naturalmente ſuſtentado.

O proprio mal, que a todos mais conſume,
Porque naſce de Amor, he o meu ſuſtento;
Que a quem he fogo, não offende o lume.

Já matar-me não póde o meu tormento;
Pois creado com elle por coſtume,
Fez em mim natureza o ſentimento.

SONETO

FUgindo fui de Amor, que me seguia
Com arco, aljava, e settas indignado,
De ver que tantos tiros tinha errado,
Sem lhe deixar fazer a pontaria.

Voltando o rosto ás vezes lhe dizia,
Como quem hia de correr cançado:
Que me queres, cruel? Desenganado
Já puderas estar da vã porfia.

Eis-que subitamente me apparece
Defronte a iniqua Mãi, que em mim pegava,
Porque fugir ao Filho não pudesse;

Mas como eu, della, já ferido andava,
Amor, que o golpe vio, desapparece,
Mettendo as settas outra vez na aljava.

SONETO

QUe me quereis, memorias de algum dia?
Trazer-me nova mágoa á conjectura?
Onde he tão diligente a desventura,
Escusa mensageiros a agonia.

Se vindes por fazer-me companhia,
Eu cedo deste obsequio; que he loucura,
Não podendo eu comvosco ter ventura,
Quererdes vós comigo ter valia.

Deixai-me descançar, triste memoria!
Que além de sem razão, será fraqueza
Conseguir de quem foge huma victoria.

Deixai-me; e se nasceis da ligeireza,
Com que voou a minha instavel gloria,
Segui-lhe agora a mesma natureza.

OSNETO

SÓ com o Grande, e immortal Camões
Me ponho a converſar noites, e dias:
Ora nas lacrimoſas Elegias,
Ora nas magoadiſſimas Canções:

Aqui me conta mil perſeguições
De Fortuna, e de Amor por tantas vias,
Que olhando para as minhas agonias,
Tirando ſempre vou ſabias lições.

Sobre elle os olhos ourras vezes paro
Já meios de agua; e digo então comigo:
Oh alma grande, eſpirio preclaro!

Que em vão me queixo ao Ceo do meu caſtigo!
Pois como não ſerá comigo avaro,
Quem foi tão pouco liberal comtigo?

SONETO

DO gosto, que já tive n'outra idade,
Que faço em recordar a longa historia?
Senão serve de mais esta memoria,
Que para mantimento da saudade?

Só póde da apprehensão a actividade
Fingir presente a cousa transitoria:
Que lucro pois, de andar fingindo a gloria,
Senão fazer invejas á vontade?

Ora eu hei de vencer esta porfia,
Por ver se hum pouco o coração descança,
Indo pôr n'outra parte a fantezia.

Mas oh desejo vão, louca esperança!
Como posso esquecer-me da alegria,
Se consiste o meu mal nesta lembrança?

SONETO

NEſte, que julga o Mundo abatimento,
Em vez de me alterar, vou conformado:
Se em qualquer tempo, ſe em qualquer eſtado
He certa a quéda, de que ſerve o augmento?

Se hum longo, e perennal contentamento
Entre os humanos a ninguem foi dado;
Embora gyre o meu voluvel Fado,
Com tanto que me deixe o ſoffrimento.

Eu parto, ſim, com animo diſpoſto;
E quanto mais o meu pezar profundo,
Tanto a razão o vai trocando em goſto.

Inda o deſterro me ſerá jucundo;
Porque tendo á deſgraça alegre o roſto,
He Patria para o ſabio todo o Mundo.

SONETO

SEnhora, esses espiritos ditosos,
Que andárão nesta vida desterrados,
Na Patria estão dos Bemaventurados,
Inda mais vivos, inda mais gostosos.

Se perdêrão teus mimos amorosos,
No Ceo não falta quem lhes faça agrados;
E nos braços dos Anjos descançados
Não vivem já, como nos teus, chorosos:

Bem sei que a maternal humanidade
Não será facilmente transitoria;
Mas tambem a razão vence a saudade.

Conserva embora delles a memoria;
Mas cheia de huma tal conformidade,
Que, se he possivel, lhes augmente a gloria.

SONETO

Quantas vezes pacifico, e contente
Debaixo daquella arvore ſombria,
Deitado ſobre a relva adormecia,
Ouvindo murmurar eſta corrente?

Quantas tocando a flauta alegremente,
(Porque inda então d'amores não ſabía)
O pequeno rebanho que trazia,
Era todo o meu trafego innocente?

Perdi a quietação deſta bonança;
E ſó n'um voltar de olhos, ſem cautela,
Perdi tudo o que tinha na eſperança:

Ninguem ſe fie em ſi, e menos nella:
Em fim, porque não tenha igual mudança,
Se acaſo vir Lorinda, fuja della.

SONETO

PÉga, Lucrecia, no punhal violento,
E dando exemplo de conſtancia ao Mundo,
Executa no peito hum ſem ſegundo
De heroica acção honrado atrevimento.

Parece que baſtava o ſeu tormento
A fazer-lhe inda hũ golpe mais profundo;
Mas não póde com animo iracundo
Eſperar que a mataſſe o ſentimento:

Abre a fatal ferida, o ſangue corre
A remir tanta injúria; e antes que clame
Do Eſpoſo a offenſa, honradamente morre.

Cruel parece; mas ninguem lho chame,
A miſera Lucrecia; pois diſcorre
Que ha morte honrada, quando ha vida infame.

SONETO

Filho, por mais que a Praça combatida
Vejas, ou por valor, ou por deſtreza,
Não recees morrer; porque a vileza
Só conſiſte na entrega, ou na fugida:

Ainda que ceda a eſpada enfraquecida,
Corra por conta da alma a fortaleza:
Não eſtá na tua mão ganhar a empreza,
No teu valor eſtá perder a vida.

Eu tambem aqui morro; mas o honrado
Conſtante amor da Patria eſtá primeiro:
Bem to deixo na acção recommendado;

Que ſe á Praça não ſirvo já guerreiro,
Ao menos no conſelho, que te hei dado,
A ſoccorro depois de prizioneiro.

SONETO

NAõ foi divida ſó, mas natural
Em vós, do ſal a nova promoção;
Que miniſtrado por tão ſabia mão
Ninguem ſe deve deſgoſtar do ſal.

Será o bem commum, ſerá igual
No gyro da fiel diſtribuição;
Que o meſmo ſal, que impede a corrupção,
Tambem corrompe, ſe ſe applica mal.

Dando á terra de novo outro eſplendor,
Fareis em minas de ouro converter
As marinhas do ſal, que daqui for.

Os nacionaes, e eſtranhos o hão de ver;
E huns, e outros vos darão louvor,
Em quanto o Sado para o mar correr.

SONETO

MEu Pai, o nupcial ajuntamento
Foi ſempre todo o objecto ao meu cuidado;
Achei Conſorte em diſcrição, e agrado
De nobre, e ſingular merecimento.

Ella tem das virtudes o ornamento:
Náo ha dote mais rico; e o noſſo eſtado
Para ſer tão feliz, como ſagrado,
Só lhe faltava o ſeu conſentimento.

Bem que delle abuſei, ao que parece,
Os meus deſignios regulei de ſorte,
Que queixar-ſe a razão nunca pudeſſe:

Nem ha para o perdão outra mais forte,
Que ſer tal a Conſorte que elegeſſe,
Qual buſcando-ma Tu, foſſe a Conſorte.

SONETO

OUvio Amor teu canto, e ſurpendido
Da magica harmonia, que eſcutava,
O arco, e as duras ſettas, que empunhava,
Deixou cahir das máos, como eſquecido.

Depois tornando em ſi mais advertido,
A teus mimoſos pés depoz a aljava;
E aquelle, que vencendo almas andava,
De teu eeleſte canto foi vencido.

Cada vez cheio de mais novo eſpanto
Amor confeſſa, que da humana gente
Os coraçõeſ não ſabe mover tanto.

Rendeo-te as armas: Como andou prudente!
Pois de que ſervem ellas, ſe o teu canto
Fere inda as almas mais ſuavemente?

SONETO

A Caſo fui ſenhor, rico, eſtimado;
Que perdeſſe depois honra, e dinheiro?
Depois de General, fui prizioneiro?
Deſcí do aureo Sceptro ao vil cajado?

Fui guardador de numeroſo gado,
A quem depois ficaſſe hum ſó cordeiro?
Fiz ſerviços á Patria aventureiro,
Que me viſſe depois mal premiado?

Se nada diſto fui, onde me querem
Levar idéas vans, que o Fado ordena,
Só porque mais o meu ſocego alterem?

Seja qualquer que for a minha pena:
Oh bemaventurados os que derem
Ao cahir huma quéda tão pequena!

SONETO

QUe será iſto? As Ninfas enfeitadas?
O Téjo a longa barba penteando?
Os Paſtores as ftautas temperando?
Sem comer as pacificas manadas?

Todas as portas dos caſaes juncadas?
Fóra do ninho os paſſaros cantando?
E nos troncos das arvores gravando
Letreiros as Serranas apreſſadas?

Hei de chegar-me a ler; porque o que vejo,
E traz a todos geralmente ufanos,
Denota algum grandiſſimo feſtejo:

Diz o letreiro: *Alviçaras*, *Serranos*,
Que a Ninfa Tutelar do noſſo Téjo,
A formoſa Filippa, *hoje faz annos.*

SONETO

HUns graciosos olhos matadores,
Que ás vezes por mortaes ficão mais bellos,
Huns dourados finissimos cabellos,
Das madeixas do Sol desprezadores:

Huma face, de donde as proprias cores
Da matutina luz tirão modêlos;
Huns agrados tão doces, sem fazellos,
Que por elles Amor morre de amores;

Hum riso tão parcial da honestidade,
Que no insensivel causará destroço,
Quanto mais na razão, e na vontade:

Esta he a Minha: Oh timido alvoroço!
Eu tomo de dizello a liberdade:
Esta he a Minha... a Minha... mas não posso.

SO-

SONETO

Por que fogcs, Paſtora, a hum deſgraçado,
Correndo atrás de ovelhas neſte outeiro?
Olha que inda que ſou pobre vaqueiro,
Vil o meu coração mais que o teu gado:

Sem ti ando ha mil dias deſgarrado:
Eſpera hum pouco; que não he primeiro
Acudir sos balídos de hum cordeiro,
Que ás queixas de hum Paſtor deſconſolado.

Mas vai, Paſtora, a mais cruel que ha hoje;
Não queira o Ceo, que tanto me perſegue,
Que o meu contínuo ſuſpirar te enoje.

Socega tu, e eu tambem ſoccegue;
Já que por hum rebanho, que te foge,
Queres deixar huma alma, que te ſegue.

SONETO

EU vi huma Paſtora em certo dia
Pelas praias do Téjo andar brincando,
Os redondos ſeixinhos apanhando,
Que no puro regaço recolhia.

Eu vi nella tal graça, que faria
Inveja a quantas ha; e o géſto brando,
Com que o ſereno roſto levantando,
Parece namorava quanto via.

Eu vi o paſſo airoſo, a compoſtura,
Com que depois me pareceo mais bella,
Guiando os cordeirinhos na eſpeſſura.

Eu o digo de todo; vi a Eſtélla:
De graça, de candor, de formoſura
Só poderei ver mais, tornando a vella.

SONETO

CRuel, fica-te em paz, e o vil intento
Conſegue embora, como o tens diſpoſto:
Teus olhos, tuas lagrimas, teu roſto,
Já nada tem comigo valimento:

Já eſtá no meu feliz conhecimento
Reſtaurada a razão, perdido o goſto:
Nem he a vez primeira, que o deſgoſto
Fez cobrar o perdido entendimento.

A meſma dor da offenſa recebida
Me fez tornar a mim: Já não me falles
Na rota fé mil vezes promettida;

E por mais anſias, que affectada exhales;
Chega tarde o remedio da ferida,
Que eu já curei meus males com meus males.

SONETO

SE intentais neſſe engano induſtrioſa
Ser a minha gentil fera homicida,
Para que he de cruel ritar-me a vida,
Quando podeis matar-me de formoſa?

Fareis, moſtrando a face portentoſa.
Que fique ſendo a morte appetecida:
Deixai de acautelar-vos eſcondida,
Que em vós indicios são de criminoſa:

Aſſim me matareis mais á vontade,
Moſtrando-me eſſa Angelica figura:
Que o mais não he valor, fora impiedade:

Táo infame ſereis, e eu ſem Ventura,
Que por dar hum triunfo á crueldade,
Negueis huma victoria á formoſura?

SONETO

A Deos, Paſtora ingrata, já de Aleixo
Não te recordes mais, perde a eſperança;
Que eu apago tambem a ſegurança,
Que no tronco gravei deſte alto freixo.

Mas ſe entre os deſenganos, que te deixo,
Ainda recordo a tua infiel mudança,
O tempo riſcará eſta lembrança,
Que tambem a corrente gaſta o ſeixo.

E poſto, que lembrar-me poſſa a hiſtoria
Do noſſo amor por força da ſaudade,
Hão de os aggravos confundir a gloria:

Mas triſte allivio he eſte na verdade!
Se inda para riſcar-te da memoria,
Preciſo que me lembre a falſidade.

SONETO

SE eu me víra n'um boſque, onde não déſſe
Sinal, veſtigio humano de habitado,
De verdenegras ramas tão fechado,
Que ainda alli de dia anoiteceſſe:

Se então lá de hũa balſa ao longe houveſſe
Gemendo hum mocho, e tudo o mais calado:
Só d'entre alguns rochedos pendurado
Com ſom medonho, hum rio alli correſſe:

Em fim n'um lugar tal; onde os meus dias
Conſumindo ſe foſſem na certeza
De não tornarem mais as alegrias:

Faminta ainda a triſte Natureza,
Cercada alli de tantas agonias,
Nem então ſe fartára de triſteza.

SONETO

DEpois que a mil tormentos offrecido,
Já de mui larga idade tinha o peito,
Amor me appareceo tão contrafeito,
Que me enganou depois de conhecido.

Parece que ou Amor compadecido,
De meus males eſtava ſatisfeito;
Ou que eu de novo á dura Lei ſujeito,
Tinha já ſeus enganos eſquecido.

Mas não foi erro em mim, nem nelle engano:
Em mim, porque mui bem o conhecia;
Nelle, porque mil vezes foi tyrano.

Pois donde tal deſordem naſceria?
Da fraqueza naſceo de hum peito humano,
Que do meſmo que teme, ſe confia.

SONETO

QUe aſſim ſahe a manhá ſerena, e bella!
Como vem no Orizonte o Sol raiando!
Já ſe vão os outeiros diviſando;
Já no Ceo ſe não vê nenhuma Eſtrella.

Como ſe ouve na ruſtica janela
Do patrio ninho o rouxinol cantando!
Já lá vai para o monte o gado andando:
Já começa o barqueiro a içar a véla:

A Paſtora acolá, por ver o Amante,
Com o cantaro vai á fonte fría:
Cá vem ſahindo alegre o caminhante;

Só eu não vejo o roſto da Alegria:
Que em quanto de outro Sol morar diſtante,
Não ha de para mim naſcer o dia.

SONETO

COmo eſtá eſte ſitio ſocegado!
Que aſſim caminha ſurdo eſte ribeiro!
O vento não faz bulha no ſalgueiro:
Que feio o monte eſtá, que triſte o prado!

Dos guardadores não ſe eſcuta o brado;
Té parece que dorme o Mundo inteiro:
Só pela encoſta lá daquelle outeiro
Vejo hum lume ora accezo, ora apagado:

Algum Paſtor ſerá, que a porta abrindo,
Na choupana eſtará fazendo lume:
Como ſe vai o coração cubrindo!

Pois que importa o ſocego, ſe o coſtume
Faz com que ſempre n'alma eſteja ouvindo
Os eſtrondos, que faz o meu ciume?

SONETO

Por mais qũe faça hum atrevido eſtudo
De expôr á excelſa Tirce o meu deſejo,
Buſcando vella ſó, ſó porque a vejo,
Em lugar de dizer-lho, fico mudo:

Animo-me outra vez, fallo, e com tudo
Não ſei ſe por temor, ſe por cortejo,
Abaixo os olhos, encho-me de pejo,
E fico então mais triſte, que fizudo.

Ella, que eſtes affectos me tem viſto,
Pergunta-me: *Que tens?* Para explicallo
De mais valor o animo reviſto:

Vou a dizer-lho, balbuciente fallo;
Formo algumas razões, ateimo, inſiſto,
Mas de novo ſuſpiro, tremo, e callo.

SONETO

POz-ſe o Sol; como já na ſombra fea,
Do dia pouco a pouco a luz deſmaia!
E a parda mão da Noite, antes que caia,
De groſſas nuvens todo o ar ſemea!

Apenas já diviſo a minha Aldea;
Já do cypreſte não diſtingo a faia:
Tudo em ſilencio eſtá: Só lá na praia
Se ouvem quebrar as ondas pela arêa.

Co' a mão na face a viſta ao Ceo levanto,
E cheio de mortal melancolia,
Nos triſtes olhos mal ſuſtenho o pranto:

E ſe inda algum allivio ter podia,
Era ver eſta Noite durar tanto,
Que nunca mais amanheceſſe o dia.

SONETO

OH quem pudera á ſombra deſte arbuſto
Paſſar o tempo da reſtante vida,
Cantando para ſempre a deſpedida
Da habitação, aonde mora o ſuſto!

Faz deſte monte o tráfego robuſto
Inveja á dignidade mais ſubida:
E adora o cortezão à immenſa lida
De hum mando inda pezado, quando he juſto.

Oh bemaventurada deſiſtencia
Daquelles, que por tão feliz bonança
Trocátão das Cidades a opulencia!

Só em ti, ſe ha no Mundo ſegurança,
Póde, ó ſanto lugar, ſem contingencia
Gozar huma alma a paz, em que deſeança.

SONETO

QUe triſte, que profunda ſoledade
Se óbſerva aqui de ſima deſte outeiro!
Não anda lá no mar nenhum barqueiro,
Não ſe ouve aigum rumor cá na Cidade.

Como da Lua a frouxa claridade
Pratea aquelle monte derradeiro!
Não ſabe a viſta aonde vá primeiro
Fartar o penſamento de ſaudade:

O Ceo ſereno como eſtá ſizudo!
Quieta a planta, o mar adormecido,
A terra ſocegada, o vento mudo;

Mas que eſtrondo fizera, e que alarido
Ceo, planta, mar, e terra, vento, tudo,
Se rompeſſe o ſilencio o meu gemido!

SONETO

DIvina Laura, ſe vencer deixaſſes
Dos meus queixumes o teu genio eſquivo,
E para mim com roſto compaſſivo
Eſſes formoſos olhos inelinaſſes:

Víras ſervir-te, em quanto me mandaſſes,
Ou foſſe com razão, ou ſem motivo;
Víras-me por meu goſto andar captivo,
Por mais, e mais grilhões, que me deitaſſes;

Víras eſta alma, que tu meſma feres,
A teu mando ſujeita, expôr-ſe forte
A quantos riſcos idear puderes:

Mas ah! Que inda es cruel da meſma ſorte!
Ja ſei que o que de mim ſómente queres,
He ver em lugar diſto a minha morte.

SONETO

AGora, em quanto deſpertando a gente,
Lá no patrio Orizonte a luz não raia,
Gozarei da freſcura deſta praia,
Se tanto o meu Deſtino me conſente.

Verei do Téjo a placida corrente,
Como enrolada ſobre a areia eſpraia;
Ouvirei entre os ramos deſta Faia
Queixar-ſe o rouxinol ſuavemente.

Mas louco, em fim, em q̃ me eſtou detendo!
Queria eſtar huma hora ſoccgado,
Cuidando que era pouco o que pertendo?

Não; que voando Amor junto a meu lado,
Com magoada voz me eſtá dizendo,
Que inda vivo de Laura deſprezado.

SONETO

Vio Alberto a Filena, enamorado
Tanto no géſto da Paſtora ardia,
Que ſó por merecella, lhe offrecia
Tudo quanto mandava o ſeu cajado;

Mas ella, que ſó tem todo o cuidado
Na tarefa, que traz da lã que fia:
Hum ſorriſo lhe deo, com que faria
Mover o coração mais ſocegado.

Suſpira Alberto, e chama-lhe tyrana:
Filena então ſe ſobreſalta, e altera,
E dá-lhe as mãos receoſamente humana.

Satisfeito o Paſtor confia, e eſpera:
Vão ambos converſar para a cabana.
Oh ſe iſto meſmo a mim me ſuccedêra!

SONETO

DOrmindo eſtava Algano; e porque Alberta
Junto a ſi lhe parece que eſtá vendo,
Abrindo os braços, as mentiras crendo,
Com elles cuida que a Paſtora aperta.

Tanto aquella ventura tem por certa,
Tanto ſe vai de amor internecendo,
Que á força de hum gemido eſtremecendo,
Só comſigo abraçado então deſperta.

Deſperta, e diz: *Que importa que a alegria*
De ver-te me fugiſſe, ſe ſuſpeito
Que me fazes eterna companhia?

Inda exiſtes a meſma no conceito:
Se faltas no lugar, em que te via,
Foi porque te eſcondeſte no meu peito.

SONETO

CHegou o tempo, em fim, que eu mais temia:
Manda a Fortuna que de ti me auſente;
E mil vezes Amor, que o não conſente,
Ao coração preſago mo dizia.

As mimoſas palavras, que te ouvia,
Quando a eſcutallas tornarei contente?
Quando verei teu roſto brandamente
Voltar-ſe para mim como algum dia?

Se eſta certeza alguem me fora dando,
Inda que tarde, ao menos com meus ais
Tão longo mal iria alliviando;

Mas diz-me o coração ſegredos taes,
Que até receio perguntar-lhe o quando,
Pois póde reſponder-me: *Nunca mais.*

SONETO

DOrmindo Anarda eſtá. Quem te dilata
Que não vingas, Amor, a tua affronta?
Alli tens a cruel, de quem ſe conta,
Que ſó teu forte Imperio desbarata.

Gema huma vez, quem tantas vezes mata:
Agora, agora tens occaſião prompta:
Impunha o arco, e com dourada ponta
De aguda ſetta, fere aquella ingrata;

Porém olha não ſejas preſentido;
Que ſe em ti põe os olhos penetrantes,
Em vez de vencedor, ſerás vencido.

Mas ai que ella acordou! Triſtes amantes;
Fugi, fugi, que tudo eſtá perdido,
Pois vive Anarda ingrata, como d'antes.

SONETO

ALbino, cuja idade inda o levava
Por innocentes paſſos, certo dia,
Parando, a hum tanque, que ſereno via,
Com deſiguaes pedrinhas atirava:

Aſſim que davão n'agua, eſta ſaltava,
E mil diverſos circulos fazia:
A hum pequeno, outro grande ſuccedia,
Até que outra pedrinha lhe deitava.

Eu eſte ſimples paſſatempo vendo,
Lembrei-me que tambem os desfavores,
Que padeço, huns dos ontros vão naſcendo:

E não depondo a Sorte os ſeus rigores,
Daquelle meſmo modo ſuccedendo
Verei meus males cada vez maiores.

SONETO

TAnto neſte ſaudoſo apartamento
Vos repreſenta Amor na conjectura,
Que erradamente a viſta vos procura,
Cuidando ſer verdade o fingimento.

Então, quanto me pinta o penſamento,
Imagens são da voſſa formoſura;
E ſe nelle outra couſa ſe figura,
He ſó temor do voſſo eſquecimento.

A's vezes, qual depois de hũ largo ſonho,
Mil couſas, que me aſſuſtão de contino,
Na vaga idéa a revolver me ponho;

Mas queira o Ceo por eſta vez benino,
Já que he falſa a Ventura que ſupponho,
Que ſeja engano os males, que imagino.

SONETO

DEpois que a linda Altea deſtes prados
Ditoſa foi ſazer outra eſpeſſura,
Já não vemos correr a fonte pura,
Só ſe for a dos olhos magoados.

Tudo neſtes contornos são cuidados,
Naſcidos de tamanha deſventura,
Píza ſem dono o gado a ſemeadura,
Já ſe não vê na Aldea entrar cajados.

As Paſtoras deixárão de ir ao rio,
As abelhas fugírão da colmea,
O rebanho ſe fez magro, e bravio:

Andão todos dizendo: *Altea, Altea,*
Onde eſtás? Torna a vir, que o teu deſvio
Tem-nos feito mais perda, que huma cheia.

SONETO

A Deos, Natercia ingrata, a Deos impía,
Já tudo ſe acabou, rompeo-ſe a venda,
Já não levo cadeia, que me prenda;
Que a razão he mais forte, que a porfia:

A chamma ſe extinguio, e a cinza fria
Sómente guardo por final da emenda;
Mas para que outra vez ſe não accenda,
Já eſtá fóra das Aras, em que ardia.

Tua mudança (bem que n'alma gravo)
He na memoria ſó onde a contemplo,
Para não ſer já mais de Amor eſcravo:

E da Verdade no piedoſo Templo,
Das injurias de Amor, por deſaggravo,
As cinzas, e os grilhões ſirvão de exemplo.

SONETO

PAſſa o frio Janeiro, o ardente Agoſto.
Torna Janeiro a vir, e Agoſto paſſa,
Lança-ſe, creſce, arranca-ſe a linhaça,
E tu a maltratar-me por teu goſto,

Se te fallo em amor, voltas-me o roſto,
Fazes-me quando muito huma negaça,
Sem ſer poſſivel que te caia em graça,
Por mais forças que niſſo tenha poſto:

Até os mais Paſtores, que vem iſto,
Dizem. fazendo móſa do meu trato:
Bem tem zombado Brazia de Calliſto;

E ſe ateima ō teu genio a ſer-me ingrato,
Olha Brazia, eu então deixo-me diſto,
Que não quero paſſar por inſenſato.

SONETO

Vio-me Altea, com livre desafogo
Gozar dos frutos de hum tranquillo estado;
E achando-me de Amor tão descuidado,
Chegou, ferio-me, e retirou-se logo:

Agora, que entre lagrimas lhe rogo,
Que remedee o mal, que me ha causado,
De longe está com gésto simulado
Ateando ainda mais de Amor o fogo.

Não ha maior traição, maior crueza,
Do que ferir-me, e assim negar-me a cura,
Como que nada do meu mal lhe peza:

Mal haja Amor! Mal haja a formosura!
Ella, porque em amor não tem firmeza;
E elle, porque em mim não tem Ventura.

SONETO

CUidei, oüvindo a doce melodia
Daquelle paſſarinho namorado,
Que alliviaſſe em parte o meu cuidado,
Como já n'outro tempo ſuccedia:

E vendo as aguas, que eſta rócha envia
A regar manſamente o verde prado,
Que, eſquecido das muitas que hei chorado,
Com roſto enxuto agora cantaria.

O contrario ſuccede; porque em quanto
O agradavel objecto eſtá defronte,
Dos triſtes olhos mais ſe engroſſa o pranto;

Pois foi a minha gloria neſte monte
Mais ſuave que as vozes deſſe canto,
Mais ligeira que as aguas deſta fonte.

SONETO

MAndou-me, que cantaſſe Amor hum dia
Quantos effeitos ſeus huma alma ſente;
E para começar mais altamente,
Logo á Ventura protecção pedia.

Puz-me a cantar; mas ella me fugia:
Importunei ò Ceo, a terra, e a gente;
Que quem naſceo para chorar ſómente,
Por bem que cante, a todos enfaſtia:

Mil vezes diſſe a Amor que eſtava rouco,
E que era tido já da gente dura,
Humas vezes por neſcio, outras por louco.

Rindo-ſe em fim da minha deſventura,
Reſpondeo-me: *Não ſabes que val pouco*
Querer cantar de Amor, ſem ter Ventura?

SONETO

Aquelle, que inda eſpera ter Ventura
Com peito feminil, que louco eſpera!
Pois quando mais feliz ſe conſidera,
Então encontra a fé menos ſegura.

Como filha do mar a formoſura,
Com elle ora ſe amanſa, ora ſe altera:
Não he mais vária na Celeſte Esfera,
A que muda tres vezes de figura:

O deſengano, que eſte aviſo inſpira,
Não he ſegredo, que revélo agora,
He já deſordem, com que o tempo gira,

Porque no peito de quem cego adora,
Se o goſto, aſſim que naſce, logo eſpira,
Já mais a deſventura ſe melhora.

SONETO

DE Amor em triſtes lagrimas banhado,
De que nunca ſe farta o meu deſgoſto,
Huma vez para o Ceo levanto o roſto,
Outra vez para o chão olho inclinado.

Quaſi ſempre das gentes apartado,
Nos ſitios mais deſertos eſtou poſto:
Agora ſobre a mão a face encoſto,
Agora vou correndo exaſperado:

Mil idéas já formo, e já desfaço;
E porque o Mundo em fim me não condene,
Forço na boca hum riſo frio, e eſcaço.

Aſſim ando, ó formoſa Dinamene;
Pois ſendo a cauſa tu de quanto paſſo,
Fazes tão pouco caſo de que eu pene.

SONETO

COmo ſoffres, ó Jupiter Supremo;
Que a gentil Galatea por ſeu goſto
Deſcance indignamente o alvo roſto
Nos braços vís do bruto Polifemo?

He poſſivel paſſar de extremo a extremo,
Tocando aquelle ſingular compoſto
Com feias mãos, ſujeito ſó diſpoſto
Ao duro punho do pezado remo?

Tu pois, que o movimento te he ſujeito
Da natureza em tudo tão conforme,
Não conſintas agora eſte defeito:

Faze de Galatea hum tronco informe:
Vingue-ſe aſſim das Ninfas o reſpeito;
E ſe ama hum tronco, em tronco ſe transforme.

SONETO

Ponho tão livre os olhos em Damiana,
Que a vejo ás vezes, e não sei se he ella;
E ainda quando chego a conhecella,
Não me lembra se quer que foi tyrana.

De a ver alhea, de a julgar ufana,
Nem prazer, nem desgosto me desvela.
Graças a Deos, que já chegou aquella
Hora feliz, que a poucos desengana!

Que me deixasse em fim, que me fugisse,
Que me póde importar, se daqui nasce
Conhecer a razão, já sou felice;

Porém nunca cuidei que ella chegasse
A merecer tão pouco, quando a visse,
Que nem para o desprezo me lembrasse.

SONETO

OS annos da feliz puerilidade
Chorei ſem culpa, e conſumi ſem goſto;
Depois creſcendo, vegetou-ſe o roſto
Daquella ſombra, que authoriza a idade.

Foi-me ſendo plauſivel a maldade,
Buſcando o allivio por caminho oppoſto:
Chamei prazer, ao que me deo deſgoſto,
Quiz acertar, fugindo da verdade.

Como deſpojo atado finalmente
Ao carro infame da cegueira eſtive:
Que mais fizera irracional vivente?

Nunca uſei da razão, depois que a tive;
Que aſſim he triſte, o que aſſi eſtá contente!
Como vive enganado, o que aſſim vive!

SO-

SONETO

AQuelle amor, que tinhas n'alma eſcrito,
Onde eſtá? Dize, ó falſa. Tão depreſſa
Como he poſſivel, que hum amor ſe eſqueça
Tantas vezes aos Ceos jurado, e dito?

O' praza aos meſmos Ceos, que imploro afflicto,
Que inda igual deſventura te aconteça!
Pois como teſtemunhas da promeſſa
Hão de ſer vingadores do delicto:

A' minha viſta te caſtiguem logo
Com deſamor, deſprezo, e deſagrado;
Porém que peço, que ſupplico, e rogo?

Não ſeja aſſim teu crime caſtigado;
Porque eu tenho mais prompto deſafogo
Em chamar-te mulher; e eſtou vingado.

SONETO

Voa, ſaudoſo Amor, e em breve giro
Abrindo as braneas azas docemente,
A' bella Dinamene diligente
Leva da minha parte eſte ſuſpiro.

Se o reeeber tão bem conforme infiro,
Deſta memoria, que lhe devo auſente,
Dize-lhe tudo, o que minha alma ſente,
Deſde o ſeu cuſtoſiſſimo retiro.

Dize-lhe mais, que ao menos a amargura
Do ſeu eſquecimento hum pouco adoço
Com tão nova, e ſuaviſſima eſcritura:

E que em fé do meu íntimo alvoroço
Fico (*dize que o viſte*) com ternura
Beijando as letras, já que a mão não poſſo.

SONETO

O Tempo, que veloz deſapparece,
As couſas d'ante os olhos apartando,
A voſſa formoſura reſpeitando,
Hoje com ella a todos enriquece:

Não corre para vós, antes parece
Que o veneravel géſto levantando,
Em voſſas altas prendas contemplando,
De voltar o relogio então ſe eſquece.

E com razão, que oppôr-ſe-vos ſería
Profanar cegamente a immunidade,
Que a tão gentil preſença ſe devia;

Mas ou por intereſſe, ou por vaidade,
Quer moſtrar, quanto póde neſte dia
Acreditar-ſe a ſi com voſſa idade.

SONETO

Seja-te parabem, Téjo ſagrado,
Do grande Anfriſo a companhia honroſa;
Outra vez eſte bem desfruta, e goza
Das tuas claras Ninfas rodeado:

Das ondas gravemente levantado,
Ouve-lhe agora o verſo, agora a proſa,
Com que a pezar da crítica invejoſa
Fará ſempre o Mondego celebrado;

E em quanto o ouves cantar tão altamente
De invicta palma, de triunfante louro,
Va-lhe adornando a judicioſa frente:

Depois reconta ao Seculo vindouro,
Que póde em fim a Luſitana gente
Ver na idade de Anfriſo a idade de Ouro.

SONETO

COm alegre apreſſado movimento
Do Ceo vi já deſcer a alta Lucina;
Porque aſſiſtir ao voſſo naſcimento,
Senhora, o meſmo Ceo lhe determina.

Naſceſtes, e com brando tratamento
Logo em ſeus braços vos tomou benina,
Onde cheia de amor, e acatamento
Vos eſtá embalando, e lendo a ſina.

De vós goſtoſos vaticinios canta:
Diz *que fereis feliz*, *quanto formoſa*,
Terna, *compadecida*, *affavel*, *ſanta*:

Diz em fim, *que ſereis maravilhoſa*:
Aſſim vos louva, aſſim vos acalanta;
Ditoſos voſſos Pais, e vós ditoſa.

SO-

SONETO

IRmã ditoſa, que de cá ſubiſte
Lá onde pena alguma ſe não ſente;
Se razão póde haver, com que ſe augmente,
Eſſa Gloria Immortal, que conſeguiſte:

Que alegre ficarias, quando viſte
Entrar no Ceo eſſa alma inda innocente!
Como virias com razão contente
A receber o filho, que pariſte!

Que o deſejavas lá, Deos bem ſabia,
Não te quiz demorar tão alta Sorte;
Goza, goza da ſua companhia;

E praza a Deos, que na Celeſte Corte
Te dê depois do derradeiro dia
Igual contentamento a minha morte.

SONETO

FElices margens do ſaudoſo Téjo,
Em cuja branca arêa ſinaladas
Eſtão de Dinamene inda as pizadas,
Que auſente adoro, que inclinado bejo.

Quando vejo eſtas praias, e a não vejo
Apanhando as conchinhas prateadas,
Chóro as glorias de amor alli paſſadas,
Que nunca paſſaraõ do meu deſejo.

Aqui lhe diſſe meus fieis amores;
As ondas amancei, detive os ares,
Digão-no eſtas arêas, e eſtas flores.

Aqui tambem agora entre pezares
Direi aos Navegantes, e Paſtores,
Que reſpeitem de longe eſtes lugares.

SONETO

ENcontrou-me eſta graça em tal deſtroço,
Que nem ouſo, Senhor, a recebella;
E por mais que em buſcar-me ſe deſvela,
Já não percebo o minimo alvoroço.

Andou neſte favor, que todo he voſſo,
Induſtrioſa a minha infauſta Eſtrella;
Porque, quando eu podia, não quiz ella;
E agora, que ella quer, he que eu não poſſo.

Olhai como eſte bem ſe desfigura,
Ponho-ſe ante os meus olhos por negaça,
Quando ha de malograllo a conjunctura!

Que outra couſa, Senhor, quereis que eu faça?
Se me chega de ſorte eſta Ventura,
Que já ſe não diſtingue da deſgraça.

SONETO

NAõ haverá hum ſitio tão ſagrado?
Hum lugar tão ſeguro, e defendido,
Aonde vá da Fortuna perſeguido
Viver por algum tempo deſcançado?

Não haverá; porque ella o tem jurado;
Mettendo a mão no lago denegrido:
Pobre de quem já vive tão perdido,
Que eſtá para as Venturas reprovado!

E não receia o Mundo que o infeſte
Meu hálito mortal? Inda conſente
Que eu pize os matos deſte monte agreſte?

Como daquelle miſero doente,
Que foi tocado da maligna peſte,
Fugi, fugi de mim, ditoſa gente.

SONETO

NO Templo entrei de Amor: Inda gelado
O ſangue tenho, do que nelle víra:
Alli eſtá o cioſo, que delira,
De mil ſuſpeitas vans atormentado.

Aqui o auſente em lagrimas banhado,
Longe hum pouco dos mais, triſte ſuſpira;
Hum jura fé, mettendo a mão na Pyra,
Outro não póde co'grilhão pezado.

Sobre as cruentas Aras de Cupido
Quentes entranhas, que inda eſtão vivendo,
Tem por tenções diverſas offrecido.

Fugi, mortaes, deſte lugar tremendo:
Se he o Templo de Amor tão deſabrido,
Como ſerá o ſeu Inferno horrendo!

SONETO

QUe te vejão meus olhos, não consente
(Meus tristes olhos) por mais tempo o Fado;
Sem ti para tão longe desterrado
Irei viver, se viver posso, ausente.

Comigo irá teu nome eternamente
Do negro esquecimento preservado,
Sendo, se isto ser póde, articulado
Inda ao passar do Lethes a corrente.

E se algum dia vires, que á fineza
De ser comtigo agradecido, e humano
Falto, sem dar de tanto amor certeza,

Não julgues não, que a antiga fé profano,
Antes baixos os olhos, de tristeza
Suspira, e dize então: *He morto Albano.*

SONETO

PAra ver ſe cantar-vos ſaberia,
Depois que a frente de jaſmins ornava,
A cythara tomei, que não ſoava,
E na garganta a voz ſe me prendia.

Do grão Paſtor de Admeto, que me ouvia
Em meu ſoccorro o eſpirito invocava:
De novo a voz, e a cythara esforçava,
E de novo com ella emudecia.

Eis-que ſe me apreſenta em fórma humana,
Sorrindo-ſe de mim o Paſtor Louro,
Que em vez de me ajudar, me deſengana:

Sabe mortal, me diſſe, *que no Douro,*
Para cantar de tão gentil Sarrana,
Sómente he digna a minha Lyra de ouro.

SONETO

DO rio as claras aguas, que ſoando
Correm por ſima de aſperos ſeixinhos,
A muſica dos ledos paſſarinhos,
Que de longe ſe eſtáo deſafiando:

O murmurante vento, que aſſoprando,
Entorna o freſco orvalho dos raminhos,
O tremulo balar dos cordeirinhos,
Seus curvos ſaltos ſobre a relva dando.

Tudo em vez de alegrar-me, me amofina,
Nem o roſto huma vez ſe quer levanto
A ver, o que ſe paſſa na campina.

Náo he aſſim, ouvindo o voſſo canto,
Que em virtude de voz táo peregrina
Nada no Mundo me conſola tanto.

SONETO

TU, que os coſtumes, e as paixões retratas
Em teus verſos ſuaves, e Divinos:
Tu, que das mãos de Gregos, e Latinos
A ſonoroſa cythara arrebatas:

Tu, que as materias de Coturno tratas
Por modos ſó do ſeu caracter dignos:
Tu, que a pezar dos criticos malignos
O teu, e o noſſo credito dilatas:

Sobe, ó Alcino, ao Menalo, voando,
Da Arcadia o louro cingirás na frente,
Que por ſima dos mais vás levantando:

Diſſe Apollo do throno refulgente,
A' viſta de teus emulos raſgando
O volume da critica inſolente.

SONETO

ESte obſequio, Senhor, que vos envia
Meu animo fiel, curto parece;
Mas quem o pouco, que poſſue offreece,
Se mais tivera, muito mais daria.

Sobre ſingelas mãos não ſe avalia
A offerta pelo vulto, que apparece;
Que então a acceitação fora intereſſe,
Vicio, que nunca em vós haver podia.

Bem ſei que de meus verſos a humildade
Subir não póde áquelle deſempenho,
A que antiga affeição me perſuade;

Mas huma ſalvação comvoſco tenho;
Saber que a voſſa candida vontade
Mais préza hum dom de amor, que d'alto engenho.

SONETO

MOrreo o bom Luiz: Já não veremos
Aquella boca para todos rindo:
Hum ſono perennal eſtá dormindo:
Já de ouvillo a Ventura não teremos.

Hum novo Heróe cortado em flor choremos
Que por mais que ſubamos o alto Pindo,
Ao Ceo, para onde foi de nós fugindo,
Já agora em vão por elle chamaremos:

Até para ficarmos mais ſaudóſos,
O ſeu frio cadaver nos tirárão
D' ante os olhos tão triſtes, e choroſos:

De vello as eſperanças ſe acabárão:
Venturoſos aquelles, venturoſos,
Que as ultimas palavras lhe eſcutárão!

SONETO

PRomettendo a Limano Dorothea
Guardar-lhe a fé, que seu amor devia,
Tomou por testemunha a luz do dia,
E os juramentos escreveo na area.

O vento, que a revolve, e que a manea,
Pouco a pouco a escritura desfazia,
Vendo isso a Pastora, que faria?
A Limano tambem tirou da idéa.

Vejão lá como a fé está bem segura
Em peito feminil: Que documento
Para quem crer mulher, ou crer Ventura!

Se ainda na que tem mais fundamento,
Quanto diz, quanto escreve, quanto jura,
He area, que a move qualquer vento.

SONETO

HUm dia, de Limano acompanhado;
Deſcendo por hum valle manſamente
Cahio á minha viſta de repente
De hum tiro da Fortuna derribado.

Como vinha tão junto do ſeu lado,
De medo me aſſuſtei naturalmente;
Pois não ſou inda aſſim tão deſcontente,
Que já cahir não poſſa em baixo eſtado:

Não eſtou inda em mim, porque duvido
Se daquelle deſaſtre, por acerto
Sahi, ou não, ſem o ſaber, ferido;

Que aſſombrado fiquei, Beliza, he certo;
Mas não culpes quem anda eſtremecido,
Vendo o raio cahir de ſi tão perto.

SONETO

MEu amado Mondego, meu amado
Meſtre gentil, que ſabio me educaſte
Do tempo, que benigno me hoſpedaſte,
Por onde quer que for ſerei lembrado.

Cá toma conta da Paſtora, e gado,
Que já com teus ſalgueiros abrigaſte,
Aſſim nunca a Eſtação do Eſtio gaſte
Teu cryſtallino curſo ſocegado.

Da Patria huma juſtiſſima vingança
De ti me leva a outros Orizontes,
Aonde pague a culpa como herança.

Por ti, por ella, são meus olhos fontes;
E ſe vivo, he ſómente na eſperança
De ainda tornar a ſaudar teus montes.

SONETO

QUe eſtranhos caſos vi no monte, e prado,
Em quanto ouvi teu canto: Aquelle outeiro
Hum pouco ſe moveo, e eſte ribeiro,
Para te ouvir melhor, ficou parado.

Deſceo dos montes de tropel o gado,
A Serrana, o Paſtor, e o pegoreiro,
O voraz lobo, o timido cordeiro
Tudo ficou attonito; e paſmado.

Até a minha horrida Triſteza
Batendo as negras azas fugiria,
Se lho não impediſſe a natureza;

Mas hum pouco ſuſpenſa da harmonia
Deixou-me reſpirar, e foi deſtreza,
Por ver ſe me matava huma alegria.

SONETO

A Onde andais, ó Parcas venenoſas,
Enſanguentando as mãos? Como inſolentes
De Cidadãos fieis, de Heróes valentes
Ides cortando as vidas precioſas?

Como em triſte viuvez tantas eſpoſas
Fazendo andais no Mundo deſcontentes,
Como tantos filhinhos innocentes
Dos braços arrancais das Máis choroſas?

Voltai-vos contra mim, vingue-ſe a Sorte;
Abbreviai-me a horrida partida,
Erguei a mão, que eu me ſujeito ao córte;

Mas ah que imprecação mal proferida!
Para a morte dos outros baſta a morte,
E em mim para morrer ſobeja a vida.

SONETO

FOrmoſiſſima Olaia, o teu ſemblante
Não ſei que graça tem, que almas cativa,
Aſſim não fora a tua tão eſquiva,
Aſſim não ſora a minha tão conſtante.

Ah! Que ſe te encontrára hum ſó inſtante
A minha adoração menos altiva,
Em vez de deſprezar-me fugitiva,
Paráras a eſcutar meu rogo amante.

Então compadecida do meu pranto
Darias mil ſinaes de ſentimento
Neſſe roſto gentil, ſereno, e ſanto;

Mas tão altos favores não inrento;
Nem póde ſer, nem eu mereço tanto,
C'um volver dos teus olhos me contento.

SONETO

NInfas deſtes vízinhos arredores,
Que tão altivas preſumis de belas,
Cubrindo os vultos de cuſtoſas télas,
Ornando as tranças de feſtões de flores.

Sabei que Olaia, Olaia, os meus amores
Nunca preciſará deſſas cautelas:
Tanto vos vence a vós, quanto ás Eſtrellas
Vencem do claro Sol os reſplendores.

Qual a freſca bonina, que florece
Da mão da Natureza cultivada,
Aſſim de Olaia a formoſura creſce.

Não hé tão bella a luz da madrugada,
Como Olaia gentil, quando apparece
Lá de longe a meus olhos deſtoucada.

SONETO

QUem nunca vio a luz formoſa, e pura
De teus olhos gentis, de teus cabellos,
Póde, como eu já fiz, antes de vellos
Zombar de Amor, e rir-ſe da Ventura.

Póde deſconhecendo, o que he ternura
Perguntar o que he fé, e o que são zelos?
Não ter ſaudades, não ſentir deſvelos,
E á minha inquietação chamar loucura;

Mas não depois de os ver, que derribado
Do ſeu alto deſcanço ficaria,
Cheio de confuſão deſenganado;

Pois perdendo o valor, em que ſe fia,
Morreria em teus olhos abrazado,
Prezo nos teus cabellos gemeria.

SONETO

Entra o ſoldado envolto em ſangue, e terra
Na amada Patria a deſcançar contente;
E huma vez ao vizinho, outra ao parente,
Conta os perigos da paſſada guerra.

Ora diz, *que ſubira huma alta ſerra*
Por entre o fogo do pelouro ardente:
Ora que peleijando frente a frente
Aos receios da morte os olhos cerra.

Depois colhendo vai para o futuro
Doces frutos da paz, que eſtá gozando
Com vida alegre, o animo ſeguro.

Não eu aſſim, que apenas deſcançando
Dos conflictos de Amor tyranno, e duro,
Nova guerra me faz teu géſto brando.

SONETO

QUal Paſtor, que do ſono accommettido,
No chão os laſſos membros encoſtando,
Da noite as triſtes horas vai paſſando
Dos ſeus manſos cordeiros eſquecido.

Té que do reſplendor do Sol ferido,
A' força de ſeus raios deſpertando,
Abre os olhos, e o roſto levantando,
Fica por grande eſpaço ſuſpendido.

Tal eu de ver teu roſto deſcuidado,
Nelle empregando a viſta de repente,
De tanto reſplendor fiquei paſmado.

Mas o fim deſte caſo foi diffrente,
O Paſtor levantou-ſe deſcançado,
E eu cahi ferido mortalmente.

SONETO

ALbano, quem es tu? Teu baixo eſtado
Não te confunde, não te deſengana?
Qué das lavras, que tens, qué da cabana,
Onde eſtão as colmeas, onde o gado?

Que has de offrecer a Olaia confiado,
Se te ouvir algum dia mais humana?
Porás aos pés de tão gentil Serrana
Hum çurrão pobre, hum paſtoril cajado?

Anſias, ſuſpiros, lagrimas, e ais
Para quem deſconhece, o que he ternura,
Cuidas que são huns grandes cabedaes?

Pois ſabe, que te diz a formoſura,
Que ames menos, ſe queres valer mais,
Que onde ſobeja Amor, falta a Ventura.

SONETO

SE eu pudera viver de noite, e dia,
Vendo sempre esse gésto delicado,
Que ditoso, que bemaventurado,
Formosa Olaia, o meu amor seria!

Mas, em que estou mettendo a fantazia
Vão, ocioso, mísero, coitado,
Ditosos só aquelles, que a teu lado
Gozão da tua amavel companhia.

O' da Fortuna errado movimento,
Que o bem que nega, a quem por ti suspira,
Dá talvez sem nenhum merecimento.

Não se fez para mim contentamento,
A desesperação, a inveja, a ira
Só se fizerão para meu sustento.

SONETO

CUidas talvez, Olaia, que imprudente
Maculada tenção meus paſſos guia?
Longe, longe, ó terrena fantazia,
Tão contraria a meu animo innocente.

O Ceo, o juſto Ceo, que lhe he preſente
Do Mundo a mais occulta ſympathia,
Dos meus olhos aparte a luz do dia,
Se te não diz a lingua, o que a alma ſente.

De idolatrar-me nenhum fruto eſpero,
Porque te devo mais, quanto mais faço
Acho teu genio ou compaſſivo, ou fero.

Amo as tuas virtudes, ſatisfaço
O meu amor co' meu amor; mas quero
Que conheças, meu Bem, o mal que paſſo.

SONETO

TYranna Olaia, o teu desabrimento
Troca, que he tempo já, troca em brandura;
Faze que este queixoso da Ventura
Seja se quer feliz por hum momento.

De teus olhos gentís hum movimento
Bem sei que muito val; mas a ternura
De tão constante amor, de fé tão pura
Tenha comtigo algum merecimento.

Valhão-me estes suspiros innocentes,
Que já para abrandar forão bastantes
Peitos de tigres, olhos de serpentes.

A mão para matar-me não levantes;
Ou mostra ao menos, que os meus males sentes;
E depois sê cruel, como eras d'antes.

SONETO

LA' n'uma praia cavernoſa, e fria,
Onde chamar teu nome coſtumava,
Aondè eſtás, Olaia, perguntava
Ao ſurdo mar, que nada reſpondia.

Niſto paſſei, ó Ninfa, todo hum dia
Té que de novo a voz alevantava:
Olaia, Olaia, aonde eſtás, gritava
Eſtá, dizer-me o éco parecia.

Corro vagando a humida eſpeſſura,
E para aquella parte me arrebato,
Onde ouvir tua voz ſe me figura.

Ah que aſſim foi o meu Deſtino ingrato!
Huma penha achei ſó, formoſa, e dura,
Se tu náo eras, era o teu retrato.

SONETO

EM frauta agreſte, em lyra altiſonante
Siga cada Poeta o ſeu Deſtino,
Cante a Natercia, o meu Camões Divino;
E o nome de Beatriz celébre Dante.

Por Laura chore o ſeu Petrarca amante
A Livia dê louvores Andrelino,
A Colona o ſonoro Bernardino
Por Genebra Arioſto a voz levante:

Louve a Beliza a Muſa de Salado,
Honre a Caſſandra Sanazaro, em quanto
Catulo a Lesbia, a Flora Maldonado:

Que eſte nome de Olaia, que amo tanto,
Será de Albano em verſo celebrado,
Feliz aſſumpto de mais alto canto.

SONETO

TRazei, Ninfas, trazei, mimoſa arêa
Nos virginaes regaços: Eſpalhai-a
No duro chão: Não mortifique Olaia
Os delicados pés, quando paſſea.

Ah como vem de maravilhas chea!
Com tantas graças a manhã não raia,
Nem he tão belta a corpolenta Faia,
A quem o brando Zefiro menea.

Vós, Napéas do boſque mais vizinho,
Vinde eſperalla, derramai-lhe flores,
Caſtas roſas, devoto roſmaninho:

Vinde, beijai-lhe a mão; e vós, Paſtores,
Ide diante della, abri caminho
Para paſſar a Deoſa dos Amores.

SONETO.

HUm mudo ſuſpirar continuamente,
Em ſegredo o teu nome articulando,
Agora feito eſtatua, agora errando,
Sendo talvez a fabula da gente.

Huma côr já de morto proprlamente
Hum fallar ſem ſaber que eſtou fallando:
Com vergonhoſas lagrimas banhando
Hum roſto para todos deſcontente.

São, Olaia, os eſtragos de huma vida,
Que depois de morrer por ti de amores,
He de balde em deſprezos conſumida.

Recordallos, não he pedir favores,
He porque vejas ſó deſvanecida
O fruto, que hão tirado os teus rigores.

SONETO

QUando, Anarda gentil, os merecidos
Louvores teus a decantar começo,
De pôr a boca nelles esmoreço;
Cahe-me a lyra das máos, perco os sentidos.

Que são os meus desejos atrevidos
Cheio de confusão, mui bem conheço;
Mas outra Musa de mais alto preço
Cante os louvores, que te são devidos.

Que eu cá de longe, como envergonhado;
Ora ouvindo louvar o riso brando,
Ota as palavras, ora o doce agrado;

Não a voz, mas os olhos levantando,
Estarei sobre a lyra recostado,
No teu formoso gésto contemplando.

SONETO

NA borda do ſeu concavo ſáveiro,
Acaſo hum dia, oh dia aſſignalado!
O peſcador Albano achou gravado
Inda de freſco eſte fatal letreiro:

Conhece, Albano, que es hum vil barqueiro,
Ao trabalho do remo acoſtumado,
Negro do Sol, dos ventos açoutado,
De membros torpe, de expreſsões groſſeiro.

Olaia não te quer, ella o tem dito,
Eſte he, ó peſcador, o extremo dano
Da ſentença mortal do teu delito.

Leo-o; e chorando o deſgraçado Albano,
Arranca a taboa, aonde eſtava eſcrito,
E ao Templo a foi levar do Deſengano.

SONETO

VO's, que á ſombra dos alamos copados
Nas voſſas flautas paſtoris tangendo,
Ora as aguas parais, que vão correndo,
Ora os troncos movêis, que eſtão parados:

Moſtrai que em voſſos verſos levantados
Para eſtes meus tão alto eſtilo aprendo,
Que cá do Téjo a fraca voz erguendo,
Sois lá de mim no Douro acompanhados:

Então levando ao peito a ſanfonina,
Coroado de roſas, e Amaranto,
As cordas ferirei com mão Divina;

E ſe acaſo, ó Paſtores, poſſo tanto,
Cantando eſpalharei neſta campina
Da Arcadia Portuenſe o novo canto.

VERSOS GLOZADOS

NA REAL PRESENÇA

DE SUAS MAGESTADES, E ALTEZAS.

MOTE

Gloria dos Reis, do Reino ſegurança.

GLOZA

SONETO

JA' Portugal reſpirará contente,
O' formoſa, ó Auguſta Succeſſora:
Que tem a Inveja que fazer já agora,
Mais que eſtar-ſe a morder continuamente?

Alta eleição do Rei, que ſabiamente,
Se Eſpoſa, a Monarquia vos adora,
Nos recompenſa os ſuſtos da demora
Neſte impenſado jubilo preſente:

Já, Princeza, na noſſa intelligencia
Tomando campo vai certa eſperança
Da voſſa dilatada deſcendencia:

Por ella o Luſo Imperio em vós deſcança,
Contemplando-vos já fem contingencia,
Gloria dos Reis, do Reino ſegurança.

MO-

MOTE

Sem á dita de Aquiles ter inveja.

GLOZA

SONETO

SE o grão Cantor, q̃ o Mundo encheo de eſpanto,
Porque a fama de Aquiles poz notoria,
Fez que Alexandre lhe invejaſſe a gloria,
Pois não devo ás Muſas outro tanto:

Voſſa Alteza, Senhor, que ſabe o quanto
De hum, e outro Heroe vence a memoria,
Fará que eu decantando a voſſa hiſtoira,
Não invejc tambem de Homero o canto.

Que aſſumpto mais feliz, ou mais glorioſo!
Se inda á viſta daquelles, faz que ſeja
Eu invejado, e vós nunca invejoſo!

Hum novo Homero em mim por vós ſe veja:
E hum Alexandre em vós por mim famoſo;
Sem á dita de Aquiles ter inveja.

MOTE

A' grandeza do aſſumpto aſpira a Muſa.

GLOZA

SONETO

SE a Fama, que altamente pregoeira
Cantou ſempre as acções da voſſa vida,
Hoje de aſſombro com razão duvída
Ser de tão fauſtas novas menſageira:

De que ſorte, Senhor, de que maneira
A minha voz, por baixa, nunca ouvida,
Cantar póde hu na empreza tão ſubida,
Que índa a Muſa mais alta lhe he raſteira?

Materia he de coturno a acção preſente;
E dizer couſa, que louvor produza,
Não póde o plectro humilde, e deſcontente:

Mandai cantar por outro a gloria Luſa;
Que em mim, por mais que louve, inutilmente
A' grandeza do aſſumpto aſpira a Muſa.

ODES

I

A Onde me arrebato
Na ſanta devoção deſte alto empenho?
Por mais que as azas bato,
Sempre pezado, e froxo me detenho;
Mas quem forças me deo
Para ſubir, para voar ao Ceo?

Vós, Santo illuſtre, e forte,
Que de hum glorioſo rapto lá ſubiſte;
Sebaſtião, que a morte
Fazer ſoubeſte alegre, ſendo triſte;
Vós ſois, de quem eu canto:
A minha Muſa enchei d'hum furor ſanto.

Huma ſetta brilhante,
Das que foi alvo illuſtre o voſſo peito,
Fazei, que penetrante
Deſça já ſobre mim: Oh prompto effeito,
Que n'alma vou ſentindo!
Agora ſim, que vós me eſtais ferindo.

Vós ſois o valeroſo
Campião de Chriſto, que em virtuoſa guerra
Conſummaſtes ditoſo
O triunfo melhor, que ha ſobre a terra:
A' Patria verdadeira
Levando as almas por tão ſá carreira.

A cega idolatria
Nas mãos o errado perfido volume
Aberto revolvia;
E vendo a Lei deſſe infernal coſtume,
Que aſſim por vós ſe infama,
Sobre elle negras lagrimas derrama.

Ella preſenciava
Por voſſo esforço, que com zelo ardente
As coſtas lhe voltava
Quaſi infinito numero de gente;
E que com voſſo exemplo
Eſtá ſem culto o ſeu nefando Templo.

No peito introduzida
Deſſe purpureo indomito tyrano
Faz tiro á voſſa vida:
Oh ímpio! Oh infiel Diocleciano!
Vê o que determinas,
Que aquellas são as mais fieis doutrinas.

A peſtilente boca,
Que no ſaminto pavoroſo Inferno
Latindo ſe ſuffoca
Entre o groſſo vapor do lume eterno,
Abre a triforme fera,
E por ſeu vulto denegrido eſpera.

Manda fechar a aljava,
Em quanto he tempo, manda. Mas que cego
Temor me alucinava!
Vós eſperais, ó Santo, com ſocego
A morte; e na partida
Morrendo ireis á mais illuſtre vida.

Sim, que já lá vivendo
Deſſes miniſtros do furor, triunfante
O premio recebendo
Eſtais devido á voſſa Fé conſtante;
Sem que a ſerena face
Levemente de ſuſto ſe enfiaſſe.

Viſtes a deſcórada
Ameaçadora mão da Morte fêa
Contra vós levantada,
Que em mil ſettas o corpo vos rodea;
Porém ſem ſuſto a viſtes,
Que com ella do Ceo a porta abriſtes.

Se Irene aqui pudeſſe
Soltar por mim a voz, melhor diria,
Como vos fortalece
O claro lume, que do Ceo deſcia:
E para o tranſe amargo
Vos dá valor, e ſoffrimento largo.

Neſſe tronco ditoſo
Os innocentes membros vos atárão:
Oh tronco venturoſo!
Cuja alta ſorte os outros invejárão,
Que na fertil campanha
O Sacro Tibre vagaroſo banha!

A grande, antiga Roma
Confuſa o vio, e ainda vacillante
No verdadeito dogma
Os olhos abaixou, mas já triunfante
Vos chama, vos feſteja
Da Fé columna, Defenſor da Igreja.

Mais prodigios diſſera
Inda do voſſo ſingular martyrio:
Eu ſó, eu ſó fizera
Morder-ſe o Inferno, e alegrar-ſe o Empyreo,
Que inda cá ſinto o effeito
Da ardente ſetta, que abrazou meu peito.

Mas vós, ó Coro Santo,
Quanto melhor que as filhas da memoria,
Em voſſo immortal canto
Deſtes aſſombros numerais a gloria!
Eu ouço, eu ouço os Hynos:
Cantai, cantai, Eſpiritos Divinos.

II

ENtre as Deoſes tão célebres em Ida
Embora o fogo accenda
Eſſa, que no aureo pomo introduzida
Moveo alta contenda:

Derrame embora tragico veneno
Sobre amigas Cidades;
Qual Noto fero contra o mar ſereno
Deſate as tempeſtades:

Das

Das mãos arranque de Hymineo ſagrado
A faxa luminoſa;
Arme agudo punhal enſanguentado
Contra innocente Eſpoſa:

Faça que o Pai ſizudo ao filho vendo,
Ao filho que gerára,
Os antigos aggravos revolvendo,
De rancor volte a cara:

Vá pelo Mundo murmurando, e rindo
Dos males, que ſemea;
Com mão ſubtil de caſa em caſa urdindo
A ſimulada têa:

Feliz ſómente noſſo amor, Beliza,
Não teme força eſtranha:
Longe do vulgo o excelſo cume piza
Da Olimpica montanha:

Não teme da ſeviſſima Megera
O furibundo enſaio;
Muito além vive da eſtrondoſa Esfera,
Onde ſe forja o raio:

De alto verá beber no antigo Douro
Mil apeſtadas rezes,
Cuhrir-lhe as margens, não de arêas de ouro,
De verdenegras fézes:

Celébre o Mundo do incendido Pado
As aguas, que já forão
Sepulchro triſte do mancebo ouſado,
Que as Helyadas chorão:

Do formidavel bruto a grão victoria,
De toda a Arcadia eſpanto,
Famoſo faça pela Herculea gloria
O rapido Erimanto:

Que o puro Amor, que o tempo não conſome,
De Beliza, e Albano,
Mais alto, ó Douro, levará teu nome,
Que as ondas do Oceano.

Ah Beliza, não temas a inconſtante
Mentiroſa Ventura;
Amor não firma o pé no diſco errante
Da roda mal ſegura:

Neſta alma vives, de que tu es parte:
Noſſa maligna Eſtrella
O aſpecto moſtre de Saturno, ou Marte,
Nenhum poder tem nella:

A fé nos une, a fronte nos coroa
Pacifica oliveira:
Em vão no punho imigo aos ares voa
A purpurea bandeira.

III

A Onde, aonde, coraçõés humanos,
Batendo as roxas azas,
Belleza encontrareis, e ſuavidade,
Sem que os rapidos voos
Vos levem diligentes, onde habita
Isbella éncantadora?

De hũns appetece o paladar activo
Os ſaboroſos frutos;
Revolvem outros na groſſeira boca
Inſipidos manjares:

Comtigo fallo, abominavel vulgo,
Que dos lodoſos chartos
Fartas a ſede nas ſalobres aguas;
E a fonte pura deixas
Pela terra perder-ſe inutilmente.

Longe daqui te aparta;
Que a corrente das gratas harmonias
Para ti ſe não ſolta.

Culta Lisboa, ergue a ſábia fronte
Para admirar Isbella:
Verás hum novo, e delicado géſto,
Aonde as Graças morão;

Os

Os cópos de ſuaviſſimo veneno
Dando a beber aos olhos,
Com que a vontade hydropica ſe abraza
De inſaciavel ſede.

Oh que deſejos mil andão voando
Ao redor de ſeu roſto!
O namorado Amor nelle ſe encoſta
Suave, e manſamente,
Para eſcutar-lhe o canto de mais perto,
A cuja força eſtranha
Vão, como de tropel, as mais iſentas
Almas arrebatadas;
Quaes nos campos de Thracia ao ſom Divino,
As indomitas féras.

Verás as Ninfas deſcuidadas tanto,
Que as grinaldas, que tecem,
Deixão cahir das máos ſobre o regaço.
Nos cavernoſos montes
Eólo enfrea os ventos, ſó reſpira
Brandamente Favonio;
Porque a noſſos ouvidos ttaga, e cheguem
Eſſas celeſtes vozes:
Eu vou, eu vou; a magica harmonia
Me eleva, e me tranſporta:
Da terra erguer me ſinto ſobre as nuvens;
Parece que ao Ceo voo.

A branda voz, que penetrou minha alma;
Não póde ser, não póde
Respiração de fraco alento humano!
As vozes são de Isbella.

Com menos suavidade, á fresca sombra
Das arvores frondosas,
A musica dos ledos passarinhos
Ao lasso caminhante,
De hum imperfeito somno adormentado,
Os sentidos lhe prende.
Oh bemaventurado, o que vos ouve!

O Monstro macilento,
Cujos accezos, revirados olhos
Impacientes não soffrem
As luzes das Estrellas, ensanguente
Os estiticos dedos
Entre os immundos venenosos dentes;
Que, para preservar-te,
Da torpe Inveja, que á Virtude opprime,
Sempre o merecimento
Mais alto, e singular tens ao teu lado.

Tu cauto, errante Grego,
Que ás vozes de Partenope escapaste
Artificiosamente,
Senão queres render-te ao novo canto,
Ah foge, Ulisses, foge
De entrar segunda vez a foz soberba
Do Lusitano Téjo!

Não

Não vês, ó Formosíssima Cantora,
Como já para ouvir-te
Inclina o Padre Oceano a veneranda,
E cerulea cabeça?
Mudos estão os sátyros longevos
Ás crespas sobrancelhas,
De admirados, erguendo; e sobre a boca
Hórrido o rustico dedo.

IV

E Conseguió a pállida doença
Com descarnada mão tocar teus membros,
Verter teu sangue, desbotar teu rosto?
Que deshumano insulto!
E pode enfraquecer desses teus olhos,
Desses teus bellos olhos, a luz pura,
Aonde o pio Amor continuamente
Ardendo se veria!
Vós, justissimos Ceos! que o permittistes;
Porque não permittistes que eu ao menos,
Chegado ao brando leito de Lorinda,
Chorar seu mal pudesse?
Alli eu mesmo, com piedosa mágoa,
O cópo da asqueroza medicina
A beber lhe daria, eu a animára,
Se lhe voltasse o rosto.

Alli receoſo, e próvido eſtivera
De quando em quando a perguntar-lhe eu meſmo
Se eſtava anguſtiada, ou ſe já tinhá
Mais algum refrigerio?

Alli fora o primeiro, que velaſſe
No ſilencio da noite; e manſamente
De inſtante a inſtante a ella chegaria
A ver ſe reſpirava.

VI

Infeliz, tu primeiro dos humanos,
Que com teu venenoſo mal pudeſte
Inficionar a bella natureza
Das miſeraveis gentes:

Tu fizeſte caduca aquella idade,
Que reſpeitára a inexoravel Cloto:
De outros erros maiores es a cauſa;
Oh mal haja o teu erro!

Que o tronco immovel, que a inſenſivel pedra
Sejão mais perduraveis, mais ſádios,
Que os bem fornidos membros, que organizão
O corpo mais robuſto!

Mas ah! Não queira o Ceo, Lorinda bella,
Já que deſtas penſões te não fez livre,
Que tão cedo a corrupta natureza
Dellas te peſſa conta.

Reſpirem ſempre os ares mais benignos
Ao redor de teu corpo delicado;
A infeſta viſta para ti não volte
A pállida doença.

V

AO mais leve ruido,
Co' a prompta viſta a caſa rodeando,
Acorda expavorido
O vil ambicioſo, imaginando,
Que o nocturno, e deſtriſſimo ladrão
As chaves lhe tirou da eſcaſſa mão.

Applica o temeroſo
Ouvido, receando, quando eſcuta,
Inſulto criminoſo,
Que em ſeu theſouro avaro ſe executa:
Qual edificio, em que ſe ateia a flama,
Alvoroçando a caſa, os ſervos chama.

Feliz, tu, que deſpertas:
Podendo, em pobre cama ſocegado
Com as portas abertas
Tornar ao doce ſomno começado,
Até que volte o dia, ſem mais pena;
Que achar talvez a noite ſer pequena.

Quie-

Quiero o penſamento
Repouſa em ti; ſem nunca fatigar-te,
Nem por mar, nem por vento:
Com elle vás do Mundo a qualquer parte:
As couſas vês, e a diſcorrer não ouſas:
Triſte, o que ſabe duvidar das couſas!

Da ſoffrega ambição
Já mais ſeguir os paſſos determinas,
Por medonho certão
A ir deſencantar preciosas minas;
Mas antes, ſem tentar árduas emprezas,
Zombas das honras, zombas das riquezas.

Rompendo o curvo arado
Em paz a propria terra, que ſemeas,
Te contens moderado,
Sem ir buſcar undivago as alheas,
Ou por hum aſperiſſimo deſerto
De hum perigoſo, e vil ſuor cuberto.

Da terra ſobre a face
Depois o fruto vês que em tempo veio;
O ouro alli te naſce
Nas barbadas eſpigaa do ſenteio;
Que, dando-lho ſingelo, tem cuidado
De to reſtituir multiplicado.

Em

Em pequeno celleiro
Recolhes mais seguro o teu sustento,
Que o inutil dinheiro
Em chapeados cofres o avarento:
Em ti distribuido honestamente,
Nelle guardado vergonhosamente.

Ah que se tu souberas
O que passa no Mundo, e seus costumes;
Outra idéa fizeras
Bem diffrente de ti, do que presumes!
Que huma sá natural Filosofia
Náo só augmenta a dor, mas a alegria.

Quando ao monte subisses
Alguma vez a apascentar teu gado;
E lá ao longe visses
Sahir a náo, fendendo o mar cavado,
A terra pouco a pouco atrás deixando,
Até que volte sem saber-se o quando:

Então, então darias
Todo o valor devido ao teu socego:
E comtigo dirias:
Oh tu que entregue vás ao alto pégo!
Faminto, e vão desejo te inclina a véla;
Pois vás com sede, e has de vir com ella.

Se fora a Natureza
Com ſábia mão teus paſſos dirigindo
Por toda a redondeza,
Novos Ceos, novas terras deſcubrindo,
Porque depois á neſcias creaturas
Deixaſſes proveitoſas eſcrituras:

Arriſcaſſes embora
Entre ſuſtos, e lagrimas a vida:
A vida, que o não fora,
Se ſó fora em regalos conſumida;
Porque em molles eſpiritos não cabem
As couſas grandes, que os prudentes ſabem.

Mas ir abrindo os mares
Agora ao fundo abyſmo ſepultado,
Agora pelos ares
Voar ao Ceo nas ondas levantado,
Tremulo o corpo, e já no roſto afflito
Da fria Morte o negro géſto eſcrito:

A doenças mortaes
Humas vezes expoſto, outras a fomes;
Tudo por cabedaes,
Que ou não chegas a ter, ou mal conſomes:
Ah louco atrevimento de homem louco,
Tanto queres, baſtando-te tão pouco!

A' neſcio, aonde vás?
Cuidas talvez que he pouco o que poſſuo?
A ſanta, a ſanta Paz
Em ſeus braços me aperta, não fluctûo
No golfo da ambição, ſempre em bonança
Me cérca Virtuoſa Temperança.

Aqui reina a Verdade,
Sem que a liſonja lhe diſpute o mando:
A ſerena Amizade
Com pacifica mão vai derramando,
Não os venenos da ſizania antiga,
Sim as doçuras da concordia amiga.

Aqui ſem artificio
Me veſtem creſpas lans: Pobre apoſento
De baixo fronteſpicio
Me tólhe a chuva, e me repara o vento:
De dia alegremente trabalhando,
De noite do trabalho deſcançando.

Aqui da negra Inveja
Já mais me infama o bafo peſtilente:
Do que aos outros ſobeja,
Bem que me falte a mim, vivo contente:
Porção pequena de qualquer comida
Baſta para manter-me a curta vida.

Das tetas espremendo
Da manhãa vaca o leite saborôso,
O vou depois bebendo
Pelo concavo tarro mais gostoso,
Do que estes odoriferos licores,
Que talvez desconcertão teus humores.

Aqui, quando anoitece,
Tropel não ha que o somno me embarace;
E logo que amanhece,
Alegre vem dizer-me que o Sol nasce
(Rodeando-me a choça) o passarinho,
Que primeiro do que eu deixa seu ninho.

Em vez de altos cuidados,
Doce canto me acorda brandamente:
De empregos arriscados
Não me faço importuno pertendente:
Bastava-me a razão, a sabia Lei:
Adoro o Rei, sómente porque he Rei.

Amiclas pescador,
O' venturoso Amiclas, se pudera,
O vão subjugador
Da Patria o Sceptro pelo remo dera;
Quando pedes, que o passes, invejando
A paz, que na alta noite estás gozando.

Mas aonde caminhas,
Paſtor, que eſtás em vão vociferando?
Deixa as gentes meſquinhas
Fartar do lodo vil, que vão buſcando:
Coroem teus trabalhos venturoſos
O ouro não, os pampanos viçoſos.

Deixar o Mundo embora:
O que hoje vemos nós, já outros virão:
Não he, não he de agora,
Que peſſimos coſtumes mal ſe tirão:
Atolados em ſórdida cubiça
Longe de nós, oh homem ſem juſtiça!

VI.

VAi, meſquinha Ambição, chega-te ao leito
Do languido doente,
Alli lhe repreſenta o rico aſpeito
Do Indico Oriente:
Do aurifero Brazil moſtra-lhe abertas
As profundas entranhas,
Pinta-lhe os dons, repete-lhe as offertas,
Que tu finges tamanhas:
Azues ſafiras, rigidos diamantes,
Incendidas granadas,
Inda as humidas pedras brilhantes
Nas conchas prateadas:

Com

Com alcatifas de Achemenia lhe orna
A casa de ouro chea,
E com ambas as mãos profusa entorna
O corno de Amalthea:

Insaciavel Monstro, que me queres?
Te diz entre gemidos;
Em nada, em nada tenho esses prazeres,
Prazeres corrompidos:

Sobre a rija bigorna o dia inteiro
Co' duro braço erguido
Inda he mais rico o sordido ferreiro,
De negro pó tingido:

Volvendo o nauta rude a grossa amarra
No forte cabrestante
Mais feliz he, surgindo pela barra
Com robusto semblante;

Quer antes que perdello o vil forçado
Passar pelo desprezo,
Com que o descalço pé move cançado
Do vergonhoso pezo:

O mendigo embrulhado em roto manto,
Que mal lhe tolhe o frio,
Alegre vai de porta em porta, em quanto
Sente o corpo sádio:

Do

Do carrancudo Tormentorio á viſta
Paſsára ouſadamente,
Até firmar os pés na grão conquiſta
Da Luſitana gente:

De baço, e nú ſalvage não temendo
As ſettas, e os álfanges,
Novos caminhos por certões fazendo,
Paſsára além do Ganges:

De mil poſſantes náos gemer fizera
As concavas entranhas,
E prenhes ſobre o mar as eſtendêra
De riquezas eſtranhas:

A caſa do ſoberbo frontespicio,
Que fundára com ellas,
Onde ſe viſſe o prodigo artificio
De marmoreas janellas.

Não fora como a voſſa, ó cega gente,
Tão longe da Virtude:
Hum Templo fora a ti, a ti ſómente
Benefica Saude.

VII

NÃo de Carthago, nem de Troia canto
Os já desfeitos, e abrazados muros:
Mais alto a voz levanto,
Que ha de servir nos seculos futuros
De exemplo, e mais de espanto:

Longe superstição, longe Deidade,
Que influir sobre os canticos affectas
Divina suavidade:
Eu sou ferido das brilhantes settas
Da candida Verdade:

Os altos edificios, cuja gloria
Riscar não póde a negra mão dos Fados;
Padrões de larga historia
A' publica saude consagrados
Em honrosa memoria:

Não são muros de Thebas, erigidos
Em virtude do canto fabuloso:
Não são montes erguidos
Contra o poder de Jove respeitoso
Por homens atrevidos;

Tu és, ó grão Lisboa, alta Cidade,
Do Mundo Emporio, a Capital das gentes,
Patria da heroicidade,
Que debaixo das cinzas inda quentes
Reſpiras Mageſtade:

Todas eſtas Cidades, que acabárão,
Victima infauſta de ſanguinea guerra,
Que apenas te igualárão,
Inda jazem cahidas ſobre a terra,
Que ſoberbas pizárão;

Não foi de belicoſa gente armada
Repentina invasão, não força eſtranha
De mina rebentada:
Não foi eſtratagema, não foi manha
De inimiga cilada:

Não foi eſſe flagello horrendo, e feio,
Que miniſtrado nas fataes cruezas
Do ataque, e do bloqueio,
Ver não podem munidas fortalezas
Sem tremer de receio?

Eſſe, que póde de terror, e eſpanto
Fazer tremer o Mundo, e a fraca terra
Cubrir de amargo pranto,
Foi quem te conſternou, quem te fez guerra,
Que outrem não pode tanto:

Eu te vi ir com a viva cor mudada,
A mal vestida rouga fluctuante
Pelos hombros deitada:
A huma, e outra parte, vacillante
Correndo desgrenhada:

Eu te vi levantar altos clamores,
Tropeçar, e cahir atropellada
Dos teus habitadores:
Sobre mudos penhascos, rodeada
De pállidos horrores:

Bem como aquelle, que cahio ferido
Entre os soldados do esquadrão guerreiro,
He logo soccorrido
Do bom amigo, que lhe deo ligeiro
A mão compadecido:

Assim do meio de miseria tanta
Te ergueo aquelle, que da negra Inveja
Opprime a vil garganta:
Ah! Chega ao grande Conde, a mão lhe beja
A mão, que te levanta:

Oh Grande Pai da Patria, Heroe benino,
Tua robusta mão capaz só era
De tamanho Destino:
Por ti o Alto Jupiter espera
No assento crystallino:

Com que roſto de lá do Soberano
Throno das almas dos Heroes potentes,
Verás, ſenão me engano,
Ferver cada vez mais, eſtranhas gentes
No Téjo Luſitano:

Quando voltarem para os patrios ninhos,
Virão, movidos de alta croſidade,
Sahindo-lhe aos caminhos,
A perguntar-lhe pela Grão Cidade,
Parentes, e vizinhos:

Agora louvarão os beneficios
Das ſabias Leis, agora o fundamento
Dos nóbres edificios,
Que inda porão em longo eſquecimento
Os célebres Egypcios.

Não conſultei de victima innocente
As fumegantes humidas entranhas:
Não o Ceo reluzente,
Subido ſobre o cume das montanhas
Com juizo imprudente:

No auſpicio de outra luz os olhos fito:
De huma alma grande as intenções proponho;
Conſulto o Conde invicto:
Não ſe preſuma que deliro, ou ſonho;
Com elle o acredito:

Jactem-se esses Heroes conquistadores
(Nomes, com que se o povo nescio engana)
Dos barbaros furores;
Com que opprimindo a fraca gente humana
Se chamárão Senhores:

Entrem pelas Provincias descuidadas:
A mal avindos póvos façáo guerra:
Vejáo despedaçadas
Cahir as altas povoações por terra,
Entre lanças, e espadas:

Façáo tremer Neptuno de assustado:
Rompáo-lhe á força de nadantes quilhas
O ceruleo costado:
Obrem outras mais altas maravilhas,
Que dáo no Mundo brado;

Que tu, ó Fama, no portal do Templo
Defenderás a entrada iniqua, e dura
A semelhante exemplo,
Reservando sómente esta Ventura
Ao Heroe, que contemplo:

Ao filho de Laertes, que importára
O astuto esforço de assolar Dardania,
Se por memoria rara
Com bemfeitora mão na Lusitania
Lisboa não fundéra.

Eſte da verdadeira heroicidade
Será ſómente o titulo, e o modo
De entrar na Eternidade;
Que he mais, que desfazer o Mundo todo,
Erguer huma Cidade.

VIII

RAmo feliz, de frutos eſperados,
Que a creſcer principias:
Do Ceo, que te diſpoz, abençoados
Sejão teus bellos dias:

Oh nunca a mão cruel, do deſabrido
Noto, contra ti vejas!
Antes de hum brando Zefiro movido,
Co' elle brincando eſtejas:

Em freſco orvalho ſobre ti deſcenda
Todo o riſo da Autora:
Elle ao ſecco Eſtio te defenda;
Da calma abrazadora;

Mas não és tu producto florecente
Do tronco generoſo,
Cujas folhas irão perpetuamente
Toear o Ceo formoſo?

Eu

Eu não eſcuto, Angelico Deſtino
Com voz ſerena, e ſanta,
Que de teu naſcimento peregrino
Alta ventura canta.

Não te promette em ſeculo vindouro
De Outono ſazonado,
Melhores pomos, do que os pomos de ouro,
Que Alcides tem roubado.

Não diz, que então á ſombra recolhidos
Da tua excelſa rama,
Viráõ do Téjo os ciſnes eſcolhidos
Cantar a tua fama:

Tu és, tu és o ramo abençoado
Diſpoſto em chão fecundo,
Para ſeres no Mundo reſpeitado
Dos melhores do Mundo.

Tragão do campo as Tagides formoſas
Flores nas brancas fraldas;
De roixos lirios, de purpureas roſas
Te fabriquem grinaldas;

E as Graças, que em ti já ſe eſtão revendo,
Irão cheas de gloria,
Nas tuas verdes folhas eſcrevendo
Deſte dia, a memoria.

IX

SE em teus puros Altares
Em honra deſte dia, ó bella Olaia,
Não vês ſubir aos ares
Os fumos da odorifera Pancaia:

Se em honroſa memoria
Com feſtivas geraes acclamaçôes
Não vês á tua gloria
Fundir eſtatuas, levantar padrões:

Se do cedro aos ardores
Não vês chegar pacificas, e prompras
Coroadas de flores,
Cem brancas rezes de douradas pontas:

Se não vês as diſputas
Das carroças nos circulos ligeiras,
Nem ſanguinoſas lutas,
Nem apoſtas nas rapidas carreiras,

He porque não diſpenſa
A avarenta Fortuna a hum baixo eſtado
A grande differença,
Que vai do aureo Sceptro ao vil cajado.

Pelas razas campinas
Não ha entre as pobriſſimas cabanas
Mais que humildes boninas
Moles juncos, groſſeiras eſpadanas.

Nas ruſticas Aldêas
Não ha mais do que alegres paſſarinhos,
Melliſluas colmeas,
Pobres tarros, malhados cordeirinhos.

E'cos deſafinados,
Aſperos ſons de ruſticos ſalteiros,
Louvores entalhados
Nos corruptiveis troncos dos ſalgueiros.

De huma ſimples Paſtora
São eſtes dons proporcionadas prendas
De ti, minha Senhora,
Não são, nem devem ſer dignas offrendas.

Mas ſe huma alma, que tenho,
Agora ta não der, para que a quero?
Eu offrecer-ta venho,
Recebe, Olaia, o dom, vê que he ſincero.

Nella o teu nome eſteja
Mais perduravel, do que em bronze duro,
Hum novo Templo ſeja
Onde ſe guarde do poder futuro.

Nel-

Nelle ſegura, e uſana
Vive a pezar dos ſeculos ingratos,
Queime-ſe o de Diana,
Que eſte não teme a mão dos Heroſtratos.

Póde abater-ſe a torre,
Dar de ſi a firmiſſima coluna;
Mas n'alma, que não morre;
Não tem poder o braço da Fortuna.

X

N'Um ſitio, que buſquei accommodado
Para chorar meus males,
Aonde ſó me via rodeado
De montes, e de valles,

A' ſombra de hum altiſſimo loureiro;
Que tem o naſcimento
Na corrente de hum candido ribeiro,
Ainda mal me aſſento,

Quando a huns ternos ais deſconhecidos
O roſto levantando
Deſcubro entre ſoluços, e gemidos
Hum menino chorando.

Quem

Quem es? (lhe perguntei) quem te maltrata?
Deo-te, menino, alguem?
Eu sou Amor, offende-me huma ingrata,
Que de mim dó não tem.

Na face o beijo, e a meu colo o trago,
As lagrimas intento
Limpar-lhe interneçido; mas co' afago
As lagrimas lhe augmento.

Aonde estão as settas, lhe dizia,
Aonde o arco, a aljava?
Queria respondet-me, e não podia,
De novo soluçava.

Aonde está, Cupido, aquelle ousado,
Aquelle atrevimento,
Com que as terriveis armas tens levado
Até ao Firmamento?

Por ti não desceo Jupiter á terra
Em diversos semblantes?
Não temeo muito mais a tua guerra,
Que a guerra dos gigantes?

Contra Marte os teus raios não despedes,
Não lhe aplacas a ira?
Não fica prezo nas vulcaneas redes
Por Venus não suspira?

Por

Por ti o Louro Deos, que os carros guia
Do dia luminoso
Apôs da esquiva Daphne que fugía
Não correo amoroso?

Por ti a casta Deosa não deixava
Os Patrios Orizontes,
E entre brancas ovelhas não buscava
Edymião nos montes?

Tu só, tu forte Amor abrir pudeste
A Porta Diamantina,
Sahir á luz do Sol Plutão fizeste
A buscar Proserpina.

Quantos Deoses em fim, quantos humanos
Sentirão teu estrago?
Digão-no os Gregos, digão-no os Troianos,
E dize-o tu, Carthago.

Eu vejo, eu vejo o fogo devorando
Cidades, e campinas,
As Máis correndo, os filhos espirando
No meio das ruinas.

Se ver pudeste, Amor, tanta desgraça
Com semblante sereno,
Como he possivel que chorar te faça
Hum poder tão pequeno?

Amor,

Amor, que no meu peito recoſtado,
Ouvindo attento eſteve,
Os olhos abaixou, de envergonhado
A fallar não ſe atreve.

Té que dando hum ſuſpiro, já diſpoſto
Para fallar ſe enſaia;
Que mal conheces o Divino roſto
Da poderoſa Olaia.

Quiz reſponder-lhe, e elle continúa:
Aquella féra humana
He ainda mais féea, inda mais crua
Do que he a Tigre Ircana.

Zomba das minhas ſettas paſſadoras,
Meu poder deſconhece,
Nem dó que eu paſſo, nem do que tú choras
Huma vez ſe internece:

Arco, aljava, e mil ſettas fiz de novo
De ponta mais aguda;
E antes de atirar, primeiro as provo
Em huma penha ruda.

Puz no areo as mais fortes; e atirando
A ſeu peito hama e huma,
Ora ſe entortão, ora vão quebrando
Sem a ferir nenhuma.

Sem-

Sempre encontrei dobrada reſiſteneia,
Té os ferros lhe ervava,
Não me eſqueceo nenhnma providencia,
Mas nenhuma baſtava.

Outros meios tentei: Farto voando
Aos Cicilicos montes,
Raios eſtão a Jupiter forjando
Eſteropes, e Brontes:

Peço a Vulcano que hum grilhão me faça,
Mais forte, mais pezado,
Que eſſe, que tem com miſera deſgraça
Na roda a Ixion atado.

Volto com elle cheio de eſperança,
Que já me promettia,
Olaia buſco, e vejo que deſcança
Entregue ao ſono hum dia.

Ah que não ſei dizer-te vivamente
Daquelle géſto brando
A graça natural, pura, innocente,
Com que eſtá reſpirando!

Não ſei dizer, por mais que a voz levante,
Como he bella dormindo,
Perdoa, minha Mãi, o teu ſemblante
Não he, não he tão lindo.

Accende-se de vella o meu desejo;
E sem que me fartasse,
No eburneo colo descuberto a bejo
Nos olhos, e na face.

Então nos lisos braços por cautela
O grilhão prevenido
Lhe deito mansamente, porque della
Não fosse persentido:

Quando deste meu pranto desprendida
Huma lagrima ardente
Lhe cahe no bello rosto, e espavorida
Acorda de repente.

Os olhos poz em mim formosa, e fera,
Tal fogo nelles traz,
Que como ao lume se derrete a cera
O meu valor desfaz.

Rompe a cadea dos mimosos braços,
Quem tal imaginou!
E em desprezo c' os miseros pedaços
De longe me atirou.

Desarmado fiquei, sahi corrido
Té parar nesta praia:
Já me não chamo Amor, nem sou Cupido,
Sou o odio de Olaia.

Só de quantas idéas tenho feito,
Util póde fer eſta
Deſſe teu coração, deſſe teu peito
Hum ſuſpiro me empreſta.

Com elle juro aos Deoſes, e ás Eſtrellas
De obrar couſas tamanhas,
Que até lhe faça derreter aquellas
Duriſſimas entranhas.

Neſtas armas ſómente confiado
Partio, Amor, voando,
E eu a ſuſpirar acoſtumado,
Lhe diſſe ſuſpirando:

Aqui te eſpero, Amor, neſtes retiros:
A victoria ſegura;
Mas olha bem, que são os meus ſuſpiros
Suſpiros ſem Ventura.

CANÇÕES

I

LOnge barbaro vulgo !
Fugi, fugi de mim; porque os ſubidos
Myſterios, que divulgo
Na attenção dos incredulos ouvidos,
Não fazem doce effeito:
Põe, ó Muſa, tanta alma no conceito
Deſte alto aſſumpto, que me occupa a mente,
Que, ferida de hum raio intelligente,
Faça o que for compondo
Armonía no Ceo, no Inferno eſtrondo.

Não cantarei de Ormias,
De Lucrecias, de Porcias as vulgares
Eſtranhas ouſadias,
A quem no Mundo a Fama ergueo Altares;
Nem de outras de igual Fama:
Cantarei a Matrona, que ſe acclama
Entre as fortes mulheres, MULHER FORTE;
Que as Leis vencendo da invencivel morte,
Os vinculos deſata
Da culpa, e vive co' a pureza intata.

Não cantarei as Didos,
As Sabás, as Simiramis, que a gloria
De ſeus Reinos luzidos
Inda durão nas paginas da hiſtoria,
A Divina, a Profana:
Cantarei a Rainha Soberana,
Que já muito antes de que houveſſe idade,
A preſervou de humana enfermidade
Quem todo o poder tem
C'um poder alto, nunca dado a alguem.

Não cantarei Joannas,
Urſulas, nem Luzias, que vencendo
As ſuggeſtões profanas,
Que arma contra a pureza o vicio horrendo,
De coroas, e palmas
Ornão triunfantes as precioſas almas:
Cantarei a mais pura, intacta, e Santa,
Que a Fé adora, e que a Igreja canta,
Que foi Mái, ſendo Virgem,
Fonte de Graça, da Pureza origem.

Não cantarei as Saras,
As Lyas, as Raqueis tão conhecidas,
Na formoſura raras,
Grandes em nomes, célebres em vidas,
Notaveis na Eſcritura:
Cantarei a celeſte formoſura
Que honrou da enferma Natureza a maſſa,
Que de graças encheo o Author da graça,
A Roſa mais perfeita,
Que o Ceo, plantada em Jericó, reſpeita.

Cantarei a formoſa
Judith contra o Gigante do peccado;
Tanto mais valeroſa,
Quanto vai da figura ao figurado:
Do Teſtamento a Arca
Cantarei, cantarei aquella barca,
Que no Diluvio da original tormenta
Entrou no Mundo do naufragio iſenta;
E a pomba, que o virente
Ramo trouxe da Paz a toda a gente.

Cantarei huma Aurora,
Náo como a que ante o Sol nos vem raiando,
Mas outra Precurſora,
Que á luz do meſmo Sol as luzes dando,
As recebeo mais bellas
Do Creador do Ceo, e das Eſtrellas:
E ſe o meu fraco eſpirito lá chega,
Neſte alto mar de luz, em que navega,
Nova Eſtrella me guia,
Que es Tu, es Tu, Santiſſima MARIA.

Oh!

Oh! Como vivamente
Na idéa ſe me eſtá repreſentando
Que no Ceo (altamente
O teu Nome Santiſſimo entoando)
A Eſpiritos Divinos
Repetir ouço os Canticos, e os Hynos;
E que o meſmo Senhor tres vezes Santo
De hum amor ineffavel ſe enche tanto,
Que, ſe poſſivel fora,
A gloria ſua ſe augmentára agora.

Oh! Como me pareec
Que as Eſtrellas ſcintillão mais brilhantes!
Que o mar não ſe enfurece,
Que eſtão de nós os Ceos menos diſtantes!
Que lá dos horizontes
A terra inclina os levantados montes!,
Porém que o Reino de ira ſempiterna
Onde tudo ſem ordem ſe governa,
Ouvido o nome Santo,
Levanta horrendo, e inconſolavel pranto.

Que trasbordando fóra
Fervem da Eſtige as denigridas aguas,
Que a chuſma gemedora
O pezo ſoffre de dobradas mágoas;
Que os ímpios maldizentes
A raiva exprimem no eſtridor dos dentes;
E as almas novamente atormentadas
A' força das cadeas arraſtadas,
Sentem tremer abſortas
Nos duros eixos das Tartareas portas.

Megera eſpavorida,
Que quer fugir do carcere parece,
E achando-o ſem ſahida,
Contra os ſoltos cabellos ſe enfurece:
Nas ímpias mãos trazendo
As viboras mortaes, que eſtá mordendo:
Que eſſe Dragão, que preſidencia ímpia
Tem da Região, que não conhece o dia;
Da immunda boca ſólta
Rios de eſpuma em negro ſangue envolta.

Mas já do infame throno
Deſcer o vejo tremulo, e forçado;
E qual de grande ſono
Tres vezes cáhe no chão deſacordado,
Incendios vomitando:
Em tanto a devoção continuando
A celebrar o Nome de MARIA,
O monſtro, contumaz na rebeldia,
Na cauda quer firmar-ſe,
Porém de balde intenta levantar-ſe.

Santiſſima Senhora,
Vós, que debaixo deſſa invicta planta
Lhe pizais vencedora
A venenoſa, e tumida garganta
Por toda a Eternidade,
Ponde tão milagroſa ſuavidade
No baixo ſom da minha rouca lyra,
Que ſer a arpa de David ſe infira,
E em voſſo Nome Santo
Affugente o Demonio com meu canto.

Já, Senhora, não quero
Aquella, que invoquei, profana Muſa;
Pois ſó de vós eſpero
Aquelle ardor; que quem o alcança, eſcuſa
Outro algum poderoſo,
Quanto mais o do Pindo fabuloſo:
Canção minha, publica a toda a gente,
Que ſe ſe entoa algum louvor differente,
Para ſempre emudeça,
Que outro louvor mais Santo ſe começa.

II

COm teu formoſo roſto
Encoſtado na mão? C'os olhos bellos
Cubertos de deſgoſto,
E ſobre elles os lucidos cabeilos
Sem alinho pendentes!
Que mágoa he eſſa, que ó Beliza ſentes?

Aſſim de quando em quando
(Da velha, e triſte Mái deſamparada)
Mudos ſuſpiros dando!
Só dos tenros filhinhos rodeada
A carpir innocentes!
Que mágoa he eſſa, que ó Belliza ſentes?

Aos membros delicados
Tirando as forças! E na face linda
Impreſſos mil cuidados!
Dos eſtranhos deixada; e mais ainda
Dos indignos parentes!
Que mágoa he eſſa, que ó Beliza ſentes?

Mas já, formoſa Dama,
Amor, o cego Amor o vai dizendo:
Teus ſuſpiros derrama,
De mágoa o Ceo, a terra, o Mundo enchendo;
Que o meſmo Amor nos deve
Dizer a cauſa, já que a culpa teve.

Já ouço d'entre a gente
Soar hum rumor triſte, que levanta:
Qual geme deſcontente,
Qual manea a cabeça, qual ſe eſpanta:
Todos triſtes murmurão,
Todos Beliza acompanhar procurão.

Que faça hum vil marido
A huma fraca mulher tão dura guerra!
Torpe, e deſcommedido,
Indigno em fim de que o ſuſtente a terra!
Infeliz formoſura!
Beliza triſte, mais que a noite eſcura.

Aquelle brando géſto,
Aquella compoſtura, aquelle riſo
Entre contente, e honeſto;
Retrato do ſereno Paraiſo:
Com tanta ſemelhança,
Que tudo o mais aparta da lembrança.

Já Ruſticio te eſquece?
Já, Beliza, não he como dizias?
Já triſte não merece
Eſſe grande ſenhor, que ſer querias?
Os mimoſos infantes
Já não são teus filhinhos como d' antes?

Eſtes são os futuros
Deſcanços tantas vezes promettidos?
São eſtes os ſeguros
Premios de Amor a tanto amor devidos?
Era eſta a Ventura,
Que eſperava a innocente formoſura?

Qual o ſimples menino,
Que da tenra florzinha ſe namora,
Com géſtos de continо,
Em quanto lha não dão ſuſpira, e chora;
Que depois maltratada
Cahir das mãos a deixa deſprezada:

Não de outra ſorte obraſte
Com a triſte Beliza, que algum dia,
Como embebido olhaſte,
E agora a deixas (mas quem tal diria!)
Nas máos da vil Pobreza,
Tão arriſcada a fragil natureza?

Em funebre apoſento
Enterrada ſem culpa; e para a vida
Tão amargo ſuſtento;
Que entre a neceſſidade aborrecida,
He ſó por máos da Fome,
Que amaſſado com lagrimas o come.

Já tivera apartado
De ſeus olhos a luz a noite eterna,
Se por alto cuidado
De quem ſó nos ſuſtenta, e nos governa
Não fora o beneficio
Suſtentador do Angelico Edificio.

Deſattento marido,
Que ás innocentes vidas não reparas;
O animo abatido
Da Conſorte fiel, das prendas charas:
Oh nunca farto ſejas
Dos ſuperfluos manjares, que deſejas!

Insolentes Arpias
A' meza sobre ti com furia desção,
Das mãos as iguarias
Levadas pelo ar desappareção,
Como já succedeo
Com menos causa a Eneas, e a Phineo.

Onde tendes a espada,
Celeste Dom, Justiça vingadora?
Que na mão levantada
Não vinga a pobre, e misera senhora?
Mas ha que o não consente
Da piedosa Beliza o rogo ardente!

Se inda mereço tanto,
Que tens de mim, ó Ceo, algum cuidado,
Pelo contínuo pranto
Destes tristes meninos sem peccado,
Vê, que pedindo estou
O perdão para aquelle, que os gerou.

Perdoa ao inimigo,
Que tu mesmo me déste por Esposo;
Senão serás comigo
Da mesma sorte, que elle rigoroso;
Pois pela fé que trato,
Não deixou de ser meu, por ser-me ingrato.

Venturoſo Conſorte,
Que contra perigoſa, e longa auſencia
Podes ſeguro, e forte
Ver de amor conjugal tanta excellencia,
N'uma mulher tão rara,
Que Oliſes por Penelope trocára!

Mulheres deſcontentes
De cego Amor: Mulheres que caſaſtes,
E cegas, e imprudentes,
Em lugar de homens, troncos abraçaſtes,
Vinde ver em Beliza
Quanto mal, quanta dor vos martyriza.

Chegai deſconſoladas
A fazer-lhe piedoſa companhia;
E de pranto banhadas
(Em quanto houver no Mundo noite, e dia)
Chorai a toda a hora,
Com quem de dia, e mais de noite chora.

Vereis como Hymineo
De dor apaga a tocha ſuſpirando;
A tocha, onde accendeo
Seus deſejos, Amor, que já quebrando
O arco fementido,
Põe a mão ſobre os olhos, de corrido.

III

DA clara eſtirpe dos Heroes valentes,
Que em memoria das horridas batalhas,
Forão deixando nos portaes pendentes,
Lanças, eſcudos, capacetes, malhas,
Nem me prézo, nem ando
Caruncholos papeis deſenrolando;
De baixo tronco venho:
Humildes ramos por avós ſó tenho.

Não me gabo de ſólidos talentos:
Falta-me applicação, engenho, e arte:
Não recolho nos cofres avarentos
Eſſes dons, que Fortuna mal reparte:
Não são os meus projetos
Altas paredes, guarnecidos tetos:
Sou pobre, e deſte modo
Tenho por minha caſa o Mundo todo.

Eu não honro a Nação, nem ſirvo o Eſtado,
Que a tanto hum fraco eſpirito não ſe atreve:
Deſſes não ſou, que o nome tem gravado
Nos livros de ouro, onde a Fama eſcreve:
Não me conhece o Mundo:
Na eſcuridão daquelles me confundo,
Cujo procedimento
Cubrio o negro pó do eſquecimento.

Não eſpero que erguida ſepultura
O frio corpo meu, honre, e levante,
Onde pare aſſombrado da eſtructura,
A ler meu nome, o vago caminhante,
Nem eſpero affligir-me,
Se a terra me faltar para cubrir-me:
Do famoſo Catão,
Inſepultos os oſſos inda eſtão.

Inda vive a memoria dos tyrannos,
E ainda, para aſſombro dos futuros,
Vertendo eſtão o ſangue dos humanos
De Roma as praças, de Cicilia os muros;
E de quantos Varões
Inda ſe ignora a fama das acções.
A verdadeira gloria
Não he eneher Capitulos na Hiſtoria.

A gloria de hum mortal não ſe alimenta
De ſangue, nem de lagrimas, ſó brilha,
Saiba-ſe, ou não ſe ſaiba, quando intenta
Perdoar generoſo ao que ſe humilha:
Quando vir levantada
Contra a innocencia ameaçadora eſpada,
Interpôr-ſe valente,
Seja de amigo, ſeja de parente.

Não ter em menos conta, o que trabalha
Co' arregaçado braço todo o dia,
Que o fero Capitão, que na batalha,
Cego talvez pela ambição porfia:
Eſtimar a virtude,
Onde quer que eſtiver, no ſabio, ou rude:
Ser grato aos beneficios:
Amar os homens, reprovar-lhes os vicios.

Cumprir o juramento huma vez dado,
Inda que ſeja ao barbaro Africano:
Ver ſobre ſi com roſto ſocegado
A mão erguida de hum algoz tyrano:
Amar a temperança,
Seja na tempeſtade, ou na bonança:
Aos ſoltos appetites
Tomar o freio, e aſſinar limites.

Ser ſenſivel ás lagrimas daquelle,
De quem talvez Fortuna ſe não doe:
Enternecer-ſe, ſuſpirar por elle,
Que eu não fórmo de pedra o meu Heroe:
Oh Santas qualidades,
Vós ſómente he que ſois heroicidades,
Sois geração do Ceo,
Que tão pouco na terra ſe eſtendeo!

Vós sois capazes de fazer ditosa
A alma de hum Pastor, e de hum Barqueiro;
Mais livre está do aio, quem vos goza,
Do que á sagrada sombra do loureiro:
Comvosco ao Ceo voárão:
Esses, que de morrer nunca acabárão:
Eu vos amo, eu vos sigo;
Mas sem vaidade, e sem soberba o digo.

Não estudo palavras, e artificios
Do manhoso Sinão, tecendo enganos;
Quaes elle fez nos dons, e sacrificios,
Que introduzio nos miseros Troianos:
Não sou lobo esfaimado
Com pelle de cordeiro disfarçado:
Amo por natureza
A doce paz, a bella singeleza.

Respeito o sabio, o virtuoso, o forte,
Estimo ao bemfeitor; por mais que vejo
Crescer ao meu vizinho os bens, e a Sorte
Sabe, quem sabe tudo, se os invejo:
Se posso, ao pobre acudo,
Dos primeiros propositos não mudo:
No gosto, ou no perigo
He a minha metade o meu amigo.

A ſaude me falta, e não me altero:
Soffro a murmuração, ſoffro a violencia;
Sómente o goſto de morrer eſpero,
Abraçado co' a minha paciencia:
Eſtes são meus theſouros,
Eſtes os meus brazões, eſtes os louros,
Que me adornão a teſta;
Eſte he o meu nome, a minha eſtatua he eſta.

ECLOGA

I

Albano , e Damiana.

POr entre a nuvem roxa apparecía
A deſtoucada Aurora no Orizonte,
E já de novo a eſcaſſa luz do dia
Dourava o cume do apartado monte:
A nevoa da manhã ſe deſtazia,
Cantava o roxinol , ria-ſe a fonte,
Abria a porta o ruſtico na Aldêa,
Branquejava na praia ao longe a arêa.

Trazia o Tempo as horas diligente;
E os hombros ſe deixavão ver da terra:
Já lá ſe diſtinguia claramente
Fumegar o caſal na inculta ſerra:
O ſimples cordeirinho de contente
Apôs da chara Mãi, ſaltando, berra;
E antes que o Serrano ao paſto a deite,
No manſo apriſco lhe mugia o leite.

Já ſe eſcutava da manada a choca
Ao longo da campina: De outra banda
Alli punha a Serrana a lá na roca,
Aqui paſtava a cabra a relva branda:
Hum guardador além a flauta toca,
Quando a beber o gado á fonte manda:
Ouvia-ſe alternada em ſeus amores
A ſincera cantiga dos Paſtores.

O novo jugo a tarda companhia,
Deſamparando o ruſtico agazalho,
No calejado collo recebia,
Para ſeguir o próvido trabalho:
O peſcador nas praias eſtendia
As redes a enxugar do freſco orvalho:
Todos que era chegado o Sol ſabião:
Huns acordavão, outros já ſahião.

Mas Albano Paſtor, que madrugava
Ainda mais que o luzeiro matutino,
Já ſem acordo ſolitario andava
Pelas margens do Téjo cryſtallino:
E como alli ſentia, alli chorava
A triſte ſem-razão do ſeu Deſtino:
Nunca, por mais que via ao Sol o roſto,
No ſeu ſemblante amanhecia o goſto.

Era elle entre os da Aldea o mais polido;
Pobre Paſtor; porém de ſangue honrado,
E poſto que no monte foi naſcido,
Tinha ſido por Meſtres educado:
Mas tinha-lhe a Fortuna decahido,
Contra quem nunca achou ſeguro eſtado;
E com pobreza hum claro naſcimento
Não he ſenão ſervil abatimento.

Amava Albano; e erão ſeus cuidados
Da ingrata Damiana os vãos favores:
Aquella, que entre a plebe dos cajados
Foi amoroſa guerra dos Paſtores:
De ſempre vivas cores animados
Seus olhos, boca, e face erão melhores
Que os da Mãi de Cupido, a quem pudera
Emulação fazer, ſe ella o ſoubera.

Nas

Nas ribeiras ſaudoſas encoſtado
Se achava Albano, ao tronco de hum ſalgueiro,
Cujo lugar hum tanto levantado
Ficava ſendo ás aguas ſobranceiro:
A face encoſta ao curvo do cajado,
Olhando para o Téjo liſongeiro,
A cuja viſta o ſeu pezar foi tanto,
Que eſtas palavras miſturou com pranto:

O' rio venturoſo, (principia,
Arrancando primeiro hum ai magoado)
Que cedo alcançarás neſſa porfia
Satisfazer o fim do teu cuidado!
Triſte de quem não acha huma alegria,
Por mais que corra em lagrimas banhado;
Mas tu, inda correndo, tens ſocego;
Eu nem parado a ter deſcanço chego.

Tu corres livre do amoroſo encanto;
Mas oh! Que eſtranho effeito exprimentáras,
Se aſſim como te augmentas do meu pranto,
Sentíras o meu mal, que então ſeccáras!
Quanto deves temer o tempo! Quanto!
Que póde perturbar-te as aguas claras,
Ou fazer-te tão pobre, que inda a nado
Te paſſe affouto o meu pequeno gado.

Quan-

Quantas vezes contente já me viſte
Ao pé deſte ſalgueiro, e deſta azenha?
E agora de repente me vês triſte!
Terás mais privilegio, que eu não tenha?
O bem de ſer alegre não conſiſte
Em que a Ventura hum pouco ſe detenha:
Eu não poſſo já mais viver goſtoſo,
Mas tu podes deixar de ſer ditoſo.

Preſta-me hum pouco compaſſivo, e grato
Piedoſo ouvido a meu cruel lamento;
Se he que eſte meſmo pranto, que deſato,
Te não apreſſa mais o movimento;
Como ſuccede a eſſa, a quem relato
(Por não querer ouvillo) o meu tormento;
Eſſa, a quem tanto imitas na belleza,
Quanto ella a ti na propria ligeireza.

Aqui chegava Albano internecido
Sem refrigerio algum, que o ſeu cuidado
Lá dentro n'alma he tanto mais creſcido,
Quanto agora o ſuppõe mal empregado:
Envolto em fogo ſahe qualquer gemido,
A's vozes ſegue o pranto dilatado:
Que Amor quiz para próva deſte affeto
De chammas filho ſer, das aguas neto.

Aſſim paſſando as horas deſcontente
O Paſtor deſcontente a qualquer hora,
Duvidoſo de longe, eſcuta, e ſente
Os écos doces de huma voz ſonora:
Julgou ſer da Paſtora facilmente
O canto Angelical, que nunca o fora;
E levantando os olhos para o monte,
Vio que era della, e que baixava á fonte.

Qual Lavrador, que atrás do curvo arado,
Succedendo fugir-lhe algum bezerro,
Para logo o apanhar todo aſſuſtado,
Deixa a lavoura, deſampara o ſerro,
Aqui corre, acolá ſalta hum valado,
Atalhando o caminho pelo ferro,
Cuberto de ſuor, e de poeira
Continuando vai ſempre a carreira:

Tal o Paſtor, em quem ſe verifica,
O quanto pó le hum miſero cuidado:
Não lhe lembra a cabana, que cá fica,
Larga o çurrão, eſquece-lhe o cajado:
E por ir mais depreſſa, ao valle applica
Os paſſos, por caminho não trilhado,
O gado larga já, nada o ſocega,
As paſſadas amiuda, á fonte chega.

Já ſe achava a Paſtora lá preſente,
Quando Albano, detrás de hum verde arbuſto,
Sahindo-lhe ao encontro de repente,
Elle com dor não falla, ella com ſuſto:
Qualquer dos dous ao Fado, impertinente
Accuſa neſte lance, mais que injuſto:
Duas imagens ficáo do ſegredo,
E junto de hum penedo, outro penedo.

Até que Albano triſte começando:
Não te aſſuſtes; (lhe diz) mas não podendo
Dar mais do q̃ hum ſuſpiro, ſoluçando
Lhe vai o pranto a voz interrompendo:
Suſpira ſem fallar de quando em quando,
E de novo outra vez convaleſcendo,
Antes que a voz de todo embargue a morte,
Principia chorando deſta ſorte:

Não te aſſuſtes, cruel, que o teu Albano
Eu ainda ſou (dizendo-lhe) a detinha;
Que fora poder mais, que Amor, o engano;
Não ſer teu, porque deixes de ſer minha;
Entre o miſero horror de tanto dano
Inda reſpira a fé, que a alma ſuſtinha,
Inda fazer não póde o teu defeito
A mais leve mudança no ſeu peito.

Eu ſou aquelle, Albano, que algum dia
Por ti pizava alegre eſta eſpeſſura;
Pois ſó com teu favor me parecia,
Que tinha que invejar-me inda a Ventura;
Mas hoje huma mortal melancolia
O roſto, o géſto, a voz me desfigura;
Alegre aos campos vim deſte contorno,
E quão mudado agora a elles torno!

Já capellas de louro não pertendo,
Nem já cuido no aſſeio do meu fato,
Depois que me deixaſte aſſim vivendo,
Dos mais Paſtores aborreço o trato:
A mim proprio confuſo não me entendo,
Finalmente ando a modo de inſenſato,
Já-ſe não vê na minha boca o rizo,
Só me falta perder de todo o ſizo.

Já para as cabras não deſcubro o paſto,
Melancolico ſempre trago o roſto,
Continuamente com meu mal me agaſto,
Deſde que naſce o Sol até que he poſto:
E deſte modo pouco a pouco gaſto
A vida cá por dentro com deſgoſto,
Conſumindo-ſe em fim, ſem que a eſperança
Do que fui me prometta ſemelhança.

Tu

Tu me deixaſte ſem razão, Damiana,
Que por mais que diſcorro penſativo,
Vão-ſe as horas, os dias, e a ſemana,
E não poſſo julgar-te hum ſó motivo:
Acho-te cada vez mais deshumana;
Na verdade não ſei como ſou vivo!
Aſſim paſſo, aſſim chóro, aſſim me canço
Sem allivio, ſem goſto, e ſem deſcanço.

Paſsão-ſe dias, que não vejo o gado
Perdido pela ruſtica montanha;
E vivo á ſolidão tão coſtumado,
Que entro na Aldea, como em terra eſtranha:
Já me não lembra o jogo do cajado,
Na carreira qualquer Paſtor me apanha;
E ſe algum me pergunta a cauſa diſto,
Reſpondo que não ſei; mas he por iſto.

Já não repito as doces cantilenas,
Com que alegre atéqui paſſava o anno;
Pois ſó chorando as magoas, que me ordenas,
Se eſcuta na campina o triſte Albano:
A frauta, com que já fiz mais pequenas
Antigas ſem-razões de Amor tyranno,
(Porque hoje allivio nella ao mal não acho)
Na levada a deitei pela agua abaxo.

Dei-

Deixei nunca, cruel, por teu mandado
De atraveſſar o monte mais eſtranho?
Não levava a beber ſempre o teu gado?
Não era como teu o meu rebanho?
Quantas vezes por ti lá no ſerrado
Larguei da ſementeira o pobre amanho?
Que cabra leite deo, mel a colmea,
Que não foſſe levar-to eu meſmo á Aldea?

Até áquella ovelha eu mais queria;
Que mais que as outras todas te agradava;
Seu paſto era o melhor, porque ſabia
Que com eſte ſerviço te obrigava;
E ſe acaſo do monte ſe perdia,
Promptamente ao rebanho tá levava;
Deſejando moſtrar-te de algum modo,
Que em ti ſó tinha o meu cuidado todo.

Acaſo no arraial da Freguezia,
Onde ao Domingo a ftſta ſe executa,
Fiquei menos que os outros algum dia
Na apoſta da carreira, ou na da luta?
Não te levava, aſſim que ſe colhia,
A noz, a amendoa, a maçaroca, a fruta?
E quando aqui paſſavamos a féſta,
Não te dava as boninas da floreſta?

O primeiro não fui, que entre os Paſtores
Em ti buſquei honeſta ſociedade?
Em pertender conſtante os teus favores
Não conſumi a tenra mocidade?
Que frios em Janeiro, em Julho ardores
Não ſoffri já no monte, já na herdade?
E he crivel que finezas tão ſabidas
Caſtigues, como offenſas recebidas!

Tu foſte nunca ao monte, que eu não foſſe?
Ao rio, que eu tambem lá me não achaſſe?
Que Faia, por mais alta que ella foſſe,
Tolheo, que os ninhos para ti roubaſſe?
E que peixe ſe cria na agua doce,
Que eu para ti contente não peſcaſſe?
Tudo aſſim foi, que deixo repetido,
Mas oxalá que não tivera ſido!

Nunca os olhos da eſtrada levantava,
(Que iſto ſó faz quem liſamente adora)
Quando por eſtes campos encontrava
No caminho da fonte outra Paſtora:
Se aqui alguma vez te não achava,
Te eſperava ſaudoſo de hora em hora;
E ſó quando chegavas, e eu te via,
Graças a Deos! Comigo então dizia.

Negar eſta verdade, eſta fineza,
Paſtora, em vão teu animo procura:
Ou dá-me de o fazer qualquer defeza;
Aſſim tenhas do que eu melhor Ventura!
Mereça-te eſta vez minha triſteza,
O que não conſeguio a fé mais pura:
E ſe a piedade no teu peito cabe,
Saibas mover-te, já que Amor não ſabe.

Não quero, não, Paſtora rigoroſa,
Eſtorvar-te eſſe affecto, que pertendes;
Quero ſó, quando ſeja tão forçoſa,
Perguntar-te a razão, por que me offendes?
Por iſſo meſmo, Albano, (deſdenhoſa
Lhe reſponde a Paſtora) *mal me entendes:*
Por iſſo meſmo, que forçoſa a vejo,
Não poſſo dar-te mais que a do deſejo.

Se a féra mais cruel, que o monte cria,
Fallar ſoubera (Albano continúa)
A voz talvez, com que ſe explicaria,
Menos aſpera fora do que a tua:
Eu morro; e já que morro em fim, queria
Saber antes que veja a morte crua,
Em que razão ſe funda, ſe aſſim mata,
Eſſa Lei, que te obriga a ſer-me ingrata.

Já com voz, nada menos defabrida,
Não teimes, (a Paſtora lhe tornava)
Que em ſer huma mulher agradecida,
Nem por iſſo ſe obriga a ſer eſcrava:
Eu te quiz, mas deixei-te aborrecida:
Já pelo Fado aſſim diſpoſto eſtava:
Não tens que te queixar da variedade;
Que amor não he razão, he ſó vontade.

Eu bem ſei, ſe te deixo, que te aggravo,
Porque a fazello ſem razão me atrevo;
Mas como hei de livrar-te deſſe aggravo,
Se he muito mais o que amo, que o que devo?
Vai ſer agora de outro amor eſcravo,
Que em conta teus ſerviços já não levo:
Lá tens Alberta, Silvia, lá tens Benta,
Todas formoſas são, nenhuma izenta.

Bem ſei de teu deſgoſto a larga hiſtoria;
Já não ſinto de ouvilla algum deſconto:
Suppõe que em ti paſſou de Amor a gloria,
Como o faz a mentira em qualquer conto:
Não percas a cabana da memoria,
Vai teu gado buſcar, não ſejas tonto;
Que póde acaſo, pois cioſo vive,
Saber Fileno, que comtigo eſtive.

Dei-

Deixa, que eu goze os frutos do ſocego
Na viçoſa eſperança de outro agrado:
Deixa-me: Vai-te, que em melhor emprego
Se occupa novamente o meu cuidado:
Eſſe novo Paſtor, em que me emprégo,
Tem devezas tambem, tambem tem gado:
Finalmente mais nada te repito,
Delle góſto, de ti não neceſſito.

Eſtes écos ouvia deshumanos
O Paſtor entre novas agonias,
Vendo na Primavera dos ſeus annos
Tão mal vingado o fruto dos ſeus dias:
Que tarde próva extremos deſenganos,
Quem ſe deixou levar de vans porfias!
Inda mal, que he tão certo! Oh cega gente!
Damiana o ſabe, o triſte Albano o ſente.

Quer fallar-lhe outra vez, porém avante
Ir não ſe atreve; e em lagrimas desfeito,
Ficando mudo por hum breve inſtante,
Afflicto as mãos aperta junto ao peito:
Comõ quem ſente mágoa penetrante,
Que promptamente faz miſero effeito,
Albano fica, em quanto a anguſtia calla;
Mas rompendo o ſilencio, aſſim lhe falla:

Ah tyranna Paſtora! Quem diria
Naquelles da affeição doces enganos,
Que em hum inſtante ſó Amor faria
O trabalho perder de tantos annos!
Aquelle olhar affavel de algum dia
Onde eſtá, de teus olhos ſoberanos?
Se, tirando-os de mim tão de repente,
Com elles vás fazer o chão contente.

Quantas vezes chorando me affirmavas,
(Se acaſo, ingrata, já me não mentias)
Que tanto de meus olhos te alentavas,
Que ſem elles do Sol a luz não vias!
Então em mim os teus ſó recreavas;
Hoje, ſó por não ver-me, os tirarias:
Os meus ſem luz eſtão, pois ſendo amantes,
Já não achão nos teus o affago d' antes.

He eſta aquella fé; com que algum dia
Paſſando a calma juntos deſta fonte,
Mil vezes teu amor me promettia:
Ser mais claro que o Sol, firme que o monte?
Não juravas então, ſe eu te não cria,
Que ao paſſar huma vez aquella ponte,
Ainda! com ella foſſes ter ao rio,
Se tiveſſes na fé qualquer deſvio?

Ah! Não paſſes por ella na incerteza
De o Ceo tomar de ti juſta vingança,
Que as pedras deixarão de ter firmeza,
Só para caſtigar huma mudança:
A confuſão da tua ligeireza
Eſtás vendo na ſua ſegurança;
Mas não poſſo eſtranhar quanto fizeres,
Porque em fim as Paſtoras são mulheres.

Quantas vezes, ſubindo aquelle outeiro
Comtigo pela mão, eſta que apertas
(Me dizias) *penhor mais verdadeiro*
Será ſempre de amor: (Palavras certas)
O tronco vendo eſtou, onde em letreiro
Inda lá eſtão por teſtemunho abertas:
Ou cumpre quanto então me tinhas dito,
Ou deixa-me ir riſcar tão vil eſcrito.

Eſſe Paſtor, que adoras novamente,
(Que ſempre cauſa amor a novidade)
Mais firme não ſerá; que o ſello a gente,
Não provém da maior felicidade:
Tu poderás fazello mais contente,
Mas não dar-lhe eſta minha sã vontade:
De mais, quem o ſegura neſſe eſtado,
Se a mão lhe dás, que já me tinhas dado?

Bem ſei que tem cabana levantada,
E que a minha he pequena, pobre, e eſcura;
Mas olha, que ao cahir ſempre a pancada
Coſtuma ſer á proporção d' altura:
Bem ſei que traz de bois grande manada;
Mas repara, que o bem nem ſempre dura,
E que, quando o deſejo he verdadeiro,
Val mais do que hum rebanho hum ſó cordeiro.

Teme as crueis diſpoſições do Fado,
Que chegão quando menos ſe imagina:
Não te confies de hum riſonho agrado,
Já que em mim proprio ves eſſa doutrina:
Tomarás nova poſſe do meu gado,
Servir-te-hei como d'antes na campina,
Farei de amar-te como ſempre eſtudo,
A minha alma terás, que he mais que tudo.

Se te deo Natureza hum géſto lindo,
Toma conforme a elle hum genio brando:
Vê, que não quero, de te andar ſervindo,
Mais premio, que a Ventura do teu mando:
A meu mal eſte allivio permittindo,
Com bem pouco te irás deſcarregando:
Ambos ſujeitos a affeição nos traga,
Tu ſem mais detrimento, eu ſem mais paga.

Farei por ti a ultima fineza,
Que tem viſto do monte a longa idade:
Preciſo não ſerá para a firmeza
Crear n' alma de novo outra vontade;
Que inda que ſe me eſtranhe eſta vileza
Entre a gente da Aldea, ou da Cidade,
Quero que vejas, que de mim ſe conta,
Que os olhos fecho em tão notoria affronta.

Não me faz a deſgraça de ſer pobre
Soffrer o vil partido que ſupplico;
Que bem póde morar huma alma nobre
Debaixo da rotura de hum pelico:
Quem me faz cego, quem a luz me encobre
(Com que vergonha! Com que dor o explico!)
He parecer-me ainda neſte engano
Tu mais formoſa, que o meu mal tyrano.

Se tu meſma confeſſas hoje em dia
Ser a minha affeição tão verdadeira,
Não tens para encubrir a tyrannia,
Nem ſequer a deſculpa da cegueira!
Quem tamanha inconſtancia julgaria
No liſo trato de huma fé primeira!
Quem, depois de em ti pôr toda a eſperança,
Havia de ſuppôr eſta mudança!

Se procuras mudar-te, e deſde a infancia
O coſtume de ver-me te amofina,
Sómente por ſeguires a inconſtancia
Que ſempre o peito feminil domina:
Eu tão outro eſtou já, tanta diſtancia
Do que fui, ao que ſou o Ceo deſtina,
Que podes hoje, uſando de piedade,
Manter inda comigo a variedade.

Torna a querer-me, torna: Mais pequeno
Farás meu mal em tão ſuave engano;
Que, poſto que não ſeja o teu Fileno,
Tambem não ſou, no que pareço, Albano:
Por amar-te olha a quanto me condeno,
Que ouço, e não creio o meſmo deſengano.
Que mais queres de mim? Tudo eſtá dito:
Té acceito em deſculpa o teu delito.

Sempre chorando, Albano aſſim fallava,
Em tanto que Damiana o pote enchia,
Que mais fria, que a fonte lhe eſcutava
As namoradas queixas, que lhe ouvia:
Sem reſponder, no cantaro pegava,
Que elle ajudar-lhe a levantar queria;
Mas em vão, que a Paſtora mui ligeira;
Voltando as coſtas, diz deſta maneira:

Albano, não te posso ouvir já agora,
Nem receber de amor a nova offerta:
Tens-me detido aqui ha mais de hum hora,
E deixei do casal a porta aberta:
Vai servir, já te disse, outra Pastora,
Não he dellas a Aldéa tão deserta:
Muito a tempo te aviso. E foi andando,
De quando em quando para trás olhando.

Qual a tenra novilha, que, perdida
Das brutas companheiras, pela estrada
Berrando em cata dellas vai sentida,
Sem atinar co sitio da malhada:
Tal o triste Pastor na despedida
Da Pastora cruel em vão buscada,
O sitio desampara, deixa a fonte,
Outra vez desce ao valle, sobe ao monte.

E vendo lá de longe inda a Pastora,
Exclama (sem que os passos lhe detenha)
Desses montes vai ser habitadora,
Terão em ti cruel mais huma penha:
Em quanto o Sol luzir, raiar a Aurora,
Eu protesto, que a elles mais não venha;
Que já, quando o meu mal presenceárão,
Mais do que tu, mil vezes se abalárão.

E em quanto vago afflicto esta montanha,
Em paz te deixo, fica sem cuidado,
Que dor nenhuma sentirei tamanha,
A' que tu me não tenhas costumado:
Pizarei para sempre a terra estranha,
Daquelle patrio abrigo desterrado:
De mim te esquece, já que alegre passas;
Mas temo, por pedir-to, que o não faças.

Aparta-te de mim: Vai, que algum dia
Fortuna, onde não ha seguro estado,
Fará que tambem eu de ti me ria,
Pagando-me do tempo que hei chorado:
Fará, que inda tu mesma a aleivozia
Talvez que sintas de me ter deixado;
Que o justo Ceo, que as sem-razões distingue,
A's mãos te levará de quem me vingue.

Ja tudo se acabou: Logra, tyrana,
O socego feliz da tua Aldeia:
Perca eu o agazalho da cabana
Na peregrinação de terra alheia:
Tudo quanto lá fica na choupana
Venha Dezembro, leve embora a cheia,
A' mingoa morra o gado, e eu ausente
Nunca mais veja, e trate humana gente.

E chegando-se a hum cedro corpulento,
Em cujo tronco, quando alli se achava,
Gravar, em fé do seu contentamento,
O nome de Damiana costumava;
Riscando-o, grita, *que não haja intento*
Nem hum breve final de que te amava;
Que inda hum tronco, que o tempo não consome,
Inconstante será, tendo o teu nome.

E vós, campos, outeiros, rios, gados,
Nunca a Sorte a fartura vos desconte:
Sem mim ficai-vos bemaventurados,
Que eu basto a fazer triste este horizonte;
E se meu pranto ha de affogar os prados,
Meus suspiros fazer seccar o monte,
A Deos! Porque será, como em mim vistes,
Deixar-vos menor mal, que ver-vos tristes.

Disse: e na eterna ausencia que fazia,
Tudo perder intenta da lembrança,
Temendo que pudesse inda algum dia
Tornar pelas pégadas da esperança:
Com passo incerto, e tremulo fugia
Daquella perigosa vizinhança;
E pelas ramas de huma mata espessa,
Para mais não ser visto, entrou depressa.

Tu agora, mortal, que o vil tormento
Buſcas de Amor, não queiras como Albano,
Chegando-lhe tão cedo o documento,
Guardar para tão tarde o deſengano;
Não catives o nobre entendimento
A' paixão de hum eſtimulo profano:
Fenece Amor, caduca a formoſura,
Buſca ſómente o bem, que ſempre dura.

ECLOGA II.

Agrario, Braz, e Anfriſo.

QUaſi de todo nos faltava o dia;
Mas inda a noite duvidoſa eſtava,
E o vento já mais brando parecia
Que entre as folhas do boſque repouſava:
Sobre as praias o mar adormecia:
A ſcintillar o Ceo principiava;
E lá nos apartados horizontes
Se via apenas terminar os montes.

Entrava o paſſarinho acautelado
Pela confuſa balſa, onde ſe aninha:
O Paſtor manſamente leva o gado,
Ainda maſtigando a branda hervinha:
Já, deſcançando o luzido arado,
Para a choupana o Lavrador caminha,
E o vagaroſo boi, remoendo o paſto,
Leva o duro peſcoço já mais gaſto.

Só

Só no meio de hum monte ſolitario,
Abundante de relva os mais dos mezes,
Eſquecido ficava o triſte Agrario,
Sem levar ao curral as manſas rezes:
Paſtor queixoſo de hum Deſtino vário,
Com que Amor o ferio baſtantes vezes,
E a quem táo fóra já de ſi trazia,
Que vinha a noite, e não lho parecia.

Não acha allivio, que o pezar lhe abrande;
E entregue mudamente ao ſeu deſgoſto,
Aſſim como quem penſa em caſo grande,
Ora levanta, e ora abaixa o roſto:
Vai-ſe-lhe o gado ſem Paſtor, que o mande,
Aos pés cahindo-lhe o curvado encoſto;
E as mãos, com que tambem a dor explica,
Põe debaixo dos braços, e aſſim fica:

Pela encoſta do monte manſamente,
Ambos co' a lenha ás coſtas no cajado,
Vinha deſcendo Braz velho, e prudente,
Com Anfriſo ainda moço, e namorado:
A eſte tempo Agrario, que ſómente
Eſtá em ſeus pezares elevado,
Imaginando que ninguem o ouvia,
Com lagrimoſa voz aſſim dizia:

Paſtora desleal, em cujo roſto
Quiz animar o Ceo tanta belleza,
Para eſconder Amor tanto deſgoſto,

Sa-

Sabe que de meus males a grandeza,
Lá onde quer que eſtás, farei notoria,
Porque nem reſte a Amor eſta fineza.

A todos contarei a minha hiſtoria,
Pois já que eu perco o bem da tua viſta,
Não percas tu do meu pezar a gloria:

Eu farei que a minha alma lá te aſſiſta
Em fé de meus puriſſimos amores,
Por mais que o teu deſprezo lhe reſiſta:

Ouvir-ſe-hão neſte valle os meus clamores,
Em quanto me durar a vida breve,
Que tem feita mais curta os teus rigores.

Morrer por ti ſerá fineza leve:
Quem perdendo-te em fim, não perde a vida,
Ainda a muito mais, e mais ſe atreve.

A tua voluntaria deſpedida,
Por mais que Amor me leve a eſtranhos lares,
Não poderá já mais ſer eſquecida.

Tal he a ſem-razão de me deixares,
Que inda tornando a ver-te, o que não creio,
Se não diminuirião meus pezares.

Té me parece o gado magro, e feio;
E o campo, que comtigo florecia,
Já me não serve aos olhos de recreio:

A fonte, que talvez adormecia
Ao som da minha flauta, hoje desperta
Aos ais, que dou em mísera agonia:

Para o curral o gado não acerta,
Dormindo pelos montes: E suspeito,
Que tudo de me ver se desconcerta.

Inda a mais chegarei por teu respeito;
Que Amor não guardará tyranno estado
(Se acaso o tem peior) para outro peito:

Mas se está, em que eu sinta o desagrado
Da tua condição formosa Altëa,
O ser eu venturoso, ou desgraçado,

Torna a fazer alegre a nossa Aldêa,
Huma alma a consolar, de que es senhora,
Veja-te antes ingrata, do que alhëa:

Não tenho de que sejas possuidora
Outra cousa melhor, que hoje te offreça;
Mas não faz pouco quem sem premio adora:

E bem que tão divina te conheça,
Se te não merecer quem mais te estima,
Aonde irás buscar quem te mereça?

Braz.

Tu não ouves, Anfriso, desta parte
Huma voz de pessoa magoada?
Oh como he triste! O coração me parte!
Para a ouvir, tiremo-nos da estrada.

Anfriso.

Vamos, que soa aqui para o teu lado
A voz piedosa, que ao depois ouviste;
E detrás desse milho semeado
Veremos de quem he queixa tão triste.

Braz.

Passa tu de vagar para diante,
E não vamos de rijo conversando,
Que já não póde ser muito distante
O lugar, donde as vozes vem soando.

Será de algum Pastor a triste queixa,
Que de Amor, ou Fortuna perseguido
Aqui talvez a suspirar se deixa:
Pois a tudo anda o homem offrecido.

Anfriſo.

Lá vejo hum vulto de homem levantado;
Mas já não poſſo bem ver-lhe o ſemblante:
Sózinho eſtá fallando; é o ſeu cuidado
Naſcer parece de algum caſo amante.

E cuido (enganar-me-hei) que pela altura,
Pela voz, e Paſtora que nomea,
Quem ſe queixa de tanta deſventura
He Agrario, Paſtor da noſſa Aldêa.

Braz.

Agora vejo. O meſmo me parece,
Porque depois que Altéa eſtá diſtante,
Quando ſe falla nella, ſe entriſtece,
Sem poder diſfarçallo no ſemblante.

Niſto tem reparado os mais Paſtores;
E á mim n'algumas vezes, em que o via,
Nunca me quiz fallar nos ſeus Amores,
Como quem de eu ſabellos ſe affligia.

Anfriſo.

Ora pois ſe te apráz, daqui lhe fallo,
Que he Paſtor bem creado, e noſſo amigo;
Não fora máo que foſſes conſolallo,
Anda, apreſſa-te, Braz, que eu vou comtigo.

Braz.

Braz.

Quem ama cegamente huma Paſtora,
Bem he que poſſa compaixão dever-te;
E o meſmo caſo, que elle ſente agora,
Ainda mal, que não venha a ſuccéder-te.

Guarde-te o Ceo, Paſtor, elle te ajude:
Mal ſabes quanto ſinto eſſa triſteza:
Oh praza a Deos, que o genio ſe te mude,
Se he que póde mudar-ſe a Natureza!

Aqui me traz a queixa do teu dano;
E conſidero, vendo-o tão profundo,
Que ſó póde naſcer daquelle engano,
Que tantos deſgraçados faz no Mundo.

Agrario.

Ah meu bom velho, que mal ſabes quanto
De ver-te me alegrei, e ſó me peza,
Que participes de meus males tanto!

Deixa-me outra vez ſó; porque a certeza
Do mal, que tirei ſempre da alegria,
Me faz goſtar de tudo o que he triſteza:

Foge, foge da minha companhia,
Que ſervir-te não póde, ſenão queres
Que te pégue huma tal melancolia.

An-

Anfriſo.

Agrario, aqui me tens tambem comtigo,
Grande quinhão deſſe pezar me cabe:
Eu tambem tenho amor, ſou teu amigo;
Quanto ſinto teu mal ſó Deos o ſabe.

Soffrendo eſtou continuas crueldades,
Mil dias ha tambem de huma Paſtora:
O Mundo cheio eſtá de falſidades;
Feliz quem as não ſente, ou as ignora!

Tambem tenho meus dias de triſteza,
Nada me alegra, o gado me enfaſtia;
E tudo o que não he fallar a Andreza,
Seja o que for, me enfada, e me agonia.

Outras vezes encontro a Braz no monte;
Vê-me triſte, já ſabe o meu cuidado:
Mil caſos me repete ao pé da fonte,
Com que fico algum tanto conſolado.

He Paſtor, a quem tenho meu reſpeito,
(Não he por elle eſtar aqui preſente)
A ſua companhia de proveito
Tem ſervido na Aldèa a muita gente.

E como poſſo eu ſer teu conſelheiro
Aonde Braz eſtá, e o ſeu bom dito?
Pois ſei, amigo Agrario, que primeiro
(Mais que tu) dos conſelhos neceſſito.

Agra-

Agrario.

Que allivio me darás, que me conforte,
Que na meſma lembrança do que peno
O não converta Amor em dor mais forte?

Fazer com que meu mal ſeja pequeno,
He o meſmo, que afflicto em lugar de agua
Querer matar a ſede com veneno.

Braz.

Dá-nos parte do mal, que o Ceo te manda,
Tudo a noſſa amizade te merece;
Que o mal communicado lá ſe abranda,
Porque em fim repartido ſe padece.

Não hias tu dizendo o teu tormento
Neſte lugar deſerto aos matos broncos,
Que nunca ter puderão ſentimento?
Pois mereço-te eu menos, que eſſes troncos?

Eu bem ſei que ſou rudo, mas ſou velho,
Não ha maior ſciencia do que a idade:
A's vezes vai o allivio no conſelho:
Pouco val o diſcurſo ſem verdade:

Faz-ſe a todos o allivio tão preciſo,
Que inda ao boi mais forçoſo afflige a carga;
E a ſimples ovelhinha ſem juizo
Deixa ás vezes a herva, que lhe amarga.

De lerdo não tens nada, és aviſado,
Em fim homem, que baſta eſta lembrança,
E buſcas, da razão tão deſcuidado,
Aquillo meſmo, que te afflige, e cança?

Algum dia dirás: (*oh*, *Deos o mande*!)
Bem me dizia Braz, *bem me dizia*!
Que ſempre hum homem, por mais cego que ande,
Cahe na razão mais dia, menos dia:

Quem ſegura affeição no Mundo eſpera,
Experiencia não tem deſte trabalho:
Buſcar fé nas Paſtoras de tal era,
He querer que dê pinhas hum carvalho.

Tu não viſte ha dous dias praticado
Iſto meſmo em Albano, a quem Damiana
Por Fileno deixou, (ſe eſtou lembrado)
Talvez ſó porque tem melhor cabana?

Quaſi no meſmo tempo o pobre Aleixo
Deſprezo de Metilde, antes amores,
(Hum moço certamente como hum freixo)
Por Silverio, a deshonra dos Paſtores?

E preſumias tu, que era baſtante
Para ſer firme Alréa, o ſer Altéa?
Por ventura á mulher faz mais conſtante
Ser Getrudes, Lucina, ou Dorothea?

Deſtes caſos ha mil neſta campina;
(Que triſtes premios os que Amor concede!)
E quando te faltaſſe eſta doutrina,
Baſtava o que a ti meſmo te ſuccede.

Agrario.

Niſto tenho ha mil dias aſſentado,
Mas não tiro do meu conhecimento
Mais, que ourra vez ficar no meſmo eſtado;

Porém, que queres tu, ſe o penſamento,
Por mais que n'outras couſas ſe miſtura,
Lá vai ſempre encontrar co' ſeu tormento?

Em quanto a Primavera der verdura,
O fogo der calor, o ar for leve,
Me ha de lembrar de Altêa a formoſura;

Inda por menos clara aquella neve,
Que nas frias manhans cobre a campina,
Comparar-ſe com ella ſe não deve:

Da vermelha papoula a côr mais fina,
Como angelicamente misturada,
Vive naquella face crystallina.

De tanta formosura, e graça ornada,
Que foi sempre por toda a vizinhança
Das mais lindas Pastoras invejada:

Cá d'alma finalmente esta lembrança
Tirar-se-me não póde: Nem já agora
Esquecer-me tão aspera mudança:

O que mais me atormenta a toda a hora
São aquellas promessas, que fazia
Aqui mesmo: Oxalá que assim não fora!

Tão amantes palavras me dizia,
Pondo os olhos em mim de agua arrazados,
Que ao mais exprimentado enganaria.

Huma tarde me lembra, que abrigados
Do Sol, que dava então grande quentura,
A' sombra desses alamos copados:

Depois de me eu queixar da mal segura
Affeição deste Mundo, em que não cria,
Me disse então, fazendo-me esta jura:

Mais conſtante , que a meſma penedia
Serei , Agrario meu , por mais que faça
Qualquer outra mudança cada dia:

Eu perca a ſementeira da linhaça ,
O gado a vida , tudo me aconteça ,
Antes que outro Paſtor me caia em graça.

E para que mais credito mereça
Tanta fé , tanto amor , tanta verdade ,
Em lagrimas meu roſto to encareça.

E cheia de honeſtiſſima piedade ,
Qual a ſaudoſa , e freſca madrugada
Banha o peito , onde eſconde a falſidade:

Tanto eſtimei aquella fé jurada ,
Que ſe cumpridas taes palavras viſſe ,
Que mais do Mundo quereria? Nada.

Cauſa não teve em fim para deixar-me ,
E ver que lha não dei , nem levemente ,
He a que Amor me dá para queixar-me.

Antes fora huma hiſtoria impertinente ,
Paſtores meus , ſe agora repetiſſe
Finezas , que por ella obrei contente.

Que

Que com o rio a ponte ſe cubriſſe:
Que com a cheia o campo ſe alagaſſe,
Hum dia não paſſava, que a não viſſe:

E por mais que Paſtoras encontraſſe
Sem que alli viſſe a minha Altéa bella,
Má hora que eſte corpo ſe alegraſſe.

A alegria era tal ſómente em vella,
Que ainda quando ao longe apparecia,
Já de cá me hia rindo para ella:

Humas vezes cantando a divertia
Nos verſos, que compunha aos meus amores
Com muita mais verdade, que harmonía:

Outras vezes, mais livre de temores,
Quando lá pelo prado ſe ſentava,
O regaço lhe enchia de mil flores:

Então a mais bonita lhe pregava
Na caſa do jubáo, e cuidadoſo
De brancos malmequeres a toucava:

Seguro-te, meu Braz, que tão goſtoſo
N'um puro agrado hum peito ſe intereſſa,
Que me julgava ſer o mais ditoſo;

Porém faltou ás juras tão depreſſa,
Que creio, (e não me engano) que em Paſtoras
Dura mais huma flor, que huma promeſſa.

Neſtas conſiderações conſumo as horas,
Atravéſſo no dia mil caminhos,
Cuidando que aſſim acho á dor melhoras.

Qual ave, que roubando-lhe os filhinhos
As ocioſas mãos da pouca idade,
Anda como queixando-ſe aos raminhos:

Vai-ſe outra vez ao ninho com ſaudade,
Vê revolvido o feno, e torna fóra,
Como quem não dá credito á verdade:

Aſſim me traz o amor deſta Paſtora,
A mim, e ainda a todos parecendo,
Que nunca chegaria a ſer traidora.

Eſtes são os motivos, porque entendo
Que remedio o meu mal nunca teria,
Inda que foſſe ſeculos vivendo;

Mas ai, que já de longe parecia
Que o coração preſago verdadeiro
Tão grande deſventura me dizia!

Ai, Paſtores, que aſſim que o meu rafeiro
(Sendo a fazer-me feſta coſtumado
Com maior manſidão, que a de hum cordeiro)

Vi que huma vez ſahindo de entre o gado,
Ladrando me avançou tão fortemente,
Como ſe eu fora o lobo atraiçoado;

E inda neſte cajado claramente,
Que ao tempo me ſervíra de defeza,
Vereis as móſſas do raivoſo dente:

Sobre mim cahio logo tal triſteza,
Tal deſgoſto da vida, tal receio
De algum futuro caſo de eſtranheza,

Que mil vezes confuſo neſte enleio,
Valha-me Deos! Queixando-me, dizia:
Que Sorte eſcura, que ſucceſſo feio

Terá de acontceer-me qualquer dia?
Mas cumpra-ſe o Decreto da Ventura,
Que não póde durar ſempre a alegria:

Caia a choupana; affogue a ſemeadura
Arrebatada cheia; e o meu rebanho
Caia morto de ronha na eſpeſſura.

E mal logrando o tempo o pobre amanho,
(Que aſſim não pouco a Sorte me caſtiga)
Vá mendigar ſuſtento a monte eſtranho:

As cabras paſtem ſó aſpera ortiga;
E quando me deſtrua o trigo a cheia,
Naſção abrolhos no lugar da eſpiga.

Não veja para ſempre a Patria Aldéa,
Farte-te o meu Deſtino; mas com tanto,
Que ſe não mude nunca a minha Altéa.

Cumprio-ſe finalmente eſte quebranto,
Nem podia naſcer daquelle agouro
Menor deſgraça, mais pequeno eſpanto.

Que mais podia ſer que o meu deſdouro?
Nem ſei, bebendo tão mortaes venenos,
Como não tenho dado já hum eſtouro!

Dos outros males, como são pequenos,
Nenhum me aconteceo; porque a Ventura
Vio que todo eſſe mais ainda era menos:

Mas em que eſtou detendo a conjectura?
Deſenganado eſtou de que algum dia
Veja ſereno o roſto da Ventura.

Nem tem remedio já minha agonía,
Que aonde ſe perdeo huma eſperança,
Ninguem lá vá buſcar huma alegria.

Aconſelha-me em vão, em vão ſe cança
Quem buſca conſolar-me, ſe pertende
Riſcar-me tanta mágoa da lembrança,
Que o ſegredo de Amor ninguem o entende.

Braz.

Ai, Agrario infeliz! Melhor me fora
Não ter dos males teus tambem ſabido;
Pois de ouvir qualquer delles, inda agora
Sinto cá dentro o coração partido:

Que deſmanchos não faz hum moço louco?
E depois quantas vezes os deſpreza?
Eu tambem fui rapaz, ría o meu pouco,
E ſoube o que era Amor, (do que me peza.)

Hoje deſſes trabalhos já não ſinto,
Buſcando á vida algum honrado eſteio:
Só me aſſuſta, que o anno vá faminto;
Que morra o gado, que não dê ſenteio:

Alegre paſſo os dias de bonança
Debaixo de algum álamo ſombrio:
Ao pé de mim ſe deita a ovelha mança,
Ouço as aves cantar, correr o rio:

Ou-

Outros ſó faço, porque o Sol me aquente,
Gaſtando alguns em concertar o arado;
E ſe me affijo ás vezes, he ſómente
De não ver-me ha mais tempo neſte eſtado:

Pois ir gaſtando os annos deſattento
Em negregado Amor, que n'um ſó dia
Troca em longos eſpaços de tormento
O mais pequeno inſtante de alegria,

He couſa tão pezada, em que me fundo
Para temer, que a todos aconteça,
Que não haverá homem neſte Mundo,
Que inda que amores ſinta, o não conheça.

Não são fabulas não, não são enganos
Eſtas, que julgareis impertinencias,
Puras verdades são, com que os meus annos
Encheo, Amor, de longas expriencias.

Qual ſem ver huma grande ribanceira,
Correndo para ella deſcuidado,
Outro dalém lhe brada na carreira,
Dizendo-lhe, que vai precipitado;

Aſſim eu, que te vejo em tal loucura
Caminhar cego apôs o teu perigo,
Te aviſo da maldita deſventura,
Que Amor em ſeus effeitos traz comſigo.

Va-

Vamos todos, Agrario, para a Aldêa,
Tem dó do pobre gado, que anda eſtranho,
Pois das offenſas, que te fez Altéa,
Em nada foi culpado o teu rebanho.

E eu, que já no andar ſou vagaroſo,
Por eſta encoſta irei ſahir á eſtrada,
Que o monte he por aqui menos fragoſo:
(Ah velhice cruel, vida canſada!)

Anfriſo.

Queira Deos que eſtas horas lá na ſerra
Não tenhas os cabritos dizimados;
Pois anda cheia toda a noſſa terra
De zorras, e de lobos eſfaimados.

Os roupeiros ſe queixão geralmente
Das cabeças, que faltão na manada;
E de que os Maioraes injuſtamente
Lhes deſcontem as rezes na ſoldada.

Mas eu de boamente arrifcaria
As melhores, que traz o meu rebanho;
Se a troco deſte mal (que hum bem ſería)
Te pudera livrar de mal tamanho.

Não digo, que não ames, só te digo,
Que não sejas no amor desesperado:
Se he acaso, vencello; e se he castigo,
Deve hum homem sentillo conformado.

Braz por conta da sua muita idade
Custa-lhe andar de noite por máo passo:
Em mim não fallo já, que a mocidade
Para tudo me dá desembaraço:

Elle já vai descendo; vamos ora;
Esperará o que chegar primeiro:
Já não permitta a noite haver demora:
Toma o cajado, chama o teu rafeiro.

Agrario.

Não valem para mim razões estranhas,
Que eu de todo a morrer estou disposto
Na muda solidão destas montanhas:

Trago o animo em fim já descomposto;
Quem não tem mais allivio, que o tormento,
Não quer mais companheiro, que o desgosto.

Deixa-me, amigo, só, muda de intento:
Peço-te por aquella affeição nossa
Que nem mais eu te venha ao pensamento.

Cá te fica o curral, os bois, a choça,
Colmeias, olival, rebanho, e vinha
Mais não poſſuo, que offrecer-te poſſa.

Couſa não tenho já, que ſeja minha,
Depois que me deixou eſſa Paſtora,
Pois com ella perdi tudo o que tinha:

Perdi as eſperanças da melhora,
Só reſta vir a morte, e ao que ſupporto,
Não poderei viver muito já agora:

Até falta ao eſpirito o conforto;
E eſtou do fim da vida já tão perto,
Que não ſei ſe vos fallo vivo, ou morto;

Porém ſe algum de vós neſte deſerto
Meu corpo achar deſamparadó, e frio,
Não o deixeis ao menos deſcuberto.

E junto do cipreſte mais ſombrio,
Que nas margens do Téjo ſe levante,
Hum ſepulcro lhe abri toſco, mas pio:

De azares o cercai no meſmo inſtante;
E alli no tronco funebre gravado
Eſte aviſo, dizei ao caminhante:

Tu, que ſegues de Amor o errado mando,
Depois que a minha hiſtoria for ſabida,
Ve, que premios te vai apparelhando;

E ſe vires Altëa deſabrida,
Informa-a de tamanha deſventura:
Que em fim perdeo por ella Agrario a vida,
Por final que lhe viſte a ſepultura.

ECLOGA III.

Galathea.

HAvia largo tempo, que eſcondêra
A luz o Sol debaixo do horizonte,
Por quem a deſejoſa gente eſpera:

Quieto o valle, ſolitario o monte,
O reſonar do boſque ſe miſtura
C'o grave ſom da deſpenhada fonte:

Mas tão eſcaſſamenre alli murmura
De hum preguiçoſo vento maneado,
Que inda faz mais ſaudoſa a noite eſcura:

E c'o pezo das nuvens carregado
Por toda a parte o Ceo ſe nos moſtrava
De hum vapor lento humedecendo o prado:

En-

Entre quieta, e triſte a noite eſtava;
O mar nos váos rochedos não batia,
A' parte eſquerda ao longe fuzilava:

Humas vezes a Lua apparecia,
Os macilentos raios eſpalhando,
E outras tantas a nevoa os encubria:

Ouvia-ſe depois, de quando em quando,
O paſſaro noctúrno, a voz ſentida
Pela deſerta praia alevantando.

Então lá junto de huma rócha erguida,
Sobre as margens do Téjo debruçada,
De ſempre verdes muſgos guarnecida,

Aonde o rio fórma huma quebrada,
Para entrar pela fenda de hum outeiro
N'uma quieta, e placida enceada,

Ao verde pé de hum humido ſalgueiro
O peſcador Marino havia atado,
Como tem de coſtume, o ſeu ſaveiro;

E ſobre a fraca borda recoſtado,
Deitando a viſta ao longo da corrente,
Do ſeu amor ſómente acompanhado,

Da

Da ingrata Ninfa, que adorava auſente
(Que tarde hum grande amor ſe deſengana)
Deſta arte ſe queixava triſtemente.

Galathea gentil, e deshumana,
Não cuides por fazer-te o Ceo formoſa,
Que ha de Amor deſculpar-te o ſer tyrana.

Póde ſer, que a belleza rigoroſa
Dê cauſa tanta vez a que ſe diga,
Que não ha formoſura venturoſa.

A ſer-me ingrata, ó Ninfa, quem te obriga?
A natureza não, a razão menos:
Olha que nada tanto o Ceo caſtiga.

Senão me aborreceſſes, Ninfa, ao menos
Tal ſou eu, que iſto ſó me baſtaria
A fazer meus pezares mais pequenos.

Quem deſtes olhos triſtes te deſvia?
Que não vens com teus olhos tão formoſos
Anticipar nos meus a luz do dia?

Senão podem por meus ſer venturoſos,
Ah Galathea, movão-te a piedade,
Já não digo por meus, mas por choroſos.

Tu ſabes melhor que eu tanta verdade,
Capaz de commover alma ferina,
Quanto mais huma Angelica vontade.

Pois lá no fundo d'agua cryſtallina,
Onde banhas teu corpo delicado,
Quando já do mais alto o Sol declina,

Já terás o ſabor exprimentado
Do meu amargo pranto, que tem feito
Mudar-ſe o doce Téjo em mar ſalgado.

Em mar o Téjo, ſem que ſatisfeito
Me ſinta de chorar; e não entendo
Como inda tenho lagrimas no peito;

Pois quando vai o preamar deſcendo,
Se acaſo com mais força o pranto ſolto,
Torna a vir ciaramente a agua enchendo.

Com meus ſuſpiros creſce o vento ſolto,
E logo as manſas ondas encreſpando,
Deixão por muito tempo o mar revolto:

Tudo ſinaes de compaixão vai dando,
A tudo vou mudando a Natureza,
E ſó não ſei tornar teu genio brando.

Se

Se em ti fizera móſſa a vá riqueza,
O que eu de ti não creio, julgaria
Que deſprezavas minha vil pobreza.

Aqui por te abrandar trabalharia
Mais que todos os outros peſcadores,
Para os vencer em groſſa peſcaria.

Não são elles do que eu mais ſoffredores
Dos trabalhos maritimos, nem são
Mais affoutos, e déſtros nadadores.

Ver-me-hias arriſcar a vida então,
Não com mais goſto do que agora o faço,
Bem que perdendo-a vou ſem galardão;

Mas, porque em teu ſerviço déſſe hum paſſo
Com ſatisfação tua, e não deſgoſto,
Como agora ſueeede a quanto paſſo:

E ſe forem no eſtado, em que eſtou poſto,
Os meus pequenos ganhos tão ditoſos,
Que venhão a ſer inda do teu goſto,

Aqui ha mil peixinhos ſaboroſos,
Vellos-has contra a veia da agua clara
Ir forçando a corrente boliçoſos:

E para ſuſtentar a vida chara,
Verás como engodados cahir vão
No torto anzol, que a morte lhes prepara:

Bem como tu, tyrana, que á traição
A vez primeira os olhos me puzeſte,
Para morrer por elles deſde então.

Aqui verás aonde, como inveſte
O meu batel nas praias encalhando,
Quando o tempo correr do Sul agreſte:

Não ſó diverte o rio ſocegado,
Lá recreia tambem, quando ſe lança
Por ſima deſtas pedras levantado;

Mas ſe o vires, deſpida da eſquivança,
Que uſas comigo, então ſocegará,
Pois tantas vezes, vendo-te, ſe amança:

E bem que o gordo xerne aqui não ha,
Nem morre o ſalmonete tão mimoſo,
Nem o raiado polvo aqui ſe dá,

He o ſolho innocente, e proveitoſo,
A pintada, e ſeixatile lampreia,
A freſca boga, o ſável ſaboroſo;

E ſe mais o mariſco te recreia,
Irei (ſe for preciſo) á Foz do Téjo,
Sem me eſcapar a mais remota areia.

Depois te contarei, como forcejo
Por tirar d'entre os humidos penedos
A liza amejoa, o tardo caranguejo:

Dos negros caramujos, que eſtão quedos,
Nenhum me eſcapará, inda que traga
Calejados de novo eſtes meus dedos.

Porém que importa? O corpo então ſe entrega
Tambem por goſto meu, ſe por teu goſto
Nelle anda feita a alma em viva chaga:

Que aſſim trouxera eſte animo compoſto,
Se em premio deſtes dons, ſó ver pudera
Huns longes de piedade no teu roſto!

Como contente a par de ti vivêra!
Como em teus olhos eſtes meus detidos,
Todo elevado em ti ſempre eſtivera!

Em dar-te goſto ſó pondo os ſentidos,
Para ti neſtas praias arenoſas
Fora colhendo os buzios retorcidos:

E as conchinhas córadas, e luſtroſas,
Que eſtão inda orvalhadas, imitando
Deſſe teu alvo roſto as freſcas roſas.

Hontem vi ſobre as ondas vi boiando
Hum ramo de boninas amarellas;
A tomallo depreſſa fui nadando:

Receio que ſe murchem, vem por ellas,
Prezas em verde juncos enfeitaráõ
De teu fino cabello as tranças bellas:

Se aqui as conchas perolas não dão,
As floreszinhas, que eſtas margens tem,
Poſtas em ti maior valor terão.

Luz dos meus olhos, não me tardes, vem,
Vem, que meus olhos triſtes, e cançados
Em te não vendo a ti, mais nada vem.

Mas a quem vou dizendo os meus cuidados?
Como de balde o ſuſpirar não deixo,
Se ha ſuſpiros tão mal affortunados.

A quem me eſtou queixando, em vão me queixo:
Não tem humano coração, ſó tem
Por coração algum gelado ſeixo.

Que

Que Satyro ſalvagem te detêm?
Ah Galathea! Sem razão, que logo
A ſoccorrer-me o teu amor não vem.

Fere-ſe a dura pedra, e lança ſogo,
E tu de tão contraria natureza,
Que eſtrias mais com meu ardente rogo!

Effeito de tão rigida crueza
Não póde humana cauſa produzillo,
Não tens de humana mais que a gentileza.

Se ha crocodilos no famoſo Nilo,
Em ti tambem, ó Ninfa, ingrata, e dura
Creou o noſſo Téjo hum crocodilo.

Não ſei ſe meu amor já ſe murmura
Entre os patrios, e eſtranhos peſcadores,
Que ſabem deſta minha deſventura.

Serei talvez dos ledos amadores
Apontados c'o dedo brevemente,
Quando paſſar chorando os teus rigores:

Zombará de meus males toda a gente,
Tomará nova força o meu Deſtino,
Se para mim ha mal, que inda ſe invente.

Mas teme, ingrata, teme o Ceo Divino,
Antigo vingador do Mundo errado,
Que de lá vendo eſtá meu mal contino.

Teme o poder dos Deoſes indignado,
Que a fórma a tantas Ninfas perverteo,
Com menos cauſa que a que tu lhe has dado.

Como em Ida a Lethea aconteceo;
Que o bello corpo em pedra convertido
Nunca mais os mimoſos pés moveo.

Deixo de repetir o parecido
Exemplo de outras Ninfas ſem Ventura,
Que de ti, alta Ninfa, he bem ſabido.

Mas que fizera niſto a deſventura?
Póde ſer que mais branda te fizera,
Se agora es mais do que eſta rócha dura.

E quando aſſim acaſo ſuccedêra,
Tal he o meu amor brando, e piedoſo,
Que ver-ſe tão vingado não quizera.

Primeiro neſte rio o furioſo
Vento, dando na véla de pancada,
Quando eu for navegando mais goſtoſo,

Se deite ſobre as ondas, e alagada
Co' meu pobre batel, então ſe veja
A aguda quilha para o Ceo virada.

Que a Fortuna, que agora te ſobeja,
Te dê por algum meio não cuidado
Qualquer mal, por pequeno que elle ſeja;

Pois não ſou eu tão pouco arrazoado,
Que emendar queira hum erro da Ventura
Com Amor, que já mais anda acertado:

Deſenganou-me a minha deſventura:
Como de mim não fugirás eſquiva,
Se em fim ſou eu, ſou eu quem te procura?

Mata-me embora, ó Ninfa fugitiva,
Que aquí meus triſtes olhos feito fonte,
Por ti chorarão ſempre, em quanto eu viva.

Calou-ſe o Peſcador, ergueo a fronte
A ver o Sol, que vinha já raiando
Por entre as pardas nuvens do horizonte:

Ficou por muito tempo a voz ſoando;
E o Téjo, que a ouvio, de internecido
Abaixou a cabeça, e ſuſpirando
Chegou hum pouco ao mar deſfalecido.

EPIS-

EPISTOLAS.

I

PRezado Joſefino,
Entre os Paſtores o Paſtor mais dino,
De quem eſtou por meu injuſto Fado
Ainda mais ſaudoſo, que apartado.
Depois que aquella auſencia,
Contra quem foi de balde a reſiſtencia,
Por força em mim pegou,
E tão longe de vós cá me deitou,
Deveis-me, bom Paſtor, hum tal cuidado,
Que dera por vos ver, cabana, e gado;
Mas bem pouco faria,
Que vale mais a voſſa companhia.

Sem

Sem ella deſcontente
Não ha Sol, que me aquente;
E ſe talvez Limano por piedade
Me aconſelha que buſque a ſociedade,
Sem ſaber o que faço,
Cahido o roſto, vagaroſo o paſſo,
Em vós ſó contemplando,
Com elle caminhando
Para as converſações de outros Paſtores,
Lembra-me então que as voſſas são melhores.

Qual o touro matreiro,
Que no alcance do incauto paſſageiro,
Quando faz que o não ſegue, mais vizinho
Ao encontro lhe ſahe n'outro caminho;
Aſſim a minha pena,
Quando cuido que eſtá já mais pequena,
He porque vai buſcando
Novos caminhos de me andar matando.

Sem voz a minha doce ſanſonina
Tempero hum dia inteiro, e não ſe affina:
A flauta liſonjeira,
Que em fim depois da voſſa era a primeira,
Já muda eſtá de todo, e deſprezada,
De pó cuberta, ha mezes pendurada:
Se por ſucceſſo a vejo,
Alembrando-me a voſſa o meu deſejo,
Não ſei como a não quebro de ſaudade:
Vede o que faz a voſſa ſuavidade.

Tra-

Trago logo á memoria quantas vezes
As minhas proprias rezes,
Ouvindo o voſſo canto,
Se deſcuidavão tanto,
Que as cabeças attonitas erguendo,
Deixavão de ir comendo;
E ſe inda alguma a relva maſtigava,
Como preza entre os dentes lhe ficava.

Manſos os paſſarinhos,
Deixando a leve habitação dos ninhos,
Vos andavão cercando,
Lições de vós tomando.

Quantas vezes o Téjo
Deitou por fóra as aguas, com deſejo
De poder de mais perto
Ouvir da voſſa muſica o concerto!

Vede, Paſtor, agora
Se a voſſa voz ſonora
Aves, gados, e rios punha em calma,
Que faria as potencias da minha alma?

Oh

Oh quanto devo á voſſa companhia!
Comvoſco divertia
Os meus juſtos pezares;
Vós ſabieis os meus particulares,
Que de ninguem fiava;
Pois ſó em vós achava,
Como ſe foſſeis hum Paſtor mais velho,
O experto aviſo, o próvido conſelho.

Vós me daveis quinhão na voſſa terra,
Sem que houveſſe entre nós huma ſó guerra;
E quantas vezes com igual fartura,
Sendo voſſa tambem a ſemeadura,
Participei do fruto. e do agazalho,
Que deo voſſo trabalho?

Não ſou daquella gente, em cujo vicio
Só lembra, em quanto dura o beneficio:
Daquella gente da razão alhêa,
De que ha tanta (inda mal!) na noſſa Aldêa.

Quem me queria achar toda a ſemana,
Hia á voſſa cabana:
Nella vivia mais do que na minha,
Aonde me detinha
Mil horas, ſem ſaber que crão paſſadas,
Que ſó comvoſco me não são pezadas.

Que

Que proveitoſos contos,
De exemplo alli tão prontos,
Trazieis na memoria
Para qualquer hiſtoria,
Parra qualquer conflito,
Dando logo a razão do voſſo dito!

Tudo me eſtá lembrando a toda a hora,
Como ſe foſſe agora:
Neſtas conſiderações pondo o ſentido,
Ando como perdido.

Queixo-me aos troncos, q̃ ſentir não podem,
E torno-me a queixar, pois não me acodem:
Não ha montes, ribeiras, não ha prados,
Que não tenhão ouvido os meus cuidados.

Dizendo aſſim meus males,
Mais compridos ainda que eſtes valles,
Dou comigo no outeiro,
Que fica mais fronteiro
Da voſſa vizinhança,
Fixando nelle os olhos, e a eſperança
De inda tornar a ver-vos.
Ah! Que não ſei dizer-vos,
Como fico triſtonho!
E mais quando ſupponho,
Que eſquecido talvez do affecto noſſo
Vivais, bom Joſefino, e que não poſſo,
Só para que melhor lá vos aſſiſta,
Levar o corpo aonde mando a viſta.

Dal-

Dalli deſappareço,
E de novo começo
A lembrar-me de vós, paſſando os dias
Neſtas, e ſemelhantes agonias.
E como o meu cuidado
Vive ſómente deſtas occupado,
Não poſſo de mim dar-vos
Noticias, que não façáo magoar-vos.

De huma duzia de ovelhas, que me derão,
Não ſei ſe tenho tres, as mais morrêrão.

Dous dias ha, que em buſca
Da minha vaca fuſca
Por todos eſtes montes ando á toa,
Sem ter della noticia má, nem boa.

O branco bezerrinho
Tambem levou caminho.

De mim julgo que foge a outra gente:
Quanto vejo preſente
Obſervo tão mudado, e por taes modos,
Que creio que peguei meu mal a todos.

Aſſim neſte ſombrio
Monte, deſerto, aſpero, e bravio,
Vendo ſempre deſpidos arvoredos,
Debruçados penedos,
Sem ter quem me conſole,
Vivo ſó entre gente eſtranha, e mole;
Entre quatro Paſtores todo o anno,
(Ah deſgraçado Albano!)
Sem ſaberem fallar mais que no arado,
Na toſquia do gado;
(Olhai que liçoes tómo)
E niſto ſabe Deos ainda o comó.

Pois ſe acaſo ſe trata outra materia
Mais polida, mais ſéria,
Dizem que he couſa feia
Metter a fouce na feara alheia.

Cuidão ſómente em ferrolhar o milho,
Se lhes foge hum novilho,
Não berra em buſca delle a vaca tanto
Pelos outeiros, quanto
Hum deſtes ſe amofina, agaſta, e anda:
E em fim, quando Deos quer que as couſas manda,
(O que elle não permitta) engroſſar a cheia,
Affoga-lhe o rebanho, e alaga a Aldeia.

Eis-

Eis-aqui como o Mundo ſe governa;
E em confuſão eterna,
Como deſde que he Mundo ſe coſtuma,
Sem eſperança de melhora alguma:
Elle dá qualquer goſto
A troco de mil dias de deſgoſto:
Que vezes no que vejo,
E no que vou pintando no deſejo,
Me ſuccede inda agora?
O que provera a Deos que aſſim não fora!

Que foi aquelle meu contentamento
Nas veſperas do noſſo apartamento,
Senão certo preſagio
De ter eu que paſſar eſte naufragio?

Eu meſmo em mim ſentia,
Inda na maior força da alegria,
Ser ella na verdade
Como contra vontade:
Que anda já mui de longe a Sorte eſcura,
Tomando ſempre o roſto da Ventura,
Para que a não conheça,
Quando para enganar-me me appareça,
Trazendo, como viſtes,
Nos alegres ſinaes agouros triſtes.

O mais ſupponde-o vós: Não ſei dizello
Que aſsás não faço pouco em padecello;
Pois ſe a hiſtoria, que n' alma anda gravada,
Pudeſſe ſer fiada
De palavras, talvez que por comprida,
Só em contalla, conſumiſſe a vida.

Paſſai, amigo, a voſſa
Com deſcanços na choça,
Com proveitos na lavra,
Sem que ſe vos treſmalhe huma ſó cabra;
E ſe no monte andarem,
No tempo que paſtarem,
Em vez de agudo cardo que as moleſte,
Encontrem branda relva, que lhes preſte.

Primeiro do que aos mais o trigo creſça,
A fruta amadureça,
Na voſſa terra farta, é abundante,
E o Paſtor lá da ſerra mais diſtante
A Sorte vos inveje;
Mas ſem faltar a elle, a vós ſobeje.

E tanto da Ventura
Sejais a mais valída creatura,
Que neſſes campos mora,
Que aſſim como anda agora
Buſcando para mim novos tormentos,
Invente para vós contentamentos.

Finalmente abaſtado
Vivei, Paſtor honrado,
Deſſes grandes haveres,
Que dá Pomona, e multiplica Ceres;
Que eu outros não procuro,
Mais que viver ſeguro
Lá na voſſa lembrança:
Dai-me eſta ſegurança;
E de ſorte nenhuma
Faça em vós a diſtancia o que coſtuma.

Nem receeis que poſſa em outra idade
Eſquecer-me de vós; porque a amizade
Diſpoz em meu affecto verdadeiro
Mais forçoſas raizes, que hum ſobreiro.

Paſſai alegres dias
Nas doces companhias
Deſſas gentis Paſtoras:
Vós já ſabéis as horas,
A que ellas vão ao rio, ou vão á feſta:
De tarde na floreſta,
Com ellas de mãos dadas,
Nas danças engraçadas
Ireis de Amor cantando;
Mas vede, amigo, não venhais chorando,
Que dellas ſó são lagrimas o fruto,
De que inda trago o roſto mal enxuto.

Mas voſſo bom diſcurſo nada ignora:
Diverti-vos embora;
E lá do grande Menalo vizinho
Achareis de caminho
A communicação dos ſeus cultores,
Que com tantos ſuores
As terras fabricando,
Uteis, e novos troncos enxertando,
Moſtrão a preguiçoſos deſcuidados
Mil ſaudoſos frutos ſazonados.

Ouvi-os lá cantar com voz mais alta,
E não vos fará falta,
Por triſte, e por pequena,
A baixa voz de minha rude avena.

E agora, que de todo enrouquecida
Deita a reſpiração desfalecida
Da frouxa voz cançada,
(Porque já começou deſtemperada)
Permitti-me que hum pouco deſcançando,
Nova força tomando
Vá, para dar-vos conta, como quero,
D'outros maiores males, que inda eſpero.

II.

HA mil tempos, bom Silva, que ſaudoſo
Da voſſa companhia, determino
Ir ver-vos, como poſſo, aſſim queixoſo.

O como, o quando, e os modos imagino:
Mas as couſas baralhão-ſe de ſorte,
Que eu meſmo dentro dellas perco o tino.

Ante meus olhos vejo a fria Morte
Quaſi lançar-me a mão, e não me arrédo,
Porque eſtou já diſpoſto a todo o córte.

Tenho ás moleſtias tão perdido o medo,
Que cahem ſobre mim, como ſe déſſem
Já no corpo inſenſivel de hum rochedo.

Aſſim meus males, Joſefino, creſcem:
Aſſim neſte meu corpo magoado
Novos ſinaes funeſtos apparecem:

Languido o pulſo, o roſto desbotado,
O paſſo lento, os olhos ſem viveza,
O ſangue frio, o animo cançado;

Em fim tão pervertida a Natureza
Dos fyſicos principios, que não tenho
Mais qualidades, do que o da triſteza:

Com

Com ella a vida ſó he que entretenho;
Nem eu por outro modo viveria,
Pois já com alegrias não me avenho.

Envolto aſſim no manto da Agonia,
O amortalhado eſpirito preparo
Para o fatal, e derradeiro dia.

Só então he que eſpero amigo charo,
Depois dos triſtes dias, que aqui levo,
Que me amanheça outro horizonte claro.

Nem ſei como a fallar inda me atrevo;
Vós o vereis na meſma frialdade,
Com que eſtas razões minhas vos eſcrevo;

E ſe conſervo alguma actividade,
He ſó para fantaſticas idéas,
Que augmentão mais a minha enfermidade.

Eu revolvo as Eſtrellas, e as arêas,
Metto-me n' outras couſas de alto eſtado,
Da minha conta, e profiſsão alhêas:

Faço tornar a vir, o que he paſſado,
O que inda não chegou, faço preſente:
Como anda o tempo em mim deſconcertado!

Ve:

Vejo em descanço alegre alguma gente,
Vejo outra toda a vida trabalhando
Cuberta de suor, e descontente.

Em fantazias taes, de quando em quando,
(Pois o quer assim mesmo a Providencia)
A santa Providencia estou louvando.

Desejo armar a todos de paciencia,
Que he só aquelle bem, que me ha ficado,
Para fazer aos males resistencia.

Enfermo, ou são, em baixo, ou alto estado
Já não temo Fortuna, que eu só posso
Fazer-me venturoso, ou desgraçado.

Se dentro de mim mesmo me alvoroço,
Effeitos são da fraca humanidade,
Que não se regem pelo arbitrio nosso.

Amigo, ter valor, a adversidade
He hum rico vestido, que orna, e enfeita
O homem na maior necessidade:

A pompa vã tambem se lhe sujeita,
A Fortuna não dura, e a Natureza
Iguala a todos, e a ninguem respeita.

Calce embora a magnifica riqueza
O dourado cothurno, com que piza
A deſcalça humiliſſima pobreza:

Que a carne do Filoſofo preciſa
De bem facil ſuſtento, e cubertura,
O corpo acaba, a alma ſe eterniza.

Jacte-ſe a Fidalguia, ou a loucura
Deſſe explendor dos ſeus antepaſſados,
Que todos ha de achar na ſepultura.

Moſtre co' dedo os porticos gravados
De generoſos timbres; que eu ſómente
Terei os virtuoſos por honrados.

Cançai, amigo, o braço honradamente,
Que aſſim ſe abre o caminho á Fama, e gloria,
Deixai fallar eſſa inſenſata gente:

Se o voſſo nome ſe não ler na hiſtoria,
Diſſo não ſe vos dê, porque andão nella
Muitos, que são indignos de memoria.

A fama eſtá ſómente em merecella,
Conſeguilla he acaſo, e não virtude;
E vós dentro em vós meſmo podeis tella.

O trabalho mais aſpero, e mais rude,
Suave, e nobre ſe fará, com tanto
Que de hum honroſo proceder ſe ajude.

Aqui tecêra eu mais alto canto
A voſſos altos dons, ſenão andára
Já eſta lyra convertida em pranto.

Oh quem antes que a vida ſe acabára,
Se quer a par de vós com ſingeleza
O mais que ſinto em mim, communicára!

Agora ao brando fogo na aſpereza
Do deſabrido Inverno eſpeculando
Os ſegredos da ſábia Natureza:

Agora o penſamento levantando,
Não como os inſoffriveis falladores,
Baixas, e vis materias praticando;

Mas revolvendo antigos Eſcritores,
Varias razões, diverſos ſentimentos,
Certo manjar das almas ſupriores;

Mas eſtes racionaes divertimentos
Havião ſer, amigo, ſeparados
De confuſos, e falſos tratamentos.

Lá neſſes campos bemaventurados,
Par' onde foi a candida innocencia,
Fugindo cá dos animos dobrados:

De hum caſal na pobriſſima aſſiſtencia,
Onde não nos mordeſſe, nem ladraſſe
De zoilos vís cruel maledicencia:

Alli veria hum homem, quando naſce
A branca, e roxa Aurora no horizonte,
Moſtrando á gente a luminoſa face:

Ir manſamente o gado para o monte
Comer da branda hervinha, e maſtigando
Deſcer a procurar a freſca fonte:

Sahir o boi pacifico, inclinando
Ao duro jugo o ruſtico peſcoço,
Pelas redondas ventas fumegando:

O geral, e ſollícito alvoroço,
Com que para o trabalho, a choça abrindo,
Sahe o velho encurvado, o agil moço:

Brotar depois a fruta, que apparece
No frondoſo raminho pendurada,
Que em tempo accommodado amadurece:

Eſtar ouvindo a muſica alternada
Dos doces namorados paſſarinhos,
Que a meus brandos ouvidos nunca enfada:

Vellos andar ſaltando nos raminhos,
Depenicando as folhas inquietos,
Vellos depois voar aos altos ninhos:

Oh! que dignos ſerão eſtes objectos
Dos cuidados de hum animo innocente,
Para eſtar contemplando em ſeus ſecretos!

Vamos, amigo, dai-me a mão contente,
Vamos ſe quer hum dia em noſſa idade
Ver o roſto da Paz reſplandecente.

A Deos, vans eſperanças da Cidade,
Deixai-me ir acabar os triſtes dias
No ſanto Domicilio da Verdade.

Mas ah! que todas eſtas alegrias,
Por mais, e mais que certas me pareção,
Não paſsão de ſonhadas fantazias!

Aquelles negros Fados, que não ceſsão
De perſeguir-me, pondo-ſe diante
Para prender-me os paſſos, ſe atraveſsão.

Eu vejo, eu vejo o horrido ſemblante,
Com que me eſtão dizendo, (*ah charo amigo*)
Que nunca chegará tão doce inſtante.

Eſtas conſiderações, que andão comigo,
Para confuſão minha he que ſe inventão,
Que eu meſmo me convenço, e me deſdigo.

Quaes pelo Ceo nas nuvens ſe apreſentão
A' viſta mil fantaſticas figuras,
Que desfeitas no ar logo ſe auſentão:

Taes as minhas erradas conjecturas,
Levantando caſtellos ſobre o vento,
Andão fazendo vans arquitecturas;

E como tem tão fragil fundamento,
Quanto havia formado em muitas horas,
Perco logo de viſta n'um momento.

Bem faz por me entreter neſtas demoras
A Fortuna outra vez com eſperanças,
Que de falſas imagens são pintoras;

Mas eu que a temerarias confianças
Já ouvidos não dou, ſeguramente,
Deſvio do deſejo eſtas lembranças:

Assim pudera eu tão facilmente
Quebrar d'alma as prizões, que envergonhado
Inda arrastando vou por entre a gente.

As prizões doces de hum grilhão dourado,
Com que Amor, meus desejos enganando,
Me fez parecer leve, o que he pezado.

Eu lhe fui ao principio repugnando,
Depois com menos força me esquecia
No milagroso géito contemplando:

Assim foi a razão de dia em dia
Sua virtude natural perdendo,
Pois só pela vontade se regía:

E qual soberbo tigre, que mordendo
Os novos ferros da prizão que estranha,
Depois já costumado os vai lambendo:

Desta arte, Amor, q̃ sempre me acompanha,
Convertendo a violencia em suavidade,
Contra quem já não val esforço, e manha.

Comigo faz tão meiga sociedade,
Que já por gosto de lhe ser captivo,
Beijo o grilhão da minha liberdade.

Não baſtavão trabalhos, com que vivo;
Mil milhões de ſucceſſos não cuidados,
Que me trazem da gente fugitivo:

Reſpoſtas más, deſprezos obrigados,
Vans eſperanças, feias impoſturas,
Suſpiros de triſteza ao vento dados:

Enfadonhas moleſtias, largas curas
Para a vida, tão perto de perdella
No meio de tamanhas deſventuras?

Senão tambem agora no fim della
Ter mais eſte contrario de ſobejo,
Para poder de novo aborrecella.

Mas nos males crueis, em que me vejo,
Só me ſervira, amigo, de ſoccorro
Hum Bem, que n'alma pinta o meu deſejo:

Que era ter (mas de balde em fim diſcorro)
Huma certeza ſó de que vivia
Na memoria daquella, por quem morro:

Eis-aqui como levo a noite, e dia,
Sem ter a quem me queixe, que não faça
De meus triſtes errores zombaria.

Ditoſa gente feita de outra maſſa,
A quem de Amor o dardo mais agudo
O rijo coração nunca traſpaſſa!

Gabão-ſe de hum eſpirito ſizudo:
Homens de carne, e penra juntamenre,
Fortes por condição, não por eſtudo.

Não ſei que tem Amor com certa gente,
Que ſempre fugio della, e ſó ſe inclina
A ferir mais hum' alma intelligente.

Oh das mortaes paixões, paixão mais digna!
Se alguma culpa moſtras, não he tua,
He ſó de quem tão mal te determina.

Quem ha no Mundo, que de ti ſe exclua?
Correi vós, homens, todo o Mundo inteiro,
Vereis eſta verdade pura, e nua:

Vereis tremer de Amor o Heroe guerreiro,
Que não temêra de Mavorte as iras,
Vereis de Amor o ſabio prizioneiro:

Vereis chorar ao ſom de tantas lyras
Por elle as altas Muſas, ſem que ſeja
Por fazer agradaveis as mentiras.

O meu grande Camões, que em paz eſteja,
Em quanto andou no miſero deſterro,
Para próva de tudo me ſobeja:

Elle deſtes, que fallão, nota o erro;
Pois teve amor, e muito bem ſabia,
Que doutos coraçõés não são de ferro.

Com elle deſabafo, elle me guia
Das Canoras Irmans ao claro accento
Com ſua doce, e immortal Poeſia,

Bem que já a Muſa ſem calor, e alento
Com deſgrenhada fronte, e voz choroſa
Fere tão mal as cordas do inſtrumento;

Já no meio de vida tão penoſa
Froxa, e cançada eſtá de andar forçando
Tão frios verſos, que parecem proſa:

Naquelles, que vos ouço eſtar cantando,
Teria o meu mais certo formulario,
Se inda fizeſſe alguns de quando em quando.

O bom Lima, que he delles Secretario,
Bem ſabe as vezes, que embebido os leio,
Quando aqui paſſo as horas ſolitario.

Mais de mim vos contára ; mas receio
Que corra de tal ſorte eſte meu pranto,
Que para o ſuſpender não ache freio ;

E ſe por caſo grande de alto eſpanto
Se vos fizer incrivel deſta ſorte,
Que homem já moribundo falle tanto,

Sabei amigo, em fim, que em mal tão forte
Já não ſou eu quem faz tão longa eſcrita :
A má Fortuna he ſó, que até na morte
Dentro deſte meu corpo falla, e grita.

III.

SAbio Jutiſconſulto,
Da Juſtiça eſplendor, freio do inſulto,
Em cuja mão rectiſſima deſcança
Todo o equilibrio da legal balança:
Se o juſto miniſterio,
Que a hum tempo exercitais piedoſo, e ſerio
Em tão importantiſſimo negocio,
Vos permitte algum ocio,
(Porque nem ſempre he vicio
Suſpender o exercicio;
E faz, que o arco a enfraquecer-ſe venha,
Quem ſempre em comprimillo a força empenha
Depondo por hum pouco a gravidade
Da voſſa authoridade,
Permitti-me que poſſa
Ir á preſença voſſa;
E para vós, Senhor, de quando em quando
Eſtes medroſos olhos levantando,
Livremente comvoſco falle, e diga
Quanto a Fortuna, e a razão me obriga.

Entrei, Senhor, no Mundo tão malquiſto,
Que inda não tinha viſto
Raiar nelle a formoſa luz do dia;
E já me falecia
O piedoſo alento
De meu primeiro maternal ſuſtento.

Triſ

Triſte infallibilidade
De huma futura trabalhoſa idade!
Com ella fui creſcendo,
Não ſei ſe mais durando, que vivendo
Em contínuo deſprezo,
Depois ao lume accezo
Da razão natural, que em mim creſcia,
Vi que por força de huma Eſtrella ímpia
Em vida tão pequena
Se comprehendião ſeculos de pena;
E ás curtas horas de meus triſtes annos
Já excedia o numero dos danos.

Mas ella, que ſedenta
Nunca de grandes males ſe contenta,
Me põe de todos no maior perigo,
Por ver ſe acaba de huma vez comigo.

Poucos annos beijei a mão paterna;
Porque outra mão, que tudo em fim governa,
Me poz em huma miſera orfandade,
Aonde não herdei mais que a ſaudade.
Deſde então conhecendo
Melhor o Mundo, que já agora entendo,
Nelle peregrinando
Levei ſempre arraſtrando,
Atado á paciencia,
O pezado grilhão da dependencia;
Que em lugar de gaſtar-ſe deſta ſorte,
Cuido que o uſo ainda o faz mais forte.

Sacudillo de mim já quiz de todo,
Mas em vão me cancei ; nem de algum modo
Encontro quem me valha,
Que todo o Mundo contra mim batalha.

Encontro hum valle, quando buſco hum monte;
Morrendo eſtou de ſede ao pé da fonte ;
Só para mim, não ſei porque ſegredo,
Naſce mais tarde o Sol, póe-ſe mais cedo:
A ordem natural de mim ſe eſquece ;
E já de horror, de enfado me parece,
Que até lhe cuſta diſpender comigo
A terra encoſto, as arvores abrigo.

Como não ha de a miſera Fortuna
Ser-me tão importuna,
Se para ſegurar melhor a empreza,
Se poz da ſua parte a Natureza ?
Vede agora, Senhor, com que eſperança
Nos homens hei de ir pôr a ſegurança :
Hum ſó por me não ver, foge, e ſe eſconde
Outro por mais que o chamo, não reſponde.
Eſte immovel ſe faz, ſoberbo aquelle;
E eſtou diante delle
Cheio de hum ſoffrimento tão preciſo,
Como a réo em Juizo.

Quanto mais me eſtão vendo,
Mais vão endurecendo:

Sem-

Sempre acho nelles huma fria eſcuſa,
Que mais fez a cabeça de Meduſa?
E ſe a algum deſtes ſe lhe vê na boca
Alegre differença, he que o provoca
Hum odio disfarçado,
Que vai ſempre no riſo miſturado.
Sem longa experiencia
Quem não ſe enganará deſta apparencia?
Nova eſpecie de féra,
Peito de pedrenal, roſto de cera.

Mas já do Mundo errado,
Que tanto me enganou, deſenganado,
Não ſou como algum dia,
Que as vans promeſſas da eſperança cria:
Delle fugindo vou, e a ſeus enganos,
Mas ſem proveito conſumindo os annos.
Ora da triſte idéa, que me inclina
A' ſolidão da paſtoral campina,
Levar me deixo para a pobre Aldêa;
Mas tambem a zizania alli ſemêa
Contra mim novos males, novos danos,
Que em toda a parte eſtão chovendo enganos;
E lá naquella gente,
Que eu ſuppunha viver mais ſimplesmente,
Acho da meſma ſorte
Os deſconcertos, que obſervei na Corte.
Ora buſco outra terra;
Mas ſeja Aldêa, ou Corte, valle, ou ſerra,
Não ha, por mais que corro, ou que procuro,
Hum lugar, onde ponha os pés ſeguro.

Qual

Qual o cervo ferido,
Que em ſi leva eſcondido
No mortal inſtrumento,
Da vida o termo, e mais veloz que o vento
Em vão fugindo vai, e em vão ſe cança,
Que a poucos paſſos ſempre á morte o alcança:
Aſſim eu, quando fujo á minha Eſtrella,
Menos me aparto della;
Que mal poſſo eſcapar deſte perigo,
Se aonde quer que fujo, vou comigo.

Em fim para contar-vos miudamente
Do meu Fado inclemente,
Quantos caſos por mim já tem paſſado,
As vezes que pizado
Fui dos pés inſolentes
Do deſprezo, de amigos, e parentes,
As injuſtas vinganças, que hei ſoffrido,
Ser em todos os lances preterido,
Conſumindo em demoras
Infructiferas horas;
Tantas niſto gaſtára,
Que em mim primeiro a vida ſe acabára.

De algum Aſtro a benefica virtude,
Fazendo em mim, que a antiga Lei ſe mude,
Me deitou neſta terra,
Onde o Fado me faz mais branda guerra,
Senão for de meus males nova traça,
Ter comigo deſcuidos a deſgraça;

Mas

Mas á voſſa preſença
Attribuo, Senhor, tanta diffrença;
E ſe fugindo venho, onde hé que póſſo
Achar melhor amparo do que o voſſo?

Dai-me (*ſe hé que mereço conſeguillo*)
Da voſſa máo o poderoſo aſylo:
Dai-me, Senhor, que ainda a deſventura
Correr atrás de mim ſe me figura:
Deſta hydra mortal Alcides forte,
Eſtingui de hum ſó córte
As pulantes cabeças renovadas,
Por meu caſtigo ſempre em vão cortadas;
Porque ſó póde a voſſa heroicidade
Cauterizar tão vil malignidade.
Em mim meſmo a deſgraça vos offrece
O mais nobre intereſſe,
Dando-vos hum motivo,
Onde ſe próve o voſſo esforço altivo.

Nunca os homens mais Deoſes ſe parecem,
Que quando favorecem:
Derribar fortalezas,
Romper muralhas, conſeguir emprezas,
Armadas dirigir a Climas novos,
Em ſujeição dos póvos,
Pôr aſſedio ás Cidades,
E o mais, que o Mundo chama heroicidades;
Nada diſto ſerá de tanta gloria
No futuro immortal pregão da hiſtoria,

Co-

Como fazer hum peito generoſo,
Rico a hum pobre, feliz a hum deſditoſo.

Vós, que melhor ſabeis quanto eu vos digo,
Eſta virtude exercitai comigo:
Não entendais que invejo
Eſſa aura popular de hum vão cortejo;
Nem me tenta a ambição inſaciavel:
Tenho ſim hum deſejo mais louvavel,
Mais racional, mais pio, mais prudente,
Que me faz deſprezar naturalmente
Faſtos de riço, preſumpções de Nobre;
Pois tudo poſſo ſer, e mais ſer pobre.

O que ſómente quero,
E o que de balde ha tanto tempo eſpero,
He arrancar eſta agil mocidade
Da inutil, molle, torpe oçioſidade;
De quem tantos deſmanchos perigoſos
São filhos monſtruoſos:
Sómente inſectos vis gerão, danadas
De corrupção as aguas encharcadas.

Quero ſó ter hum meio,
Com que me encoſte a algum honrado eſteio;
Porque mais deſcançada chegue a vida
Lá ao fim da carreira bem ſabida;
Que, a quem tão pouco inveja,
Iſto não ſo lhe baſta, mas ſobeja.

E ſe as conſtantes Leis da sá Juſtiça,
Em vós nunca remiſſa,
Acaſo não offendo
No pequeno deſpacho que pertendo,
Fazei á Patria hum proveitoſo filho,
Deſte que he da Republica empecilho.

Se aſſim me acontecer, como confio
De hum coração tão pio;
E então me virem com alegre roſto
Erguer do baixo eſtado, em que eſtou poſto,
Ah Senhor! Como he crivel,
Que a deſgraça inſoffrivel
Fugirá de me ver torcendo a viſta
Raivoſa de perder eſta conquiſta,
Deixando o ſeu arrojo
Na voſſa mão por miſero deſpojo.

E lá depois, que a minha rouca lyra
Deixar o enfermo ſom, com que reſpira,
Alegre, e ſonoroſa
Ferida deſta mão menos medroſa,
Que a temperalla agora mal ſe atreve,
Outro louvor maior, que ſe vos deve,
Cantando eſpalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar engenho, e Arte.

IV.

VO's, que da rica máo da Natureza
Recebeſtes os dons, que ella mais préza;
Aquelles altos dons de formoſura,
De graça, diſcrição, de compoſtura,
Que raras vezes por occulto arcano
Unir-ſe ſabem no compoſto humano:
Vós, que por força de hum penſar ſeguro,
Illuminando as ſombras do futuro,
Dos meſmos corações, e entendimentos
Penetrais as tenções, e os movimentos:
Vós, finalmente, que ſabeis aonde
Aſſiſte Amor, por mais que Amor ſe eſconde,
Não entendais que a declarar-vos venho,
Se acaſo tenho amor, e a quem o tenho.

Venho á voſſa preſença,
Só como aquelle, que em mortal doença,
Dos ardores da febre ſente a calma;
Que atenuando-lhe as potencias d'alma,
A cada inſtante afflicto delirando,
A' ſecca lingua ſe lhe vão pegando
As truncadas palavras, ſem que tenha,
Quando o Medico venha,
Hum habil enfermeiro, hum aſſiſtente,
Que exponha miudamente
Com zelo, e com piedade
Os progreſſos da longa enfermidade.

Enfermo vivo, mas de hum mal tão forte,
Que em vida bebo a cada inſtante a morte:
Deſamparado eſtou, Amor me mata,
E ajuda-o a matar-me aquella ingrata,
Que ſo c'um favor ſeu, que em fim me déſſe,
Faria que pudeſſe,
Em lugar de matar-me de deſgoſto,
Ver-me morrer de goſto.
Com eſte bem, que pouco lhe cuſtára,
De inimigas Eſtrellas me vingára:
Iſto ſó, iſto ſó me baſtaria,
Para dizer ao Fado, ſe algum dia
Me tornaſſe, como hoje, a ſer contrario;
Que queres, temerario?
Em vão, em vão já agora,
Depois daquella hora,
Em que tu compaſſivo, ou deſcuidado
Me deixaſte gozar tão alto eſtado;
Em vão, de tanta gloria pezaroſo,
Solicítas fazer-me deſditoſo.

Mas que contas são eſtas, penſamento,
Que andas ſempre a deitar ſem fundamento,
Mais que a vã conjectura?
Não ha maior loucura,
Que andares neſta miſera memoria
Cortando os louros antes da victoria.
Mas ah! Minha Senhora,
Tudo finge quem ama, e quem adora.

Cer-

Cercado eſtou das lanças do inimigo,
Cruel Amor, que ſempre anda comigo:
E em tão ardua conquiſta
Não volto a qualquer parte a triſte viſta,
Que contra mim não veja levantada
Eſſa mão poderoſa, e delicada,
Que inda tem mais robuſta fortaleza,
Que a deſpedida bala, em fogo acceza,
Contra ſoberbos muros,
Que os peitos de aço, que os broqueis ſeguros,
Que de Alcides a clava,
Que de Cupido a vencedora aljava.

Peço que lhe digais,
Se tambem contra mim vos não voltais,
Que em fim (*pois o deſeja*) que me mate,
Que excogite, que trate
Os mais tyrannos generos de morte;
Que eu os eſpero forte;
Não para reſiſtir-lhe confiado,
Mas a ſeus pés proſtrado,
Para a mortal ferida,
(Inda quando me cuſte a doce vida)
De novo o triſte coração lhe offerto
A peito deſcuberto;
Mas que repare bem, que ſe me offende,
Não contra mim, mas contra ſi contende;
Pois matar quem ſe entrega ao rendimento,
Bem que aſſegura, infama o vencimento.

Assim de vós o julgo, assim o espero,
Não por mim, pelo muito que venero
Em vós aquellas altas qualidades,
Que vos igualão tanto ás Divindades:
E mais que tudo, por aquelle affecto,
Com que (saudoso de tão lindo objecto)
Sahir das ondas vejo
A espear-vos contente o Padre Téjo:
Assim nunca o vejais correr turvado,
Mas antes socegado,
Claro, doce, suave, e abundante
Fartar-vos possa toda a sede amante
Do vosso coração, oh Ninfa pura!
E descançando, de temor segura,
Dentro das suas margens, como entendo,
Nelle vos estejais sempre revendo.

Não cuideis que esta empreza
Offender possa a vossa sizudeza:
Salvar a hum infeliz, guiar a hum cego
Não he tão baixo emprego,
Como o vulgo insensivel imagina:
Sómente huma alma grande se destina
(*Pois sabe o que he Amor*) a soccorrello,
E não a desprezallo, e offendello:
E só quem apadrinha, e quem respeita
Essa paixão, que as mais paixões sujeita,
De benigno, de Nobre
Toda a grandeza, que em si tem, descobre:

E em quem melhor a voſſa poderia
Moſtrar-ſe affavel, branda, heroica, e pia,
Que em ſoccorrer em ſeu pezar profundo
O maior triſte, que conhece o Mundo.

E ſe eu merecer tanto,
Que vos mova a piedade eſte meu pranto,
Nas brancas mãos de Dinamene juro,
Por mim, por ella, e pelo ſanto, e puro
Ceo, que ouvindo-me eſtá, que em quanto a vida
Deſte corpo mortal não for partida,
Com vida, corpo, e alma,
Por vento frio, por ardente calma
Servir-vos-hei, Senhora, de maneira,
Que a mão ſobre a fogueira,
Sobre o cepo a garganta
Porei com fé, e obediencia tanta,
Que, ſe poſſivel for,
A meu mortal valor
Irei, Ninfa, por vós de qualquer modo
O Inferno revolver, e o Mundo todo.

E ao ſom da minha cythara piedoſa,
Aſſim meſmo choroſa,
Cheia de mágoa, cheia de afflicção,
Em quanto a ſuſtenter na frouxa mão:
Proteſto toda a hora,
De vós, minha Senhora,
Eſpalhar, quando cante,
Louvores taes, que todo o Mundo eſpante.

V.

LOrinda bella, as obras paſtoris,
Que com tão grande empenho me pedis
Em brando verſo, em bem tecida proſa,
Ahi vo-las remetto; e mais piedoſa
Vos peço, que vejais
De Amor tantos ſucceſſos deſiguais.

Vede, que as ſuas armas atrevidas
Ferem não ſó as innocentes vidas,
Mas inda em duros peitos, como o voſſo,
Fazem qual raio mais voraz deſtroço.

Do grande monte o cume levantado
Mais perto eſtá de Jupiter irado:
De Amor, e de Fortuna
Nem choça, nem tribuna
Póde ter ſegurança,
Que Fortuna, e Amor a tudo alcança.

Vede pois que fazeis,
E dos males alheios não zombeis,
Que são de huma alma indignos penſamentos
Fazer do que he pezar divertimentos.

As mágoas, os retiros,
As afflicções, as anſias, os ſuſpiros,
O devorante lume
Do impaciente, do infernal ciume:
As duras eſquivanças,
As auſencias, as faltas, as mudanças,
Em fim, de Amor tão longo prejuizo,
He materia de rizo?
Iſto não he o meſmo que eſtar vendo
De longe a hum miſeravel ir morrendo
A's mãos do ſeu deſgoſto,
Sem querer acudir-lhe por ſeu goſto?

Ah Lorinda, Lorinda, quando eu lia
As paſtoris tragedias algum dia,
Hum ſuor frio o roſto me banhava,
Sobre a mão encoſtava
A languida cabeça; e então de mágoa
O pranto me arrazava os olhos d'agua;
Iſto naquella idade,
(*Ah doce Tempo!*) Em que inda na vontade
Não tinha exprimentado aquelle effeito,
A que hoje ſó por vós vivo ſujeito.

Neſſe livro de Amor, cuja eſcritura
Contém do monte a varia deſventura,
Aprendei os humanos ſentimentos,
Com que haveis de eſcutar os meus tormentos:
Diverti-vos embora;
Porém não com Amor, que ſempre chora.

Dos

Dos clamores da Aldêa,
Se procurais encher a voſſa idéa,
Ah! Não ſe diga, que indo a vós piedoſos,
Tornão a vir de novo mais queixoſos!
Quantos tem deſmaiado,
Só de ouvir hum ſucceſſo deſgraçado;
E vós, ouvindo tantos, podereis
Rir-vos de Amor, zombar de ſuas Leis?

Não eſpero de vós couſa tão dura;
Mas antes que em ternura
De Amor, e piedade
Mudeis a natural ferocidade;
E que quando eſcutardes
Os meus juſtos pezares,
De que poſſo compôr livros maiores,
Do que o deſſes Paſtores,
Vejais quanto ficaſtes devedora
Da compaixão, que me negais agora.

VI.

MInha inimiga bella,
Gloria da minha dor, e a cauſa della,
Em cuja mão Amor depoſitado
Tem a minha Fortuna, e o meu cuidado:
Tu honras eſtes boſques, e eſtas praias,
Ora encoſtada á ſombra de altas faias,
Ora pizando, quando aqui paſſeas,
Com branco pé as umidas arêas.

Tu envergonhas eſtas Ninfas bellas,
Pois es mais linda, mais formoſa que ellas;
Huma vendo-te eſtá, como admirada,
D'entre a limoſa concava morada;
Outra do banho ſahe, e bracejando
As enroladas ondas vem cortando
C'o delicado peito: Deixa aquella
O rico fio, com que urdia a tella;
Huma deixa do Satyro o queixume,
Outra de ver os peixes em cardume,
Como ſaltão na rede aos peſcadores;
E ora cheias de inveja, ora de amores,
Eſtão debaixo d'agua a huma e huma
Levantando as cabeças ſobre a eſpuma.

Aſſim por ver-te, ó Ninfa, ſe alvoroça
A belliſſima chuſma, porque poſſa
Cada huma deſta arte
Lograr de tanto bem tão grande parte:
Qual, para as mais fallando,
De teu Divino géſto eſtá tratando,
Dizendo todas, tão Celeſte aceio,
Tão deſuſado géſto donde veio?
Não ſe recolhem, ſem que tu te auſentes;
E quando o fazem, triſtes, deſcontentes
Ao Padre Téjo contão,
Que te vírão, meu Bem, e alli lhe apontão
As tuas perfeições, que nunca dizem,
Por mais e mais que as expreſsões repizem.

Se dizellas pudeſſem, que dirião?
E ſe as viſſem como eu, que ſentirião?
Eu as vi, eu as vi: Com que miſtura
De goſto, e de pezar ſe me figura
Eſta visão! O' penhas circumſtantes;
Se eſtamos ſós, direi as penetrantes
Couſas, que eſta alma firmemente enſerta
Mais entranhadas do que vós na terra;
Mas até tenho medo
De confiar de vós tanto ſegredo:
Eu o direi em fim, com tal cautella,
Que o ouça ſó aquella,
Que foi a doce cauſá, por quem ſigo
O mal que paſſo, as expreſsões que digo.

Não cuides, Ninfa, não, que da memoria
Riſcar já mais ſe poſſa huma viĉtoria,
Que Amor a vez primeira celebrára;
Bem que depois em mágoa ſe trocára:
Inda tenho preſente
De meus dias o dia mais contente:
Inda me lembrão os piedoſos ais,
Os géſtos, as palavras, os ſinaes,
As brandas petiçóes, os juramentos,
Em fim os namorados movimentos,
Com que ora examinando os olhos bellos,
Ora enfeitando os lucidos cabellos,
Toquei a face pura,
Onde Flora miſtura
A branca, e a roxa côr da madrugada.
Ah Ninfa delicada!
Todas eſtas razões, ſe me acreditas,
Vivem, e viviráõ neſta alma eſcritas!

Eſtas as cauſas são do meu deſgoſto,
Que me vem ſempre na afflicção do roſto:
Eſtas continuas lagrimas, que chóro,
Naſcem do que receio, e do que adoro:
Olho em fim para ti; e quando meço
Entre nós as diſtancias, eſmoreço:
Vejo que es huma Ninfa celebrada,
E das mais altas prendas adornada;
Eu hum Paſtor ſem nome, que ſe attenda,
Sem parte, ſem razão, que me defenda:

Tu dominando os campos, ſenhoreas
Os boſques, e as arêas;
Eu poſto em monte alheio, e tão deſerto,
Só de ruſticas pelles mal cuberto:
Tu de formoſo roſto delicado;
Eu tão mal figurado:
Tu polida; eu mais bronco
Que a groſſa caſca deſigual de hum tronco.

Qual Lavrador, que alguma rez comprára,
Porque com outros não ſe aconſelhára,
Depois lhe dizem todos, que he pequena,
E certo que foi pena
O dar tanto por ella; como louco
Reſolve-ſe a largalla por tão pouco,
Que perde o pobre em fim ſó por vendella,
Mais de metade do que deo por ella.

Aſſim receio eu, que tu, Senhora,
Conhecendo algum' hora
Que eſſe amor repentino
Não fora amor, mas fora deſatino,
Com que ao principio para mim olhaſte,
(*Porque comtigo não te aconſelhaſte*)
Me deixes pezaroſa
De ter ſido comtigo tão piedoſa:
Oh! Nunca chegue o dia
De tanto mal, de tanta tyrannia!
Que, inda que os teus favores valem tanto,
Mereec-os o meu pranto,

Me-

Merece-os a conſtancia,
A inquietação, o amor, o ſuſto, a anſia,
Que dentro d' alma ſinto:
Só neſtas qualidades ſou diſtinto.

Não tenho largos campos ſemeados,
Que te poſſa offrecer, não tenho gados:
Não poſſuo colmêas,
Vivo peregrinando nas Aldêas
De cabana em cabana:
Hum mez aqui, além huma ſemana;
Mas tenho huma alma, bem que triſte, Nobre:
Huma vida, que he tua, ainda que pobre:
Hum amor, que te iguala:
Huma fé, que a nenhum temor ſe abala:
Em fim hum coraçaõ, de quem tu ſabes
A grandeza que tem, pois nelle cabes.

Não tenho outros haveres,
Se diſto te contentas, ſe iſto queres,
Como já n' outro tempo ſuccedia;
Que para ti, ó Ninfa, não havia
Outro preço maior
Que huma alma cheia de hum ſincero amor,
Tudo em mim acharás da meſma ſorte;
E ſe he poſſivel, inda amor mais forte.

Mas ſe eſtás de querer-me arrependida,
Não te arrependas do me dar fingida

Aquel-

Aquella branda moſtra de piedade,
Que paſſou tantos tempos por verdade;
E ſe quer neſte engano,
Suave ao meſmo tempo que tyrano,
Conſerva o meu deſejo,
Onde tenho mil mortes de ſubejo.
Se acaſo me aborreces, como entendo,
Se me deixares, de que eſtou tremendo,
Seja aſſim, pois o queres; mas de modo,
Que eu o não chegue a conhecer de todo:
Não te cuſtará muito neſte eſtado
Trazeres-me enganado:
Eſte pequeno allivio me conſente;
Triſte quem de tão pouco eſtá contente!

TERCETOS.

MImoso Infante, Principe adorado,
Esperança mais firme do futuro,
Consolação mais certa do passado:

Amparai este pletro mal seguro,
Como succede á hera trepadora,
Quando fraca se arrima ao forte muro.

Nova Musa me dai, pois temo agora
Desentoar no canto desta minha,
Por costumada ás lagrimas que chora.

Oh Musa a mais feliz! Quem te apadrinha?
Que já sinto sahir-me a voz do peito
Menos gelada, do que d'antes vinha.

Vós sois, Senhor, a causa deste effeito;
Por isso nestas clausulas pequenas
Ouvir-me-ha todo o Mundo com respeito.

E protegendo rusticas avenas,
Ir-vos-heis costumando de Menino,
Antes de serdes Rei, a ser Mecenas:

Que ſe o forte Thebano em pequenino
Deſpedaçava já dragões no berço,
Fera he tambem o meu fatal Deſtino.

Novo Alcides, Senhor, meu toſco verſo
Amparai; que he mais ardua reſiſtencia
Vencer as forças de hum Deſtino adverſo.

Ouvi-me pois, ouvi-me ſem violencia,
Que as razões da fiel ſinceridade
Bem póde percebellas a innocencia.

Vós ſois aquelle ramo, em cuja idade
A Lei florecerá conſtantemente
Deſta pequena antiga Chriſtandade?

Vós ſois aquelle fruto inda pendente
De huma arvore de Chriſto ao Ceo ſubida,
De que hoje faz a Portugal preſente:

Vós ſois aquella palma enobrecida,
Que na frente das noſſas eſperanças
Irá creſcendo para ſempre erguida:

Vós o Iris ſois daquellas ſeguranças,
Com que Deos tão benigno, tão piedoſo
Nos promette pacificas bonanças.

Bem-

Bemdito Reino! Portugal ditoſo!
Oh não te aſſuſtes mais! Oh não ſuſpires!
Se es do Ceo tão bem viſto, e tão mimoſo.

De lá te diz Affonſo, que reſpires,
De lá neſte ſeu novo deſcendente
Te manda o ramo, o fruto, a palma, o Iris.

Ah meu Senhor! Meu Principe excellente!
Guardai, como promeſſa, eſta memoria
De huma boca infallivel, que não mente.

Lá quando lerdes a famoſa hiſtoria
Dos voſſos Immortaes Progenitores,
Vereis mais altamente a voſſa gloria:

Vereis, que são eternos moradores
Do verdadeiro Olympo, onde ficárão
Suſtendo ſempre os Regios Succeſſores:

Vereis o claro accento, a que chegárão;
Não porque forão Reis, mas virtuoſos
No ardor, com que huns aos outros ſe imitárão.

Mas voſſos Pais Auguſtos, e famoſos,
Que as ſacroſantas Leis da heroicidade
Sabem dar, e ſeguir tão cuidadoſos,

Vos levaráõ á excelſa extremidade,
Por onde com trabalho, e com deſvelo
Sóbe a gozar o Heroe da Eternidade.

E em quanto não podeis reconhecello,
Vos eſtá preparando hum novo eſtado
De voſſo Auguſto Avô o amor, e o zelo.

Para vós vai creando eſte Reinado
Cheio de gloria, cheio de excellencia,
Com qüe ſe faz no Mundo reſpeitado:

Vereis nelle invariavel a obediencia,
Sempre conſtante a Fé, rècta a Juſtiça,
Entreada a Ambição, muda a Inſolencia:

Vereis a applicação nunca remiſſa,
Com que entretida a molle ocioſidade,
Deſentorpece os membros a preguiça:

Vereis ſeguir-ſe as regras da piedade,
Do valor, da ſciencia, da conſtancia,
Da ſanta Paz, da juſta liberdade:

Vereis aquella radical ſubſtancia,
Com que nutre o Commercio as Monarquias,
Encher voſſos eſtados de abundancia:

Affim vereis, Senhor, todos os dias
Com proveitoſa ſingular cultura
O Reino florecer por tantas vias:

Como aquelle, que em grande ſemeadura
De bem mondado trigo vai com goſto
Cortando a loura eſpiga já madura.

Creſcei, qual tronco em ferril chão diſpoſto,
Que des que os largos ramos eſtendêra,
Servindo a tantos, vai de abrigo, e encoſto.

Vinde illuſtrar de todo a Luſa Esfera;
Que ſendo muito, o que de vós alcança,
He muito mais o que de vós eſpera:

Grão parte do ſeu pezo em vós deſcança,
E já ſem que o ſintais ſe differença
O muito que podeis ſó na eſperança:

Por nós ao Ceo chegou ſúpplica immenſa;
E de taes qualidades quiz encher-vos,
Que fez maior que o voto a recompenſa.

Elle, que tanto ſoube enriquecer-vos,
Ha de, affeiçoado ao voſſo géſto lindo,
De faſcinantes olhos defender-vos.

Em vós todas as Graças se estão rindo,
Brincando irão comvosco melindrosas,
Quaes ao filho de Venus divertindo.

Do vosso tratamento cuidadosas,
Huma no berço de ouro vos reclina,
Outra vos cobre de purpureas rosas.

Ora Piro embalando-vos benigna,
Ora nos braços da risonha Aglaya,
Ora no brando collo de Eufrosina:

Para vós anda Thetis já na praia
Escolhendo do mar alvas pedrinhas,
Que a onda arroja, e lambe, quando espraia.

Com ella vão as Ninfas mais vizinhas
Nos virginaes regaços apanhando
Torcidos buzios, concavas conchinhas.

A longa, e branca barba penteando
Já sobre as mansas ondas apparece
Banhado em gosto o Téjo venerando.

Seu futuro Senhor vos reconhece:
Descubri-lhe essa mão candida, e pura,
Que já para a beijar se ensoberbece.

Voa, ó Fama veloz, pelo ar ſegura,
Sacode as pandas azas, vai ſeguindo
O caminho, que te abre eſta Ventura.

Deſte Principe o nome diffundindo
A's mais remotas gentes, que encontrares
Na diſtancia, que vai do Téjo ao Indo:

Voa áquelles longiſſimos lugares,
Que com teu brado univerſal abranges,
De Africa ás terras, e do Oriente os mares:

Tremão de ſuſto os barbaros alfanges,
Que inda para cercar a Luſa frente
Cria palmares inclytos o Ganges:

Dize ao torpe, e toſtado continente
Da inculta Abylla, que vá já tirando
O perfido turbante reverente:

Ao feio Tormentorio vai chegando,
Atroa-lhe os aſperrimos ouvidos,
Nunca ſabidas couſas eſcutando:

E que dos navegantes deſtruidos
O crime pagará, que inda lhe reſta,
Vendo os membros grandiſſimos tolhidos;

Porque ſe os mares ainda agora infeſta
As Luſitanas proas, que algum dia
Lhe ha de abaixar a carrancuda teſta:

Faze-te ouvir por toda a Cafraria,
Depois avante paſſa, e vai correndo
Lá por outra Região menos ſombria;

Agora a rica Ormuz eſtremecendo,
Agora Meliapôr, e o Guzarate,
Affamados deſtrictos diſcorrendo.

Prognoſtíca hum cruiſſimo combate
De ſegura victoria ás fortalezas
De Jalofo, Tidore, e de Ternate:

Em fim das fortes armas Portuguezas
Annuncía do Mundo em toda a parte
Mil futuras, e proſperas grandezas.

E vós, com quem benigno o Ceo reparte
Toda a graça de Adonis, algum dia
Armado filho vos verão de Marte:

Europa a voſſos pés, de medo fria,
Tributos vos dará; e a Aſia ingente
Perolas Orientaes, que a Aurora cria:

Negros vultos irão de Africa ardente
Desentranhar na America salvagem
Thesouros ricos de metal luzente.

Povo estranho de barbara linguagem,
Pela soberba foz do Téjo entrando,
Vos jurará firmissima homenagem:

Então com lyra de ouro em verso brando,
A vós mais dignamente altos louvores
Os Pastores da Arcadia irão cantando:

Louvai, louvai, sollícitos Pastores,
O novo Successor do Reino: Cesse
O costumado canto dos amores:

Cantai o amor da Patria; o interesse
Commum da Monarquia: E o bom Pai della,
Por quem dos Póvos todo o bem florece:

Assim vos fareis dignos da capella,
Que Febo para aquelles tem guardado,
Que louvar sabem a Virtude bella;

E quando o aureo Tempo for chegado,
Que de Saturno o seculo fingia,
(Ah Tempo! Tempo Bemaventurado!)

Dirão, *verificada a profecia*,
Que fatidicamente se cantava:
De tal Pai, que outro Filho nasceria?
De tal Avô, que Neto se esperava?

BELIZA.

POis não quereis, memorias imprudentes
Senão andar contínuo revolvendo
Couſas, que mais vos fação deſcontentes:
Com inquietas azas
De novo vivas chammas accendendo,
E nellas reduzindo-vos a brazas:
Fartai-vos, loucas, conſumi-me embora:
Voemos onde mora
O principal motivo,
Por quem no meio de mil mortes vivo:

Eu vos darei materia accommodada,
A todas as idades tão eſtranha,
Que nunca em verſo triſte foi cantada:
Qual louco mal guiado
Correndo vai ao alto da montanha,
E ſe deita de lá deſeſperado:
Aſſim perdidos já, da meſma ſorte
Vamos buſcar a morte:
Primeiro ſubiremos,
Depois precipitados cahiremos.

Subamos pelas margens do alto Douro,
Onde cuido inda agora que me vejo
A' freſca ſombra do frondoſo louro;
Recorde as alegrias,
Como aquelle, que ceva o vão deſejo
Sómente com pintadas iguarias:
Mas ſenão podem glorias já paſſadas
Ser mais que imaginadas,
E aſſim vos ſatisfaço,
Demos, memorias minhas, mais hum paſſo.

Aquelle o boſque á Ninfa conſagrado,
A mais famoſa, que o grão Douro ha viſto,
Deſde que corre para o mar ſalgado:
Inda ſe me figura,
Que alli as horas paſſo, alli perſiſto,
Ou ſeja dia claro, ou noite eſcura:
Aquelles os confuſos ramos, onde
Beliza ſe me eſconde:
Aquelles os lugares,
Onde a Amor já Fortuna ergueo Altares.

A quem direi os caſos venturoſos,
Que alli paſſei, em quanto o quiz meu Fado,
Que os não tenha talvez por fabuloſos?
Oxalá, que pudeſſe
Ser ſonho aquelle tempo já paſſado,
Aſſim como inda agora mo parece!
Mas eſſes altos montes ſe abaixárão,
Eſtas aguas parárão
A ouvir os louvores,
Que alli me derão Ninfas, e Paſtores.

Alli vi de Beliza os olhos bellos:
Não ſei que movimento os meus lhe achárão
Que deſde então não pude eſtar ſem ve.los:
Alli hum certo dia
Das palavras uſei, que me enſinárão
Os ditoſos exemplos da ouſadia:
Logo Fortuna encaminhou meus paſſos,
Levantou-me nos braços,
E pela roda vária
Jurou a Amor de lhe não ſer contraria.

O menino, que nunca presumio
Que a sorte Deosa em seu favor teria,
De gosto as brancas azas sacudio:
Metteo a mão na aljava,
E das agudas settas, que trazia,
Huma escolheo, que mais aguda estava:
Para ferir Beliza a destinou,
A ponta lhe dourou,
Que quer que a arma seja
Arma igual á victoria, que deseja.

Voando foi Amor com rosto lêdo,
Beliza vio, e disparando o tiro,
A mão tres vezes lhe tremeo de medo:
Vós, ditosas montanhas,
Lhe ouvistes o ardentissimo suspiro,
Que então lançou das intimas entranhas:
De piedade os olhos se lhe enchêrão,
E logo se volvêrão
Por tão doce maneira,
Que inda não sinto cousa que mais queira.

Que devotos louvores não me ouvirão
Dar a Amor, e Fortuna esses outeiros,
Quando então meus triunfos de alto virão:
Não lhe queimei perfumes,
Não lhe emulei novilhos, nem cordeiros,
Sacrifiquei a vida a seus costumes,
Ardeo sem se gastar nunca a vontade,
Para ter liberdade
De pôr no Altar mil vezes
Novos desejos, em lugar de rezes.

Os Pastores, que o virão entre tanto,
Nos mais duraveis troncos o entalhárão
Para servir aos Satyros de espanto:
As Naydes, e Napeas,
Por mandado de Amor o recitárão,
Humas nos bosques, outras nas arêas;
E ás que erão mais destras nos lavores,
Por Tritões nadadores,
O mesmo Padre Douro
Mandou tecello n'uma téla de ouro.

Assim que as alvas filhas informadas
Forão de seu paterno mandamento,
Erguêrão mão das obras começadas:
Entre si concertárão
Armar novos theares n'um momento,
E as sedas de mil cores ajuntárão:
Qual escolhe das conchas crystallinas
As perolas mais finas,
Qual renova ligeira
De rico fio, eburnea lançadeira.

Havia Hirene debuxado a historia
Da filha de Nereo formosa, e pura,
Que foi de Polifemo pena, e gloria:
Do monstro a symmetria
Tão propria, e feia está, que da figura
A mesma Ninfa, que a bordou fugia:
As canas desiguaes, com que tocava,
Ao cólo nú levava,
E na mão por cajado
O pinheiro maior, que se ha cortado.

Mas ao longe alvejando eſtava a arêa
De huma praia deſerta, e deleitoſa,
Onde ſe via a linda Galathea:
Nos braços tinha o moço,
Que fez depois Portuna, de invejoſa,
Das duras mãos do Cyclope deſtroço:
N' outra parte correndo vão ſem tino,
Que era o cruel Deſtino
Do cioſo Gigante,
A's mãos haver, o ſeu contrario amante.

Tanto á pintura as deſtras mãos foccorrem,
Que quem alli os vê ſe lhe figura,
Que por ſima do panno vivos correm;
Depois apparecia
O Paſtorinho inerme, e ſem Ventura
Debaixo de hum penedo, que o cubria:
Com elle do ſalvage a força bruta
A crueza executa,
De ouvir em tal crueldade,
Ranger-lhe os tenros oſſos, ſem piedade.

Lo-

Logo o triſte mancebo deixa ver-ſe,
Perdendo a fórma humana, e começava
Em gottas de agua o corpo a desfazer-ſe,
Que em rio convertido,
Da grão Cecilia os férteis campos lava,
E o nome de Acis tem, bem conhecido:
Até que entra no mar, e em mar ſe troca
A compaixão provoca,
Que ainda murmurando,
De ſeu antigo mal ſe eſtá queixando.

Climene ouro, e ſeda entretecendo
N'outro delgado panno, alli parece,
Que as ondas do Heleſponto eſtão fervendo:
Daquém na populoſa
Europa Abido avulta; e apparece
Seſto dalém na Aſia poderoſa:
Alli as triſtes cores lhe miſtura;
Pintando a noite eſcura,
E do mar repreſenta
Alteradas as aguás co' a tormenta.

Nellas Leandro vai quaſi affogado;
Só hum braço entre as ondas ſe lhe via,
Que o outro tem já de nadar cançado:
Ao longe eſcaſſamente
Na torre de Ero a frouxa luz ardia;
Porém naquella noite inutilmente.
Ah que fariàs Ero, quando viſte
Na praia o corpo triſte
Deſſe, que por amar-te,
Inda depois de morto foi buſcar-te!

Entretida Leriope bordava
Os campos de Fenicia, onde abundante
O groſſo gado de Agenor paſtava:
Logo o filho de Maia
Guiando as manſas vacas mais diſtantes,
Se vê ao longo da eſpaçoſa praia:
Da branca, e flava côr, que imita o ouro,
Pinta o formoſo touro,
Em que fora mudado
Jupiter, d'alta Europa namorado.

Eu-

Europa alli de flores mil o enfeita,
O bruto as alvas mãos lhe eſtá lambendo,
E a cornigera fronte lhe ſujeita:
N'outra parte co' a preza
Em ſeus hombros no mar ſe vai mettendo,
Que tão formoſa carga não lhe péza;
Mas as Ninfas aqui chegavão, quando
Eſtas obras deixando,
A outras dão começo
De mais verdade, de mais alto preço.

Em nova tella Hirêne principia;
Mas ah louco, onde vou, que não conheço,
Que em lugar tal não poſſo entrar ſem guia!
Vós, Filhas da Memoria,
Vós, ſoberano Amor, por quem padeço,
Ajudai-me a tecer tão nova hiſtoria:
As azas, com que já voar pudeſte
Ao Parnaſo Celeſte,
Empreſtai a meu canto,
Que nunca preciſou de ſubir tanto.

Em nova tella Hirene repreſenta
Hum hoſque de altas arvores copadas,
Que nas margens do Douro ſe apoſenta:
Pelos troncos bordando
As brancas madreſilvas, enroladas
Parece, que por elles vão trepando:
O verde chão ſemea de outras flores
De mil diverſas cores,
E entre ellas miſtura
Fugitivos regatos de agua pura.

No fundo do arvoredo ſe diviſa
De huma ſó madre perola formada
A cavernoſa gruta de Beliza:
De Ninfas inferiores
Servida alli ſe moſtra, e rodeada,
Bem como a roſa em meio de outras flores:
Alli genios ſolícitos voando
A mão lhe eſtão beijando,
E o Sacro Pan lhe tece
As capellas de lyrios, que lhe offerece.

N'outra parte do panno eſtá pintado
Entre os viçoſos ramos da floreſta
Hum ſombrio lugar do Sol vedado:
Lugar, onde algum dia
Muitas vezes as horas da alta céſta
Gaſtei com ella, em quanto Amor queria;
Mas inda quando alli mudos eſtamos,
Parece que fallamos
Segredos delicados,
Que eſcreve Amor nos géſtos namorados.

Climene deſtramente lá figura
A minha inquietação: Alli me vejo
Vagando pela ruſtica eſpeſſura:
Agora levantando
As máos ao Ceo, que me levou do Téjo,
A ver do Douro o roſto venerando:
Agora penſativo, e recoſtado
Sobre o curvo cajado,
N'outra parte da tella
Correr me vejo para os braços della.

Já me recebe nelles, já me aperta,
Turbada a face tem de vergonhoſa,
De amor, de peijo, e de ſuor cuberta:
Logo os olhos levanta,
Põe ſobre o branco peito a mão formoſa,
Jurando a fé, que nunca mais quebranta:
D' entre os ramos os Satyros Caprinos
(Com ſeus olhos malinos)
Porque viſtos não ſcjão,
Notando eſtão o meſmo, que deſejão.

N' outra parte ſe vê com brando roſto
Na lyra modulando, os namorados
Doces verſos, que Amor lhe tem compoſto:
Os vizinhos penedos
Das imminentes ſerras deſpegados
Rolando vem ouvilla: Os arvoredos
As raizes da terra já tem fóra
Ao ſom da voz ſonora,
E o leve paſſarinho
No ar parado não lhe lembra o ninho.

Mas Leriope deſtra, que alcançava
Pelo curſo das aguas o futuro,
E em mudas profecias trabalhava:
O caſo deſaſtrado
Tecendo eſtava do Deſtino eſcuro,
Com que fui deſtes montes apartado:
Trabalhando chorando já temia
Aquelle triſte dia,
Que inda na memoria
Atflige ver tão laſtimoſa hiſtoria.

A hora do fatal deſpedimento
Em campo borda alli de pardo, e ouro,
Denotando triſteza, e ſentimento:
Carregados os montes
De ſombra eſtão do verdenegro louro,
E em roda os macilentos horizontes:
As Ninfas arrancando as tranças bellas
Pinta, e no meio dellas
Beliza magoada,
Perdida a côr, e em lagrimas banhada.

Alli eſtou ſem ſaber determinar-me,
Os ſaudoſos olhos alongando,
Sem haver quem dos ſeus poſſa apartar-me;
E como por violencia
Dous miniſtros crueis me vão levando
Ao ſacrificio da forçada auſencia:
Já lá vou n' um lugar mais apartado
Co' roſto atrás voltado,
E por mais que deſejo
Tornar a ver Beliza, não a vejo.

Mas onde, ó penſamentos, me levaſtes,
Onde foſtes toçar, que das feridas
Que n' alma tenho, o ſangue renovaſtes?
Agora, que eu julgava,
Vendo no Douro as Ninfas entretidas,
Que lêdas horas inda alli paſſava:
Ante os olhos me pões tão vivamente
Ora tão deſcontente,
Que já não ſoffre engano
A verdade tão certa do meu dano.

São

São outros eſtes campos, eſtes ares,
Outros eſtes Paſtores, e eſte gado,
São outras as cabanas, e os lugares:
Eſtas aguas, que vejo,
Não são as aguas do meu Douro amado,
As aguas são do aborrecido Téjo:
Nenhuma Ninfa das que o monte piza
He a minha Beliza,
Nem podia ſer ella,
Que he mais amante, e mais que todas bella.

Não vejo mais, que imagens de triſteza,
E inda algumas, que naſcem de alegria,
Vão perdendo comigo a natureza:
Que importa que a Ventura
Pinte a conſolação de ver hum dia,
Se póde vir primeiro a noite eſcura.
De que valem razões bem começadas,
Se tão mal acabadas
Pelas mãos da Eſperança,
Moſtrão depois tão pouca ſegurança.

Sem ti Beliza eſtou, como acontece
A eſtrangeiro Paſtor, que erra o caminho,
E no meio do monte lhe anoitece:
Alli a noite paſſa
Debaixo de alguma arvore ſózinho,
Eſperando impaciente que o Sol naſça;
Mas bemaventurado, que ha de ver
O dia amanhecer,
E eu triſte, que não ſei
Quando a ver os teus olhos tornarei.

Imagino que ás vezes reſplandecem
Muito perto de mim; porém que importa,
São nuves de Ixion, que me apparecem;
Se as almas acabaſſem,
Já de mágoa eſta minha andára morta;
Mas de huma fonte ſem principio naſcem
Para não terem fim, e eſta certeza
Faz maior a triſteza,
Com que andarei ſem termo
Sentindo os males, de que vivo enfermo.

Para conſolação ás vezes quero
Deſeſperar de todo, ſe pudeſſe;
Mas ſó porque he allivio, não o eſpero;
E ſe não eſperára,
Me diz Amor, (que os males bem conhece)
Que outros males maiores me cuſtára,
Nem a Amor creio, nem a mim me enrendo,
Nem ſei o que pertendo,
Pois quem morre eſperando,
Que mal terá maior deſeſperando.

Aſſim me queixo a Deos, ao Mundo, e á gente,
Como aquelle, que grita da pancada,
Que já ſoffrer não póde a dor, que ſente:
Já de mais nada curo,
Que de trazer a voz alevantada,
Pois outta medicina não procuro:
A ninguem que me acuda rogo, e peço
Nos males que padeço:
Os ouvidos me fechem,
Peço ſómente, que gritar me deixem.

Até que eſta voz tremula, e ſentida,
Penetrando as entranhas deſte monte
No grão Reino de Dite ſeja ouvida:
O ſom de minhas mágoas
Enfreará do fervido Acharonte
As venenoſas denegridas aguas:
Tantalo então verá, que a ſede antiga
Alli ſe lhe mitiga,
Vendo que he mais ardente
A ſede triſte, que ſupporto auſente.

Seſifo, o pezo ſentirá mais leve
Da pedra, com que aos hombros nunca pára
Em pena do ſegredo, que não teve,
Porque eſtes meus cuidados
(Que eu inda aſſim com elle não trocára)
Mais trabalhoſos são, e mais pezados.
Orfeo tambem verá que excede tanto
Ao ſeu eſte meu canto,
Que com elle podia
Trazer de novo a Eſpoſa a luz do dia.

Eſte roedor deſejo da ſaudade,
Que lentamente eſtraga, e não conſome,
Tendo ſempre materia na vontade:
Fico, que em Thicio faça
Menor do Abutre eſſa perpetua fome,
Que o figado immortal lhe deſpedaça:
Depois que chorar lagrimas de modo,
Que pelo Inferno todo
Triſtes, e derramadas
Deſcanço dem ás almas condenadas.

Inda verei de cá ſe poſſo tanto,
Que lá vou esforçando a voz com ellas
Apiedar no Ceo o Coro Santo:
Se diſſer, que o que ſinto,
De que são teſtemunhas as Eſtrellas,
Capaz ſerá de mais e mais, não minto;
Mas não temas, Beliza, que entre tanta
Onda, que o mar levanta,
Deixe a Náo de ir ſegura,
Ou por vento contrario, ou noite eſcura.

Por ſerras de crueis impedimentos,
Que diante dos olhos creſcer vejo,
Indo, e vindo eſtarão meus penſamentos:
Não póde ſer atado
A' roda da Fortuna eſte deſejo,
Que naſceo livre, e não ſe quer forçado:
Elle fará, que eu viva lá comtigo,
E tu aqui comigo,
Que ſem que os corpos mude,
Para mudar, as almas tem virtude,

Mais te diſſera deſta sá vontade,
Que Amor com puras mãos para offerecer-te
Limpa eſcolheo de toda a falſidade;
Mas já o não pertendo,
Porque iſſo fora o meſmo que dizer-te,
Que para o mar os rios vão correndo;
Que os montes não ſe movem; que o ſobreiro
He maior que o ſalgueiro;
Finalmente ſeria
Accender tochas, quando naſce o dia.

Todos são sabedores de meus males,
Que o mal soffrido Amor anda contando,
Sem eu querer, por montes, e por vales:
Diante de mim vai
Por onde quer que vou, como lançando
Triste pregão de alguem, que a morrer sai,
Apôs delle suspiros magoados
De tristeza espaihados
Deito por roda a parte,
Sem que já mais de suspirar me farte.

Assim por estes campos vago errante
Fujo dos homens, vou buscando as féras
Até parar no monte mais distante:
De lá os olhos viro
Para a parte onde estás: Ah se souberas!
A saudade com que então suspiro,
Não sei que acho no ar, que dalli corre,
Que a vida me soccorre:
Vê quanto póde, e mente
O pensamento de quem ama, e sente.

Inda maiores couſas me acontecem:
Continuamente as aguas deſte rio,
Sendo claras, medonhas me parecem;
Dos campos a verdura
Não he mais feia, no mirrado Eſtio:
As namoradas Ninfas da eſpeſſura
Como paſſo ſem pôr os olhos nellas,
Nada ſei dizer dellas;
Só ſei, que ſe te víra
O contrario de tudo, aqui ſentíra.

Mas em quanto, ó Beliza idolatrada,
Não for minha Ventura mentiroſa,
De Amor pela palavra demandada:
Em quanto neſſas praias
Não ſoar eſta flauta ſonoroſa,
Como algum dia, á ſombra de altas faias:
Em quanto não puzer meus olhos lêdos
Neſſes longes penedos;
Em quanto onde tu moras
Não paſſar (*qual paſſei*) alegres horas.

Aqui desfeito em lagrimas, e dores,
Misturando meu choro, c'o meu canto,
Darei queixas a Amor, e a ti louvores:
Não sejão mal ouvidos,
Se chegarem molhados do meu pranto
Descompostos de dor, de arte despidos;
Antes ache por isso acolhimento
Hum pobre entendimento,
Como o que salva a vida
Dos altos mares, em que a vio perdida.

E vós, Pastores meus, do que me ouvistes
Não vos peço louvor, menos capellas,
Que já mais se fizerão para os tristes:
O que peço sómente
He a vossa piedade em lugar dellas;
E se ficar meu canto impertinente,
Por isso entre vós-outros condenado,
Sabei que inda guardado
Tenho mais do que hei dito,
Que he a tamanha dor, pequeno grito.

IDILIO.

Preparemos, ó Muſa, hum novo canto,
Temperemos a lyra,
Não ſeja tudo pranto:
Cante huma vez, quem tantas mil ſuſpira;
E ſe a ſuprema dor, que n'alma temos,
Apertar muito, ás vezes gritaremos:
Aſſim de quando em quando
Por eſpinhos, e flores
Iremos pelo Mundo miſturando
Lagrimas com louvores.

Honre-ſe o géſto, o peregrino géſto
Daquella, cujo peito
Formoſo, como honeſto,
Traz eſte meu em lagrimas desfeito.
Ah bella Olaia, Olaia inda mais bella
Que a flor do campo, que do Ceo a Eſtrella:
Mais grata, mais amena
Do que amanhece o dia,
Mais viſtoſa, mais pura, mais ſerena
Que o mar em calmaria.

Apar de ti as Ninfas deſta ſelva
De géſto mais formoſo
São como a baixa relva,
Que naſce junto ao Platano frondoſo
Das praias a conchinha mais luſtroſa,
Dando-lhe o Sol, não fica tão formoſa
Como tu me pareces
Formoſa, deſtouçada:
Tens a luz natural, e não careces
De outra luz empreſtada.

Ah theſouro a meus olhos eſcondido!
Só deſcuberto agora;
Qual tentou atrevido
Ir-te buſcar ás Regiões da Aurora?
Ou es, talvez Olaia, eſſe theſouro,
Que já cahio do Ceo em chuva de ouro;
Mas de outro Ceo deſcêrão
As tuas perfeiçõcs
De fabulas ſubtis, não ſe fizerão
Tão raras proporçõcs.

Tanta graça os teus membros ſoberanos,
De donde he que a tirárão?
Da maſſa dos humanos,
Nunca taes dons no Mundo ſe formárão
Em géſto, e partes taes; eu imagino
Que ſe empenhou o Artifice Divino:
Não tem a Natureza
Tanto poder, e eſtudo,
Que muito pois quem fez tanta belleza,
Que poſſa fazer tudo:

De teus olhos namorão-ſe as Eſtrellas,
E nas ſuas meninas
Vem ſeus retratos ellas,
De donde tirão luzes mais Divinas:
Para ver eſſe cólo mageſtoſo,
O monte ſe debruça: O rio undoſo
Por mais que eſteja em calma
O curſo apreſſa, e corre.
Ah bella Olaia, que fará huma alma,
Que ſente, que diſcorre?

Ditoſo ſeja aquelle, que embebido
Póde eſtar no teu roſto,
Sem ter outro ſentido,
Que examinar de eſpaço eſſe compoſto:
Ditoſo ſeja aquelle, que eſcutando
Ora as palavras, ora o rizo brando,
Vê d'um, e d'outro géſto
O moto peregrino,
Claro, puro, ſuáve, manifeſto,
Que eu de ver não ſou dino.

A quanta gente barbara, e inculta
Concede a Natureza
O ouro, que ſe occulta
Na terra, ſem ſaber o que he riqueza!
E a quantos póvos, que lhe dão valia,
Das terras apartou, onde ella o cria!
Aſſim Ventura agora
Dá teu valor, e preço
A quem talvez o teu valor ignora,
E a mim não, que o conheço.

E ha quem nas mãos a cithara não tome,
Eſpalhando louvores
Em honra do teu nome!
Ha quem te veja ſem morrer de amores!
Vós, muſicos Paſtores das campinas,
Vinde, coroai de candidas boninas
A voſſa Tutelar,
Moſtrai o meu deſejo
A' Ninfa mais gentil, mais ſingular,
Que tem o voſſo Téjo.

Camões, honra das Muſas, que a primeira
Fama terás por ſorte
Bernardes, tu Ferreira;
E outros, em quem poder não teve a morte:
De lá vos inclinai do Coro Santo,
Com voſſo canto acompanhai meu canto:
Não ſahe elle de peito
Impuro, e corrompido:
De huma cauſa Divina hum baixo effeito
Nunca foi produzido.

Volvei o roſto lá do Ceo ſereno,
Lançai a viſta pura
Ao noſſo vil terreno,
E vereis huma nova formoſura,
Vereis ſe á voſſa cithara ſonora
Déſtes rão alta empreza como agora:
A temperada chamma
Louvai de huns olhos bellos,
Que ſabe moderar, em quem os ama
O deſejo de vellos.

Olaia he mais formoſa, e ſoberana
Que Lucrecias, e Helenas;
Mais pura que Diana,
Mais ſuave, que as nove Irmans Camenas:
Ella he por quem, de ſuſpirar não canço,
Por quem enfreio o vento, e o mar amanſo,
Dizendo minhas mágoas,
Por quem do claro Téjo
C'o meu amargo pranto turvo as agoas
O dia que a não vejo.

Em quanto a ſeca mão da Morte fria
Contra mim levantada
No derradeiro dia
Me não gelar no peito a voz cançada:
Por meio, Olaia, de mortaes perigos,
De ventos ſoltos, mares inimigos,
Rodeado de horrores
Já ſem ter ſalvação:
Primeiro que os meus ais, os teus louvores
Na boca me ouviráõ.

SONHO.

HUm dia, que o meu gado apaſcentava
Nas ribeiras do Téjo,
Que ſempre com meu pranto accreſcentava,
Apôs do meu deſejo
O leve Penſamento me voava.

Aonde vás? Mil vezes lhe dizia:
A Tirce, a Tirce vou,
Cá dentro de mim meſmo reſpondia;
Mas quando imaginou,
Que inda voar tão alto poderia!

E logo ſobre a relva reclinado
Tantos ſuſpiros dei,
Que adormeci de ſuſpirar cançado.
Mas ah! Que inda fiquei
Mais do que ao ſomno, entregue a meu cuidado.

Alli a mentiroſa fantazia,
Que couſas me figura!
Que eſtava dando Leis me parecia
Sobre a meſma Ventura;
Tal era a elevação, em que me via!

Que dominava os póvos mais diſtantes,
Que os empolados mares
Via cubrir de immenſos navegantes;
E ſoltas pelos ares
Ondear as bandeiras tremolantes:

Que com ſubmiſſo roſto a mim chegavão
As Naçôes Eſtrangeiras,
E a mão medroſamente me beijavão:
Que Provincias inteiras
Copioſos tributos me pagavão.

Que em douradas carroças caminhava
Com guardas Militares;
Que poſto á Regia meza ſó goſtava
Exquiſitos manjares,
Que alli mercês, e novas honras dava.

Que em ſoberbos Palacios aſſiſtia,
De precioſos lavores
Cubertas as paredes, onde via
De meus Progenitores
Succeſſiva Real Genealogia.

Que hum numero infinito de criados
Me rodeava o leito;
Em fim, que eu era Rei, que tinha Eſtados;
E que, ſe era ſujeito,
Era ſómente á Lei dos meus cuidados.

Que

Que Tirce, (a mais discreta, a mais formosa
Ninfa, que o Téjo estima,
De sangue illustre, geração famosa,
A quem mais alta rima
Fará eternamente glorioſa.)

Aquella Tirce, aquella Divindade,
Que transformar pudera
Em alta, a minha humilde qualidade;
Ouvia menos féra
Do cego Amor a grão temeridade.

Que a seus mimosos pés deposto havia
O mesmo Sceptro Augusto,
E a fronte c' o Diadema lhe cingia:
Nem Throno de mais custo
Para mim, que os seus braços pertendia.

Que com o rosto seu em laço estreito
Apertava o meu rosto;
E que de tanta gloria satisfeito,
Com lagrimas de gosto
Lhe regava o mimoso, e branco peito.

Que a côr de rosa mais se lhe accendia
No purpureo semblante
A cada favor seu, que lhe pedia,
E que de instante a instante
Mais formosa no gésto parecia.

Que os engraçados olhos lhe beijava;
Que de finos diamantes
Os dourados cabellos lhe adornava;
Que palavras amantes
Eu lhe dizia, ella me tornava.

Quando nesta reciproca ternura
Da mais completa dita,
Que nunca figurar soube a Ventura,
Por mim hum Pastor grita,
Que o caminho da Aldea me procura.

Acórdo espavorido, e o Regio trato
Veloz se desvanece:
Fico alheio de mim, fico insensato,
E de novo apparece
O meu antigo, e pastoral ornato.

Olhava para mim: De meu não via
Mais que hum pobre cajado;
Hum pequeno rebanho sem valia,
Hum çurrão pendurado
Ao canto da cabana, em que vivia.

A huma, e outra parte afflicto olhava,
Não via Tirce; e em vão
Tirce, *Tirce*, por ella em fim chamava;
E só no coração,
No coração a minha Tirce achava.

Quem te arrancou da minha companhia?
(Dizia ſuſpirando)
Se acordado gozar-te não podia,
Porque ao menos ſonhando
Me não durou mais tempo eſta alegria?

Oh quem pudera, amada Tirce, achar-te
Outra vez nos meus braços!
Mas como de hum Paſtor, para apertar-te,
São indignos os laços,
Uſou talvez comigo Amor deſta Arte.

Quiz dar-me a conhecer, que com decencia
Hum Paſtor não podia
Gozar a Tirce ainda n' apparencia;
E deſta fantazia
O acaſo tomarei por providencia.

Ordena-me a razão que me reporte,
Olhando os meus defeitos;
Mas no Mundo não ſó a fria morte
Faz iguaes os ſujeitos,
Que Amor os ſabe unir da meſma ſorte.

Ah ſuſpirada Tirce! Se eu pudera,
Aſſim como ſonhei,
Subir de Rei á imaginada Eſfera,
Fora mais do que Rei,
Se inda ſendo Paſtor, ſer teu pudera!

TA-

TABELLA
ALFABETICA

De todos os Sonetos, que contém este primeiro Tomo, assinalados alfabeticamente com as paginas, em que vão lançados cada hum per si; e assim tambem todas as mais Obras.

SONETOS.

A

A Ffoito córte o mar o navegante, pag. 1.
A Acaso fui senhor, rico, estimado, 26.
A Deos Pastora ingrata, já de Aleixo, 33.
Agora, em quanto despertando a gente, 43.
Albino, cuja idade inda o levava, 48.
A Deos Natercia ingrata, a Deos ímpia, 51.
Aquelle, que inda espera ter ventura, 56.
Aquelle amor, que tinhas n' alma escrito, 61.
Aonde andais, ó Parcas venenosas, 81.
Albano quem es tu? Teu baixo estado, 87.

ODES.

Aonde me arrebato, 101.
Aonde, aonde, corações humanos, 108.
Ao mais leve ruido, 113.

ECLOGAS.

Albano, e Damiana, 157.
Agrario, Braz, e Anfriso, 179.

SONETOS.

C

Cruel, fica-te em paz, e o vil intento, 31.
Como eſtá eſte ſitio ſocegado! 37.
Cuidei, ouvindo a doce melodia, 54.
Como ſoffres, ó Jupiter ſupremo, 58.
Com alegre apreſſado movimento, 65.
Cuidas talvez, Olaia, que imprudente, 89.

CANÇÕES.

Com teu formoſo roſto, 146.

SONETOS.

D

Do goſto, que já tive n' outra idade, 17.
Depois que a mil tormentos offrecido, 35.
Divina Laura, ſe vencer deixaſſes, 42.
Dormindo eſtava Albano, e porque Alberta, 45.
Dormindo Anarda eſtá. Quem te dilata, 47.
Depois que a linda Altea deſtes prados, 50.
De amor em triſtes lagrimas banhado, 57.
Do rio as claras aguas, que ſoando, 73.

CANÇÕES.

Da clara eſtirpe dos Heroes valentes, 152.

SONETOS.

E

Eu vi huma Paſtora em certo dia, 30.
Encontrou-me eſta graça em tal deſtroço, 68.
Eſte obſequio, ſenhor, que vos envia, 75.
Entre o ſoldado envolto em ſangue, e terra, 85.
Em frauta agreſte, em lyra altiſonante, 92.

ODES.

Entre as Deoſas tão célebres em Ida, 105.
E conſeguio a pállida doença, 111.

SONETOS.

F

Fugindo fui de amor, que me ſeguia, 14.
Filho, por mais que a Praça combatida, 22.
Felices margens do ſaudoſo Téjo, 82.
Formoſiſſima Olaia, o teu ſemblante, 82.

SONETOS.

H

Huns gracioſos olhos matadores, 28.
Hum dia de Limano acompanhado, 78.
Hum mudo ſuſpirar continuamente, 94.

ECLOGA PISCATORIA.

Havia largo tempo, que eſcondêra, 201.

EPISTOLAS.

Ha mil tempos, bom Silva, que saudoso, 223.

SONHO.

Hum dia, que o meu gado apascentava, 299.

SONETOS.

I

Já, Fortuna cruel, tenho assentado, 7.
Irman ditosa, que de cá subiste, 66.
Já Portugal respirará contente, 98.

SONETOS.

L

Lá vem apparecendo a minha Aldea, 4.
Lá n' uma praia cavernosa, e fria, 91.

CANÇÕES.

Longe barbaro vulgo, 138.

EPISTOLAS.

Lorinda bella as obras Pastoris, 249.

SONETOS.

M

Marinho Pescador no Téjo andava, 2.
Mil tempos resisti á força dura, 10.
Meu Pai, o nupcial ajuntamento, 24.

Man-

Mandou-me, que cantaſſe Amor hum dia, 55.
Morreo o bom Luiz: Já não veremos, 76.
Meu amado Mondego, meu amado, 79.

EPISTOLAS.

Minha inimiga bella, 252.

TERCETOS.

Mimoſo Infante, Principe adorado, 258.

SONETOS.

N

Neſta Aldea, onde eſtou, meu bom Fileno, 3.
Não chóro como aquelle, que em perigo, 5.
Neſte que julga o Mundo abatimento, 18.
Não foi divida ſó, mas natural, 23.
Não haverá hum ſitio tão ſagrado? 69.
No Templo entrei de Amor: Inda gelado, 7.
Ninfas deſtes vizinhos arredores, 83.
Na borda do ſeu concavo ſaveiro, 96.

ODES.

Não de Carthago, nem de Troia canto, 122.
N'um ſitio, que buſquei accommodado, 131.

SONETOS.

O

Ouvio Amor teu canto, e ſurprendido, 25.
Oh quem pudera á ſombra deſte arbuſto, 40.

Os annos da feliz puerilidade, 60.
O Tempo que veloz desapparece, 63.

SONETOS.

P

Péga Lucrecia, no punhal violento, 21.
Porque foges, Pastora, a hum desgraçado, 29.
Por mais que faça hum atrevido estudo, 38.
Poz-se o Sol; como já na sombra fea, 39.
Passa o frio Janeiro, o ardente Agosto, 52.
Ponho tão livre os olhos em Damiana, 59.
Para ver se cantar-vos saberia, 72.
Promettendo a Limano Dorothea, 77.

EPISTOLAS.

Prezado Josefino, 212.

BELIZA.

Pois não quereis, memorias imprudentes, 268.

EDILIOS.

Preparemos, ó Musa, hum novo canto, 292.

SONETOS.

Q

Quando nas mãos de Amor me vi sujeito, 11.
Que me quereis, memorias de algum dia, 15.
Quantas vezes pacifico, e contente, 20.
Que será isto? As Ninfas enfeitadas, 27.

Que

Que assim sahe a manhã serena, e bella, 36.
Que triste, que profunda soledade, 41.
Que te vejão meus olhos, não consente, 71.
Que estranhos casos vi no monte, e prado, 80.
Quem nunca vio a luz formosa, e pura, 84.
Qual Pastor, que do sono accommettido, 86.
Quando Anarda gentil, os merecidos, 95.

ODES.

R

Ramo feliz, de frutos esperados, 127.

SONETOS.

S

Salve Templo seguro, onde a vontade, 8.
Se acaso deito a vista da lembrança, 9.
Só com o Grande, e Immortal Camões, 16.
Senhora, esses espiritos ditosos, 19.
Se intentais nesse engano industriosa, 32.
Se eu me víra n' um bosque, onde não desse, 34.
Seja-te parabem Téjo sagrado, 64.
Se eu pudera viver de noite, e dia, 88.
Se o Grão Cantor, que o Mundo encheo de espanto, 99.
Se a fama, que altamente pregoeira, 100.

ODES.

Se em teus puros Altares, 129.

EPIS-

EPISTOLAS.

Sabio Jurisconsulto, 236.

SONETOS.

T

Traz-me aos males de Amor tão costumado, 13.
Tanto neste saudoso apartamento, 49.
Tu que os costumes, e as paixões retratas, 74.
Tyrana Olaia, o teu desabrimento, 90.
Trazei Ninfas, trazei mimosa arêa, 93.

SONETOS.

V

Vão os annos fugindo, e vai a idade, 6.
Vem, ó Ninfa gentil, que não merece, 12.
Vio Alberto a Fillena, e namorado, 44.
Vio-me Altea, com livre desafogo, 53.
Voa saudoso Amor, e em breve giro, 68.
Vós, que á sombra dos alamos copados, 97.

ODES.

Vai mesquinha Ambição, chega-te ao leito, 119.

EPISTOLAS.

Vós, que da rica mão da Natureza, 244.

FIM.

PROTESTAÇÃO.

AS palavras Numen, Fado, Deſtino, Divindade, &c. empregadas ſómente para melhor exprimir a ficção Poetica, não tem alguma couſa de commum com os internos ſentimentos do Author, que como obediente filho da Igreja em tudo ſe ſubmette ás determinações della.